



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA)
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ (CCIIm)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS

YONÁ LUMA CAMPOS FERREIRA



POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: O
PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS
DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN

YONÁ LUMA CAMPOS FERREIRA

**POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: O
PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS
DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação e Práticas Educativas do
Centro de Ciências de Imperatriz da
Universidade Federal do Maranhão
como requisito para obtenção do título
de Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Betania
Oliveira Barroso.



Açailândia/ Imperatriz (MA)
2025



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Yoná Luma Campos.

POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: O PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN / Yoná Luma Campos Ferreira. - 2025.

115 f.

Orientador(a): Betania Oliveira Barroso.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas - Ppgepe/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Acailandia, 2025.

1. Pedagogia Feminista. 2. Educação Popular. 3. Gênero. I. Oliveira Barroso, Betania. II. Título.

YONÁ LUMA CAMPOS FERREIRA

**POR UMA PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: O
PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS
DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Educação e Práticas
Educativas do Centro de Ciências
de Imperatriz da Universidade
Federal do Maranhão como
requisito para obtenção do título de
Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Betania
Oliveira Barroso.

Qualificação Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Betania Oliveira Barroso (Orientadora e Presidente)
Doutora
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Witembergue Gomes Zaparoli (Membro Titular Interno)
Doutor
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Ana Paula dos Santos Reinaldo Verde (Membra Titular Externa)
Doutora
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho (Membra Suplente Interna)
Doutora
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras (Membro Suplente Externo)
Doutor
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)



À minha base e maior força de vida: minha família, dedico mais uma conquista de vida. Ao Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán, que me fez desabrochar enquanto mulher e ser humano. Às tantas pessoas que me rodeiam, inspiram e acreditam em mim.

Às mulheres que me antecederam, que tanto fizeram por todas nós. Às mulheres vítimas de tantas violências, nos reconhecemos neste caminho e, juntas, nos fortificamos por um mundo melhor não apenas para nós, mas para todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Tudo o que sou, não sou sozinha, tive e tenho, ao longo da minha jornada, seres de luz físicos e espirituais, que me atravessam, acreditam em mim mais do que eu mesma e aqui, nesse breve momento, venho agradecer.

À minha família, que tanto se orgulha de mim, mesmo não compreendendo tudo o que faço, se dispõe a acreditar e dialogar sobre. Mainha que, com todo o seu amor, me criou da melhor forma que conseguiu e me ensinou os melhores valores de vida, Painho, que fez brotar em mim o espírito selvagem da liberdade, mesmo que isso o tenha assustado por diversas vezes. A todos meus familiares, que têm um grande amor incondicional por mim e fazem com que eu queira ser melhor.

Cito, em especial, *in memoriam*, Pedoca, meu tio, por nome Pedro Pereira dos Santos. Meu companheiro que, em 2021, me deixou. Meu sinônimo de companheirismo e, ainda hoje, vou ressignificando sua partida dia após dia e caminho na certeza de que ele me acompanha por onde eu for.

No mais, todas as outras pessoas que não pude citar aqui, sintam-se abraçadas e reconhecidas nesses agradecimentos.

Às/Aos minhas/meus amigas/os, na verdade, manas, manos, monas, a todas as pessoas que me atravessam sem o laço de sangue, mas com o laço de alma, família que Deus me permitiu escolher. Aqui, dispensei citar nomes, pois cada pessoa sabe o lugar que ocupa em meu caminhar. Obrigada por acreditarem em mim, por respeitarem meu espaço, meu jeito e, se caso eu precisar, sei que estarão comigo nos mais belos momentos e nos que não são tão bons.

Um especial agradecimento a tantas mulheres que me inspiram a ser melhor. Tenho muita sorte de ser rodeada por pessoas incríveis e mulheres ainda mais.

A Witembergue Zapparoli, que, de maneira muito colaborativa, me apresentou a Pedagogia Feminista, mesmo eu já fazendo tudo, mas sem nenhuma consciência. Graças a esse toque tão natural, é que me vejo hoje no caminhar acadêmico com tanto orgulho do que venho produzindo e construindo.

À minha segunda casa, o Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán, que tanto me ensinou, apoiou, me revolucionou. Nunca me deixou entrar numa zona de conforto, sempre me impulsionou a ir além. Minha eterna gratidão por me apresentar a dança e todo o universo que conheci a partir das vivências nesse espaço. Ao universo, exclamo meu amor por esse lugar, que tem espaço de lar em meu coração e na minha vida.

À dança, que tanto me acolheu, me escolheu e me fez digna de partilhar, através do

meu corpo, essa arte, na qual acho o equilíbrio para minha saúde mental, e em que extravaso. Nesse meu primeiro desafio, compreendi que posso tudo o que me propuser a fazer com dedicação, amor e afinho.

À minha espiritualidade, que tanto me dá discernimento. Nos momentos em que pensei que não iria suportar, minhas mainhas espirituais, Painho do Céu, anjos, arcanjos, seres protetores e protetoras, me regeram em cada passo do meu caminho. Sinto-me extremamente agraciada por toda essa proteção.

A todas as pessoas que ainda virão me renovar e transformar; às minhas vivências que, apesar de, algumas, me trazerem feridas difíceis de curar, me ensinaram e ensinam cotidianamente.

Ao meu curso de Pedagogia e a duas mulheres que me impulsionaram nesse caminhar, minha tutora a distância, Kassandra Suellen Sousa Silva, e minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Ana Paula dos Santos Reinaldo Verde, que topou continuar comigo nessa jornada. As mãos de vocês me ajudaram a acreditar no potencial do projeto Mulher Maravilha e da Pedagogia Feminista enquanto campo acadêmico.

Para finalizar, não posso deixar de falar das minhas maravilhas, mulheres reais, que em mim confiaram e confiam para contribuir com suas jornadas de libertação, emancipação e empoderamento. Nossa troca é incrível e aprendo tanto com cada uma de vocês.

Gratidão a tudo e a todas as pessoas que me impulsionaram e impulsionam a chegar até aqui. Tudo o que sou, e ainda vou ser, tem muito de cada uma/um de vocês.

Amém, axé, aleluia, paupéicha!





*Duplo, bolha, guerra e
escombros. Quando te envolves com mulheres se mete em
problemas. Somos condenadas por assassinato se planejam
um aborto. Condenadas a vergonha se não temos um homem.
Condenadas por conspiração por lutarmos por nossos
direitos. E queimadas na fogueira quando nos levantamos
para lutar.*

*Duplo, bolha, guerra e
escombros. Quando te envolves com mulheres entra
em problemas. Amaldiçoamos teu império para
fazê-lo cair.*

Quando enfrentas uma de nós, enfrentas todas nós!

*(Livro WITCH – Conspiración terrorista internacional de las mujeres del infierno, p. 59 –
tradução livre)*

FERREIRA, Yoná Luma Campos. **Por uma pedagogia feminista na educação formal e não formal**: o projeto mulher maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia (MA). 2025, fls. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, Açailândia/Imperatriz, 2025.

Linha de Pesquisa: Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares.



RESUMO

O estudo foi motivado a partir de trabalho que realizo no projeto Mulher Maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán, de Açailândia (MA) utilizando a Pedagogia Feminista como mecanismo de empoderamento e emancipação de mulheres. O objetivo geral foi analisar as práticas dentro do espaço de Educação Popular, segundo a metodologia da pesquisa-ação, realizando círculos de cultura baseados em Paulo Freire, além de observação participativa, com abordagem teórico-metodológica baseada no materialismo histórico-dialético a partir de Edward Thompson. No Referencial Teórico, constaram autores(as) que discutem a Pedagogia Feminista e a Educação Popular como: Freire (1987), Silva (2010), Ochoa (2008), Perrot (2007), Silva (2005), Arroyo (2003). Após os estudos e construção dos dados, foi percebido que a Pedagogia Feminista, dentro desse espaço, é importante na vida das mulheres por possibilitar a ruptura de violências estruturais causadas pelo machismo, e promover uma transformação na consciência e vida desse público, reverberando no empoderamento e transformando-as em agentes multiplicadoras dessa metodologia em todos os seus espaços de ocupação. Além de perceber o quão importante é a incorporação da Pedagogia Feminista nos espaços formais de educação, desde os anos iniciais. Pensando em uma educação que promova o respeito pelas mulheres e sua emancipação, é possível formar uma sociedade melhor para todas as pessoas. Como produto desta pesquisa, foram construídas mandalas pedagógicas a partir das trocas através dos círculos de cultura com essas mulheres e elaborado um *e-book* com as estratégias sobre como construí-las.

Palavras-chave: Pedagogia Feminista. Educação Popular. Gênero.



ABSTRACT

This dissertation is motivated by a work that I carry out in the Wonder Woman project of the Center for the Defense of Life and Human Rights Carmen Bascarán of Açailândia - MA, using feminist pedagogy as a mechanism for the empowerment and emancipation of women. The general objective of this dissertation is to analyze the practices of Feminist Pedagogy within the space of Popular Education, in the Wonder Woman project of the Center for the Defense of Life and Human Rights Carmen Bascarán of Açailândia - MA. The methodology used to carry out this work was action research, carrying out culture circles based on Paulo Freire, in addition to participatory observation, with a theoretical-methodological approach based on historical and dialectical materialism from Edward Thompson. In the Theoretical Framework I bring authors who discuss feminist pedagogy and popular education such as: Freire (1987), Silva (2010), Ochoa (2008), Perrot (2007), Silva (2005), Arroyo (2003). After the studies and construction of the data it was realized how much Feminist Pedagogy, within this space, is important in the lives of women and enables the rupture of structural violence caused by machismo, carrying out a transformation in their consciousness and lives, reverberating in empowerment and transforming them into multiplying agents of this methodology in all their spaces of occupation. In addition to realizing how important it is to incorporate Feminist Pedagogy into formal educational spaces from the early years, thinking about an education that promotes respect for women and their emancipation, it is possible to build a better society for all people. As a product of this research, we have the construction of pedagogical mandalas based on exchanges through cultural circles with these women and finally the creation of an e-book with strategies on how to build pedagogical mandalas.

Keywords: Feminist Pedagogy. Popular Education. Machismo, Gender.



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anped – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

Capes – coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDVDH/CB – Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán

CF – Constituição Federal

Cifec – Centro de Integração Família, Escola e Comunidade

EaD – Educação a Distância

Ememce – VIII Encontro Maranhense sobre Educação, Mulheres e Relação de Gêneros no Cotidiano Escolar

Endifre – Encontro Nacional de Diálogos Freirianos

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e todas as outras orientações sexuais e identidades de gênero

ONG – Organização não Governamental

PPGEPE – Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas

Raseam – Relatório Anual Socioeconômico da Mulher

Simpergen – VIII Simpósio Maranhense de Pesquisadoras/es sobre Mulher, Relações de Gênero e Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCUD – Termo de Compromisso para Utilização e Manuseio de Dados

UFMA – Universidade Federal do Maranhão



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carmen Bascarán – espetáculo de 20 anos do CDVDH/CB	
Figura 2 - Carmen Bascarán – espetáculo de 20 anos do CDVDH/CB	
Figura 3 – Carmen Bascarán – espetáculo de 10 anos do CDVDH/CB.....	
Figura 4 – Atividades socioculturais no CDVDH/CB	
Figura 5 – Atividades de planejamento no Cifec	
Figura 6 – Atividade com crianças e adolescentes no Cifec	
Figura 7 – Dança do Órixa Nanã, espetáculo Quilombagem, turnê Espanha, 2008	
Figura 8 – Samba de roda, espetáculo Quilombagem, turnê Espanha, 2008	
Figura 9 – Logomarca atual do grupo Afixirê.....	
Figura 10 – Apresentação do espetáculo Aruanda, grupo Afixirê.....	
Figura 11 – Ensaio fotográfico de 30 anos – foto de Mikael Carvalho	
Figura 12 – Imagem da sede do CDVDH/CB	
Figura 13 – Ondas do feminismo – imagem da internet.....	
Figura 14 – Logo Marcha das Margaridas – imagem da internet,.....	
Figura 15 – Marcha das Margaridas, 2020	
Figura 16 – Realismo Poético, 2018 – imagem do Facebook.....	
Figura 17 – Logomarca do CDVDH/CB.....	
Figura 18 – 1º logomarca do projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 19 – Logomarca atualizada do projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 20 – Arquivo institucional do CDVDH/CB sobre atividades físicas no projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 21 – 1º círculo de cultura.....	
Figura 22 – 1º círculo de cultura – tema central: Projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 23 – Construção da primeira mandala.....	
Figura 24 – 2º círculo de cultura com pergunta norteadora – aprendizados no projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 25 – Construção da 2ª mandala – aprendizados no projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 26 – Construção coletiva da mandala – aprendizados no projeto Mulher Maravilha.....	

Figura 27 – 3º círculo de cultura, trabalho em grupos – o que mais desejo aprender no projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 28 – Construção coletiva mandala – o que mais desejo aprender no projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 29 – 4º círculo de cultura – o que significa o espaço do projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 30 – Construção coletiva da última mandala – o que significa o espaço do projeto Mulher Maravilha.....	
Figura 31 – Primeira Mandala Pedagógica.....	
Figura 32 – Segunda Mandala Pedagógica.....	
Figura 33 – Terceira Mandala pedagógica.....	
Figura 34 – Quarta Mandala Pedagógica.....	



LISTAS DE QUADROS E TABELA

Quadro 1 – Produção de artigos – Anped.....

Tabela 1 – Produção por ano – Capes.....

Quadro 2 – Dissertações convergentes gerais.....

Quadro 3 – Filtros de pesquisas sobre pedagogia feminista e suas metodologias.....

Quadro 4 – Sistematização das respostas das mulheres.....



LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	– Declaração de Liberação de Local para Coleta de Dados (DLCD).....
Apêndice B	– Termo de Compromisso para Utilização e Manuseio de Dados (TCUD).....
Apêndice C	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....
Apêndice D	– Parecer Substanciado do CEP.....



SUMÁRIO

ENTRELACES DO PROJETO EM MEU CAMINHAR.....	
1. ENTRELACES FORMATIVOS: entre o caminhar pessoal e profissional	51
1.1 Justificativa	55
1.2 Pedagogia Feminista Entrelaçada nas Produções Acadêmicas.....	57
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	70
2.1 Por uma Pedagogia Feminista.....	70
2.2 Histórico da Luta Feminista e Popular.....	80
2.3 As ONGs e a Pedagogia Feminista.....	83
2.4 Atravessamentos Pedagógicos Feministas como Caminho para uma Educação não Machista.....	87
2.5 Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán.....	90
2.6 Projeto Mulher Maravilha.....	91
3. METODOLOGIA	95
4. PARTILHANDO VIVÊNCIAS E CONSTRUINDO MANDALAS PEDAGÓGICAS.....	101
4.1 Primeiro Círculo de Cultura.....	101
4.2 Segundo Círculo de Cultura.....	103
4.3 Terceiro Círculo de Cultura.....	105
4.4 Quarto Círculo de Cultura.....	106
5. CONSIDERAÇÕES DA DISSERTAÇÃO.....	110
6. MANDALAS PEDAGÓGICAS DA PESQUISA	112
6.1 Primeira Mandala – Projeto Mulher Maravilha no formato diversas.....	112
6.2 Segunda Mandala – Aprendizados do projeto no formato raízes.....	113
6.3 Terceira Mandala – Aprendizados do futuro no formato trevo.....	114
6.4 Quarta Mandala – Significado desse espaço no formato girassol.....	115
7. CONSIDERAÇÕES DE YONÁ LUMA CAMPOS FERREIRA COMO PARTICIPANTE DO PROJETO.....	116
8. CONSTRUÇÃO E SIGNIFICADO DAS MANDALAS PEDAGÓGICAS	119
REFERÊNCIAS	120
APÊNDICES.....	123



ENTRELACES DO PROJETO EM MEU CAMINHAR

Reviver meu caminhar não foi uma tarefa fácil, embora tenha muita consciência dos caminhos que percorri e das lições tiradas de cada um. Não tenho o hábito de olhar para o passado, de pensar sobre ele, porém, foi um exercício gostoso de fazer, porque nele compreendi quanto tudo está entrelaçado e espero que consigam perceber também. Vamos começar?!

Tudo começou quando um garimpeiro conheceu uma moça em Açailândia (MA), mas que não teve o aval da família para ficarem juntos. O tempo passou e essas duas pessoas ficavam cada vez mais certas de que queriam compartilhar a vida a dois e então tramaram sua união às escondidas, e aí, então, se casaram. Seu nome, Lucimar Alves Ferreira – ele diz não gostar muito, por ser utilizado em ambos os sexos, feminino e masculino (sim, aqui temos um traço de machismo), então, desde pequeno, é conhecido por apelidos, sempre ressaltando sua ancestralidade indígena.

Dessa forma, era popularmente conhecido por Índio, Cacique ou Pai Acã, este, descendente da etnia indígena canela. Sua avó, em meio a uma turbulenta invasão ao seu território indígena, acabou não conseguindo fugir, e, então, foi encontrada por seu avô, e, de uma maneira que, de coração, prefiro não adentrar historicamente, formou uma família. Em meu íntimo, espero que tenha sido de maneira respeitosa, porém, não há nenhuma certeza disso.

Daí, então, vem a nossa ancestralidade indígena e aqui me refiro a esse indígena, neto de uma indígena, e, nesse caso, minha bisavó por parte de painho. Painho é aventureiro e o medo é algo que, desde menino, aprendeu a enfrentar. O mais velho dos filhos, apanhou muito, pois tudo caía sob sua responsabilidade. Voinha, hoje, se diz muito arrependida dessa educação tão rígida e, por algumas vezes, cruel. O espírito de painho é andarilho. Conhece muitos locais deste país, e já vivenciou muitas coisas. É extremamente esperto e inteligente, embora só tenha conseguido estudar até a 5ª série do Ensino Fundamental. Sua ancestralidade impõe um sangue indígena e forte.

Agora apresento-lhes mainha, uma mulher branca, de olhos verdes claros, que desde menina cumpriu as regras, sempre muito obediente. Trabalhou desde pequena, e também é a mais velha de um irmão e uma irmã. Só estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental. Sempre amável, sofreu muito com problemas de estômago; fez cirurgia para extrair pedras na vesícula, mas hoje se encontra bem. Por ser a mais velha, também contribuiu na educação de seu/sua irmão/irmã. Desde cedo, sabe as trilhas da vida na roça.

E, então, esses dois se encontraram e formaram a nossa família, composta, a princípio, por quatro pessoas – meu irmão mais velho, chamado Leandro, e eu, a mais nova,

Yoná Luma. Leandro tem, desde pequeno, a calma e os gostos de mainha, os dois não suportam sair de casa, gostam da rotina, tem a obediência na essência. Leandro e eu temos três anos de diferença. Eu já sou o oposto de meu irmão. Nasci com o espírito indomável de painho; com ânsia de liberdade, questionadora, por vezes aprendendo a lidar com o medo para então enfrentá-lo. Mainha ainda hoje, por diversas vezes, fala que tínhamos de ter nascido trocados.

Em uma sociedade tão machista, não apenas mainha, mas todas as mulheres são criadas para acreditar que ser mulher é sinônimo de submissão e obediência. Então, mainha, mesmo depois de um parto extremamente complicado de meu irmão, engravidou de mim, mas, graças a todos os seres de luz do universo, teve gestação e parto mais tranquilos, porém, o médico informou que não poderia mais engravidar, se não colocaria em risco sua vida e, de pronto, acordaram a sua laqueadura.

Nasci em 12 de setembro de 1988, uma virginiana na família. Assim como meu irmão, natural da cidade de Açailândia. Vivi minha infância até os 7 anos de idade entre idas e vindas para a roça, lugar que sempre amei. Tenho fascinação pela natureza, o mato, os bichos, as florestas, e tudo o que há nela. Na roça, foi meu primeiro contato com povos indígenas. Lembro-me vagamente de momentos de carona em caminhões com indígenas, mas não sei dizer suas etnias.

Recordo-me das brincadeiras na roça; das dificuldades em ter água potável; de plantar e colher; da caça, que sempre me apertou o coração; e, então, quando eu e meu irmão completamos idade para estudar, ficamos em Açailândia. Para mainha e painho, a educação sempre foi muito importante. Somos uma família pequena, formada por quatro pessoas, e confesso sempre ter gostado disso, pois meu espírito de liberdade não gostaria de ter mais pessoas tentando me controlar, isso me daria muito trabalho (risos).

Eu e meu irmão somos como a Lua e o Sol, diferentes em quase tudo; brigávamos e brigamos sempre que possível. Desde menina, não compreendia o motivo de ser criada tão diferentes dos homens, pois queria ser livre; gostava de brincar de boneca, mas também amava jogar bola, soltar pipa, brincar de pega-pega, correr na rua, mas diziam não ser coisa de menina e meu irmão reafirmava isso a todo momento.

Desde pequena, fui ensinada a arrumar a casa, fazer comida, cuidar de outras crianças, mas sempre questionava o motivo de apenas eu precisar fazer isso e meu irmão não. A resposta a essa pergunta sempre era: Porque você é mulher. Passei um tempo brigando com Deus, em meus momentos de reza, questionando o fato de ser mulher. Não compreendia essa grandeza, também pudera, como todas nós somos criadas, é difícil compreender.

Ao meu irmão tudo era permitido, nada era obrigação. Para mim, tudo era o

contrário e isso me causava certa revolta. Hoje, compreendo esse processo em nossa sociedade e entendo que mainha apenas reproduzia aquilo que é tão bem impregnado em nossa sociedade. Mas, voltando para nossa família, apesar de todas as diferenças, somos extremamente unidos pelo laço do amor, do sangue, e de compreender que temos nós.

Quando iniciei os estudos, apenas com 7 anos de idade, abriu-se um mundo novo para mim. Painho vivia no mundo, literalmente falando, para garantir nosso sustento. Mainha era a encarregada do lar, da nossa educação e cuidava de absolutamente tudo. Por não ter estudado o suficiente, não conseguia ajudar-me, ou ao meu irmão, nas atividades escolares que, com o passar das séries, ficavam cada vez mais difíceis.

Meu irmão nunca se interessou muito pela vida acadêmica. Só queria finalizar o Ensino Médio e procurar algum curso que o levasse para o mercado de trabalho. Nunca falou em faculdade e, como sempre dizia, basta ter a nota suficiente para passar. Não fazia muito esforço para se destacar em nada. Tirava a nota necessária e pronto.

Confesso que acho interessante esse pensamento. Mas acredito que a vida acadêmica precisa fazer sentido para quem escolhe trilhá-la, não apenas pelo respaldo profissional e até financeiro que isso dá, mas por ser algo que atravessa os objetivos pessoais de alma e também não gosto da importância que boa parte da sociedade dá aos diplomas. Acredito que aprendemos muito na academia, mas aprendemos muito mais com a vida.

Embora a vida acadêmica tenha me chamado, não a trilho pela importância dos diplomas, mas por essa vontade pessoal de conhecer mais para assim contribuir melhor para aquilo que me proponho a fazer, nessa tentativa de compreender melhor o mundo e trilhar um caminho coeso entre teoria e prática. Assim, por ter também certas facilidades de compreensão, em especial nas Ciências exatas, nunca precisei de ajuda para realizar minhas atividades escolares, e, assim, fui me construindo na vida escolar. O interessante é que também nunca fiz questão de ser reconhecida como boa aluna ou, como dizem, uma aluna CDF; pelo contrário, gostava do fundão, ajudava quem precisava e algumas vezes dava e recebia as famosas “colas”, afinal, ninguém sabe tudo e nunca me coloquei nesse lugar.

Estudei do Ensino Fundamental ao Ensino Médio em uma única escola pública de Açailândia, conhecida popularmente como Bandeirante; já meu irmão saiu pingando de escola em escola. Nunca fui de ter muitas pessoas amigas; nunca fui popular na escola, tinha forte baixa autoestima e isso me fazia me isolar um tanto das demais pessoas. Sempre odiei mentiras, nunca “matei” aula. Na escola, sempre cumpria minhas atividades com total rigidez comigo mesma. Sempre fui extremamente responsável, isso é uma característica minha muito forte, mas também, como já dito, sempre questioneei muito. Minha ânsia por liberdade e conhecer muitos

lugares sempre esteve viva. Mas eu não sabia o que fazer para conquistar o que tanto almejava, porque, assim como todas as meninas, eu estava sendo criada para não questionar, apenas obedecer.

Então, entre meus 11 e 12 anos de idade, conheci minha, desde então, segunda casa, o Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán (CDVDH/CB). Entrei em suas atividades socioculturais de dança, após muita insistência de uma prima, que não queria ir

Figura 1. Carmen Bascarán – espetáculo de 20 anos do CDVDH/CB



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

sozinha e que, de tanto me chamar, venceu-me pelo cansaço. Ela não ficou 2 meses na atividade, mas eu continuo nessa organização até hoje.

Antes de falar sobre como minha trajetória de vida foi atravessada por essa Organização, preciso falar da força de uma mulher, Carmen Bascarán, espanhola, destemida, forte, acolhedora. A Carmén, atualmente, dou o adjetivo mais forte que consigo encontrar para descrevê-la. Para mim, é uma Orixá, uma divindade, que está em nosso meio para transformar tudo o que toca para melhor. É a grande fundadora do CDVDH/CB embora, em sua extrema humildade, não admita esse título, mas foi com ela que tudo começou; tudo se inspirou; pessoas juntaram-se e transformaram sua indignação em ação e eu tenho a grande honra de compartilhar desse plano da energia e força dessa grande mulher.

Passei a fazer parte das turmas de dançarte e digo que a dança literalmente me escolheu. Eu não tinha qualquer aptidão para dançar, porém, como sempre fui dedicada, metódica, afinal, sou virginiana, me coloquei-me nesse papel de aprendiz, aula após aula, com muita atenção, muito esforço e dedicação. Minha vida começou a ter ainda mais responsabilidades. Para participar das aulas de dança, acordava mais cedo para cumprir minhas responsabilidades de casa e escolares e, assim, mainha e painho não tinham justificativa para

se colocarem contra as minhas aulas de dança e isso deu certo, por determinado período. Os dois pensavam, no início que era apenas um momento, uma brincadeira, que iria passar, mas, a

Figura 2. Carmen Bascarán – espetáculo de 20 anos do CDVDH/CB



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

cada ano, eu me envolvia mais nas atividades e chegou um tempo de painho me proibir de ir às aulas, mas, após discussões, consegui que voltasse atrás.

Figura 3. Carmen Bascarán – espetáculo de 10 anos do CDVDH/CB



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

construindo laços fortes de amizades. Todo o tempo que tinha livre, estava no Centro de Defesa. A princípio, nas aulas de dança; depois, fui participando das demais atividades, e minha aptidão para a dança foi, aos poucos, melhorando, mas, bem aos poucos. Coisas simples, para quem nasce com essa aptidão, como ritmo, percepção, agilidade, eram muito complicadas para mim, e ter um professor com excelente didática, com toda certeza, foi essencial para esse desenvolvimento. Painho e mainha passaram a estranhar um pouco a minha paixão por esse espaço, e, com isso, para tudo o que eu fazia de “errado”, o castigo era não ir para o Centro de Defesa.

Com alguns conflitos, mas também muita escuta, minha família compreendeu a importância do Centro na minha vida e se viram na obrigação de me apoiar, mas ainda com essa ideia de que tudo era momentâneo e uma brincadeira para mim.

Com o passar dos anos, tudo foi ficando cada vez mais sério. A menina melhorou na dança, e passei a pensar na dança como meio profissional. Fazia apresentações, comecei a viajar, e, assim, a conhecer outros lugares e culturas, e me apaixonar ainda mais por esse universo. Aprendi a me virar quando não estava em casa; dormir onde estivesse; comer o que era oferecido. Também conheci realidades muito difíceis, vi a crueldade humana muito de

No Centro de Defesa, eu desabrochei, na dança, no espírito, e no sentido de ver e viver a vida. Aprendi o que realmente significa Direitos Humanos; passei a ter uma vida social mais animada, vamos dizer assim, embora nunca tenha feito muita questão disso. De certa forma, a mudança passou a incomodar minha família, por ter muitos amigos, como aqui colocado, amigos do sexo masculino mesmo.

Fazíamos diversos encontros, e fomos

Figura 4. Atividades no CDVDH/CB



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

perto, afinal, participar de um Centro de Direitos Humanos é vivenciar duras e injustas realidades.

E, assim, entre as belezas e durezas vivenciadas, eu só conseguia adentrar cada dia mais. Em casa, isso causava ainda muito incômodo. Passei do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, e logo fui estudar no período noturno, para que pudesse trabalhar durante o dia e ainda participar das atividades do Centro. Meu primeiro trabalho, nem me lembro com quantos anos, mas acredito que em torno de 15, fui ser babá e cuidar de uma casa, para assim ter um pouco mais de autonomia e contribuir com minha família, que sempre foi muito humilde. Nossa casa era de taipa, até cerca de meus 14 anos, mas nunca passamos fome, painho sempre fez o que pode para garantir o sustento de nossa família. Eu e meu irmão, sempre vendo isso, começamos a trabalhar logo que possível. Na roça, ajudávamos no que podíamos fazer sem nos machucar e essa coisa do trabalho sempre muito forte em nós, de trabalhar para ajudar no sustento da família.

Figura 5. Atividades de planejamento no Cifec



Fonte. Imagem da autora

Painho e mainha queriam que, assim que eu finalizasse o Ensino Médio, encontrasse um emprego formal, no comércio local, ou nas grandes empresas por ali existentes, já eu nada disso queria. Meu sonho era viver de arte e cultura, trabalhar com dança e isso parecia impossível, na visão de mainha e painho. Uma visão muito compreensível, pois realmente isso não se via em nossa cidade, era coisa de novela. Diziam que eu não teria futuro, mas, ao mesmo tempo, respeitavam minhas escolhas pois sabiam que realmente eu queria muito isso.

Com isso, eu e outras pessoas, que também se apaixonaram pela dança, fizemos um curso profissionalizante de formação em dança afro e popular proporcionado pelo Centro de Defesa, e, depois disso, obtive meu primeiro trabalho com dança, no ano de 2006. Passei a dar aulas de dança no Centro de Integração Família, Escola e Comunidade (Cifec), instituição que proporcionava atividades socioculturais e cursos profissionalizantes para crianças, adolescentes e jovens. Era gerenciado pela Ordem das Irmãs da Providência da Igreja Católica, e mantinha um trabalho incrível em um bairro periférico de nossa

Figura 6. Atividades com crianças e adolescentes participantes do Cifec



Fonte. Arquivo institucional CIFEC

cidade, chamado Vila Capelosa.

Trabalhei lá com a carteira assinada como professora de dança, fato de muita importância para mim e minha família, que não acreditava ser possível que eu conseguisse trabalhar com aquilo que fazia pulsar meu coração. Mainha sonhava em me ver fardada, trabalhando no comércio local, ela dizia que queria me ver usando uma espécie de toquinho para fazer coques no cabelo. Já painho dizia que eu era muito inteligente, tinha que ser secretária nas empresas ou trabalhar em banco. Uma vez, de tanto ele insistir, fiz a inscrição em um edital para concurso do Banco do Brasil, porém, no dia da prova, eu não fui e isso, lógico, causou certo desconforto em casa. Então, o Cifec veio

Figura 8. Samba de roda – espetáculo Quilombagem – turnê na Espanha, 2008



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

para dizer que, sim, eu poderia trabalhar com a dança, que eu escolhi, e então lá fiquei por 3 anos consecutivos. Durante esse período, trabalhava lá e continuava nas atividades do Centro de Defesa que era minha fonte de conhecimento. Já meu irmão seguiu carreira nas empresas. Fez um curso técnico em edificações e é muito respeitado em sua profissão. Passei a viajar muito, dar palestras e dançar como nunca. Tudo o que eu queria. Pelo Centro de Defesa, fizemos uma turnê na Espanha,

Figura 7. Dança de Orixá Nanã – espetáculo Quilombagem – turnê na Espanha, 2008



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

com um musical chamado Quilombagem, que tratava da escravidão antiga e contemporânea. Foi um sonho.

Nesse mesmo período de preparação para a turnê, descobri que tinha glaucoma e fiquei muito assustada. Foi em dezembro de 2007, e nunca ouvira falar sobre a doença e, de repente, me vi com esse problema muito sério, no período em que quase todos os médicos, que eram pouquíssimos, na época, em Açailândia, estavam entrando em recesso de fim de ano, e tive que me deslocar para Imperatriz às pressas – para se ter noção, a pressão do olho que, normalmente, era 12/13, em média, a mesma que a corporal, a minha estava 80 –, mas, de pronto, iniciei o tratamento, que até hoje mantenho. Já tive algumas crises, ao longo dos anos, mas venho controlando bem.

E, então, com 3 anos de trabalho no Cifec e com outros trabalhos, todos voltados à

dança, casei-me, deixei tudo o que havia construído em Açailândia em nome desse amor e fui morar em Goiânia (GO). A pessoa com quem me casei participava também das atividades do Centro de Defesa e éramos do mesmo bairro, então, fomos embora de nossa cidade. Em Goiânia, ainda fiz algumas aulas de dança de salão, mas logo tive que procurar trabalho e passei a trabalhar em um *call center* da empresa Vivo, ocupação extremamente desestimulante e também me incomodavam muito as distâncias de cidade grande. Em Açailândia, embora não tivesse transporte na época, eu conseguia me deslocar a pé para quase todos os lugares. Em Goiânia, para entrar às 9h no trabalho, eu precisava pegar o primeiro ônibus, no máximo, às 7h30. Era um suplício, além de toda a saudade que sentia da minha família e vida.

Depois de 1 ano fora, retornei a Açailândia, com o intuito de ficar apenas o fim de ano, porém, não foi assim, e que bom que não foi assim. Sempre fui teimosa e, por mim, eu teria voltado para Goiânia, pois tenho muita dificuldade de iniciar algo e não finalizar e, para mim, a estadia em Goiânia era isso. Estive pouco tempo por lá, não era uma cidade ruim, e acreditava que só voltaria para casa quando realmente tivesse tentado tudo em Goiânia, porém, ficando de vez por aqui, meu casamento, que estava indo de mal a pior, acabou, e após 3 anos nos separamos. Nesse período, já havia retornado ao Centro de Defesa, meu lar, e começado a estudar Educação Física, por ser o curso que mais se aproximava da dança, minha paixão e possível de frequentar em Açailândia.

Em meio a esses recomeços, quando me separei, lógico que foi um período em que sofri muito, mas também serviu para encontrar a mim mesma e minhas forças feminina e feminista. Através desse sofrimento, encontrei minha maior força, o amor por mim mesma. Divorciei-me e fui atrás dos meus sonhos.

No Centro de Defesa, passei de educadora de dança, a coordenadora das ações socioculturais; depois, coordenei o setor de formação cidadã e comunicação, e me vi na necessidade de voltar a estudar. Não sabia ao certo o que seria, então, vi um edital da Universidade Estadual do Maranhão (UFMA) que oferecia o curso de Pedagogia na modalidade Educação a Distância (EaD). Não me via com condições física e mental para cursar uma faculdade presencial e pensei comigo mesma: O setor em que estou agora, de formação cidadã, exige muito o domínio de metodologias pedagógicas, então, decidi tentar Pedagogia.

Confesso que fiz o processo seletivo completamente despreocupada, pois já havia um tempo que não estudava e acreditava que iria prestar alguns vestibulares para passar, mas não, eu fiz esse e passei e, então, cursei Pedagogia, muito pela necessidade de maior desafio, mas não considerava o curso nada interessante, e, então, a Pedagogia me mostrou do que é capaz. Também me apaixonei por esse universo e tive a possibilidade de aplicar tudo o que estava

aprendendo no Centro de Defesa, e assim, me sentir mais capacitada para os cargos que estava ocupando.

O Centro de Defesa sempre foi um espaço ocupado por muitas mulheres, um verdadeiro clã de mulheres incríveis e empoderadas, que contribuem e me inspiram a ser quem sou. Aqui fui me reconstruindo e me reconhecendo cada vez mais. E, então, um dia, em um dos bairros no qual o Centro de Defesa desenvolve atividades, a Vila Ildemar, em uma atividade de formação cidadã que eu estava coordenando, um grupo de mulheres me chamou, assim como outro amigo de trabalho, para nos desafiar a desenvolver atividades para elas, como acontecia com as crianças.

Essas mulheres diziam querer atividade regulares, que pudessem tirá-las um pouco de suas realidades. Queriam atividades físicas e, então, saímos, neste dia, com essa inquietação e assim me propus, já que também tinha conhecimento acadêmico em Educação Física, a trabalhar com essas mulheres na mesma perspectiva das atividades socioculturais cujo lema é A Arte a Serviço de uma Cultura Libertadora, pois eu iria empoderar mulheres com essa turma.

Assim, o Centro de Defesa também abraçou essa ideia. Percebiam que eu estava coordenando duas funções distintas, que era a formação cidadã e comunicação, o que vale dizer que comecei a fazer a comunicação institucional da Entidade por uma necessidade, mas não tinha nenhum conhecimento sobre, e aí agreguei mais essa turma, que passou a se encontrar duas vezes por semana para desenvolver atividades de maneira voluntária.

Figura 9. Logomarca atual do grupo Afixirê



Fonte. Arquivo institucional grupo Afixirê

dançando no grupo Afixirê, que foi criado em 2007 a partir das turmas dançantes, para as pessoas adultas que não mais podiam participar de projetos socioculturais, só permitidos até os 18 anos incompletos. Atualmente, conseguimos

Era mais uma tarefa que eu acumulava mas, para mim, que vinha da função de ser uma educadora popular em dança ocupada com trabalhos mais administrativos do que práticos, me trouxe de volta a esse universo de dançar. Aproveito aqui para ressaltar que nunca mais me afastei da dança; continuo

Figura 10. Apresentação, espetáculo Aruanda, foto Henrique Sales



Fonte. Arquivo institucional grupo Afixirê

formalizar esse grupo, que hoje se constitui em uma associação cultural extremamente respeitada em nossa cidade e traz como principal objetivo usar a arte como mecanismo de denúncia e resistência, consolidando-se como um grupo de dança de matriz africana que também traz a valorização da raiz ancestral do nosso Estado e do nosso País.

Percebam que, ao longo da minha trajetória de vida, desde a infância, as questões de gênero sempre foram muito presentes, de um jeito orgânico. E, assim, passei a trabalhar com essas mulheres que escolheram como nome da turma Mulher Maravilha. Nesse sentido, cursando Pedagogia e ocupada com esses trabalhos todos, me vi refletindo sobre como relacionar meu TCC ao trabalho com as mulheres maravilhas, construindo cada vez mais espaço em minha vida e no Centro de Defesa.

Deste TCC, é importante dizer que, em conjunto com minha orientadora, Ana Paula, participamos de eventos, apresentando e publicando artigos: Encontro Nacional de Diálogos Freirianos (Endifre), na UFMA, no VIII Encontro Maranhense sobre Educação, Mulheres e Relação de Gêneros no Cotidiano Escolar (Ememce) e no VIII Simpósio Maranhense de Pesquisadoras/es sobre Mulher, Relações de Gênero e Educação (Simpergen).

Com isso, me vi empoderando e emancipando outras mulheres que vivenciavam muitas violências, e assim, também de maneira muito natural, em conversa com um amigo, ele me disse: “Porque você não fala o trabalho pedagógico que você desenvolve no projeto Mulher Maravilha, esse trabalho de Pedagogia Feminista?”. Isso, então, me acendeu uma luz enorme, e assim fiz, e cá estou com esse mesmo grupo, com a mesma finalidade de trabalho em uma dissertação de Mestrado. Um caminho trilhado, livre de grandes pretensões. Hoje, vem sendo um caminho de grandes desafios, mas também de muitos êxitos.

E volto a falar da minha família, que é meu alicerce maior. De quatro pessoas, foi aumentada com minha afilhada, sobrinha de minha mãe, que criamos desde que nasceu e, então, formamos três filhos/as, e dela me sinto mãe/tia/irmã. Meu irmão deu-me os maiores presentes da minha vida, meu Delícia e minha Lilica, meu filho e minha filha de alma e coração, meu sobrinho e minha sobrinha. Desde que me separei, não mantive relacionamentos longos, conheci e conheço outras pessoas, e sinto-me feliz assim, apesar de muito questionada sobre se não vou me casar novamente e, principalmente, por não ter engravidado.

Adentrar no feminismo trouxe-me bases e convicções muito fortes de que mereço o mundo de coisas boas e que, se um dia encontrar alguém que me faça transbordar, trilharei esse caminho compartilhado, mas, se não for assim, continuarei trilhando sozinha, com a convicção de que só engravidarei quando realmente eu quiser; que meu espírito materno transcende a gravidez e já me sinto mãe com as vivências que tenho, e que, em especial, não me importa o

que dizem de mim. Saber o que sou me basta.

Hoje, encontro-me nesse lugar, mais forte, mas cheia de feridas. Recentemente, perdi pessoas muito importantes para mim. O ano de 2021 foi uma verdadeira montanha-russa de emoções boas e ruins; realizei projetos pessoais e profissionais incríveis, mas me feri muito com minhas perdas. No Centro de Defesa, assumi a secretaria executiva, que é a coordenação geral dessa organização com a qual mantenho uma relação não apenas de trabalho, mas de casa, lar, e isso demanda muito de mim. Na vida pessoal, estou curando feridas e aprendendo a lidar com a saudade dos meus.

Encontro-me desenvolvendo um mestrado, que valorizo, mas, como afirmei, os diplomas são importantes, todavia, as vivências, para mim, são mais. Sigo no que encaro, hoje, como propósito de vida – trabalhar com mulheres, empoderar, a partir do que eu descobri fazendo a Pedagogia Feminista –, quem sabe o projeto Mulher Maravilha será reconhecido e conhecido em tantos outros cantos e recantos. O futuro dirá. Enquanto isso, sigo me importando com o que sou de verdade, com a minha essência e é assim que continuarei trilhando este caminho até aonde me for permitido. Adiante sempre.

Figura 11. Ensaio fotográfico de 30 anos, foto de Mikael Carvalho



Fonte. Imagem da autora

1 ENTRELACES FORMATIVOS: entre o caminhar pessoal e profissional



A sociedade está alicerçada em uma estrutura de poder machista, pautada, além de outros fatores decisivos, como raça e economia, no recorte de gênero, e mantém uma relação completamente patriarcal, formando a chamada sociedade androcêntrica, aquela que coloca o homem como centro de tudo e como ser superior e privilegiado. A Educação, por sua vez, tem importante papel na manutenção e/ou ruptura dessa estrutura, e pode ser usada como importante mecanismo de contribuição na luta por igualdade e equidade entre os gêneros.

Nesse contexto é que trago o seguinte título: Por uma Pedagogia Feminista na Educação Formal e Não Formal: O Projeto Mulher Maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán¹, com o qual busquei evidências concretas da eficácia da Pedagogia Feminista dentro da Educação e em seu papel de encorajar mulheres a ocuparem os diversos espaços de poder.

Na estrutura de poder vigente, alicerçada em um sistema androcêntrico², a Educação é colocada como aliada e precisa ser questionada e desafiada, assim como o silenciamento das mulheres, em especial no processo educacional, em que, por muito tempo, foram controladas e ainda tenta evitar que ocupem espaços na sociedade e rompam, assim, a naturalização de diversas violências machistas vividas por todas.

Assim, a Pedagogia Feminista surge como instrumento de ruptura dessa estrutura de poder machista, apesar de ainda existir muita resistência dentro dos espaços formais de Educação, mas, em conjunto com a Educação Popular, se fortalece e, neste projeto, é colocado o desafio de como colaborar com o projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB de Açailândia (MA), para a formação sociopolítica de mulheres em seus diversos espaços na sociedade?

A pertinente problemática aqui exposta é apenas um dos desafios no diálogo sobre Movimento Feminista, Pedagogia Feminista, Educação Popular e suas contribuições diretamente na formação de mulheres, plurais e feministas, capazes de ler e transformar suas

¹ Organização Não Governamental (ONG) fundada em 18 de novembro de 1996, que trabalha na prevenção e no enfrentamento de diversas violações de Direitos Humanos. Tem como principal bandeira de atuação o combate ao Trabalho Escravo e realiza diversas atividades educacionais com metodologia popular para tratar de Direitos Humanos contribuindo assim também para o debate e para as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) (2018) com foco em uma educação em Direitos Humanos. O CDVDH/CB atua em consonância com as DCNs, realizando projetos educativos que buscam promover a cultura de Direitos Humanos nas comunidades envolvidas. O CDVDH/CB atua no município de Açailândia (MA) e nas cidades de Santa Luzia, Pindaré Mirim e Monção, com enfoque educacional que também consegue reverberar nos âmbitos educacionais formais, contribuindo de maneira significativa com a formação de uma sociedade mais justa para todas as pessoas.

² Sistema que tem o homem em sua centralidade, para a sociedade, desvalorizando a perspectiva feminina.

realidades, como defende Paulo Freire (2021) e, ainda, se tornarem multiplicadoras em seus ciclos sociais.

Afinal, além de um conceito pedagógico utilizado em um espaço no qual a Educação Popular tem terreno fértil, os ambientes sociais também podem ser ressignificados, como suas famílias, as escolas formais, os templos religiosos, dentre outros, que, infelizmente, também são lugares nos quais, diversas vezes, se reproduzem inúmeras violências contra as mulheres, fazendo com que se anulem, silenciem e suportem tudo sozinhas.

A sociedade vive o machismo de maneira permanente, pois também é prática histórica e estrutural e, porque não dizer, institucionalizada, por isso a naturalização de tantas violências. Esse processo de vida em uma sociedade machista é vivenciado por todas as mulheres, desde o nascimento, e, como consequência, encontram os desafios de ocupação em diversos espaços da sociedade, a exemplo da área da Educação.

Aqui trazemos, a fim de historicizar o Movimento Feminista, autoras como Ochoa (2008) e Perrot (2007), para falar da Educação e seu currículo extremamente sexista. Ao longo da história, a Constituição Federal (CF) brasileira, bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), foram documentos que determinam ser preciso dar "igualdade de condições para acesso e permanência na escola", de maneira igualitária para ambos os sexos. Para analisar a Educação Popular com suas pedagogias de emancipação, trazemos Paulo Freire (1987, 1996, 2021, 1992/2021, 2003/2011, 1967/2021) e Miguel Arroyo (2014), e, para esclarecer a interculturalidade, Vera Maria Candau (2006, 2010).

A Educação é um espaço de muitos desafios para ser ocupado por mulheres em busca de superá-los. Assim, o presente projeto partiu de inquietações pessoais e questionamentos a respeito de injustiças sofridas pelas mulheres, simplesmente por ser mulher, além de um trabalho que vem se realizando há 11 anos com o projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB.

O projeto traz reflexão constante sobre os desafios de ocupação das mulheres em diversos espaços, em especial o educacional, refletindo como esse processo acontece nos espaços de Educação Popular, pautando um vies não sexista, não patriarcal, não androcêntrico, enfim, uma Educação não machista.

Refletir sobre esse aspecto leva à constatação das inúmeras vezes em que foi perpetuado cotidianamente e naturalizado na sociedade até os dias atuais, fazendo com que se controle e coloque a mulher em um papel de total submissão.

Pensando nisso, fez-se necessário buscar uma Pedagogia que proporcione o diálogo com as mulheres e as façam superar os desafios históricos que dificultam sua inserção em

diversos espaços da sociedade, e que favoreça sua emancipação e uma educação não sexista, a chamada Pedagogia Feminista.

O objetivo geral desta pesquisa foi colaborar com as práticas da Pedagogia Feminista dentro do espaço de Educação Popular, no projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB de Açailândia (MA).

Os objetivos específicos abrangeram: historicizar o Movimento Feminista, a Pedagogia Feminista na Educação Popular como processo de luta pelos Direitos das Mulheres na sociedade; apresentar as práticas em Pedagogia Feminista utilizadas no projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB de Açailândia (MA); construir mandalas pedagógicas³ com as temáticas feministas, a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto Mulher Maravilha, com vistas a construir o produto da pesquisa e a elaboração de um *e-book*, em que constará o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas para a montagem de mandalas educativas.

Assim, o projeto Mulher Maravilha surgiu como importante experimento para a comprovação de que a Pedagogia Feminista e a Educação Popular são ferramentas essenciais para a ruptura dessa estrutura de poder pautada no sexo, pois realiza um trabalho com 30 mulheres, no qual a pesquisadora, mulher, feminista, educadora popular, bailarina de dança com matrizes africana e popular, defensora de direitos humanos e pedagoga, tem a possibilidade de vivenciar as diversas realidades, não apenas como agente nesse processo, mas também pesquisadora, expectadora, e ouvinte dessas mulheres, em busca de uma metodologia com via de mão dupla, para dar e receber, e assim obter uma troca de experiências que culmine no processo de empoderamento não apenas dessas mulheres, mas também próprio.

No projeto Mulher Maravilha, são oferecidos exercícios físicos como atrativo para um grupo de mulheres, em que são utilizadas a Pedagogia Feminista e a Educação Popular para criar espaços de discussão e construção coletiva que sirvam para identificar e enfrentar as diversas formas de opressão sofridas por todas, ecoando suas vozes e fazendo com que se tornem protagonistas de suas histórias.

Entendendo a constituição histórica do que é ser mulher e da invisibilidade e silenciamento dessas personagens, o presente projeto tornou possível perceber que a Pedagogia Feminista está

³ As mandalas, na Educação, tem como foco trazer a centralidade das pessoas e a ideia de círculo, que tem o sentido de igualdade, espiritualidade e conexão, em outras culturas, como hindu e budista. Têm uma representação gráfica e são utilizadas como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem e promovem a expressão de experiências, sentimentos e pensamentos, além de ser uma concretização artística que dá abertura para a criatividade de quem a aplica.

em crescimento, nos espaços informais de Educação, que abrangem associações, Organizações não Governamentais (ONGs), movimentos sociais com constituição jurídica, ou não, e os mais diversos coletivos de grupos classificados como minorias na sociedade, dentre outros.

Em conjunto com a Educação Popular, que está entranhada na vida cotidiana, nas comunidades, como um reconhecido espaço de fortalecimento, vivência e encorajamento para que nós, mulheres, consigamos ressignificar nossos outros lugares, fazendo com que, dentro da Educação Popular com a Pedagogia Feminista, se transforme em um verdadeiro “trampolim” para ocupar outros espaços da sociedade e lutar por uma Educação não sexista.

O primeiro passo para se construir uma sociedade que entenda essa colocação é a Educação e, por isso, a Pedagogia Feminista se faz tão essencial dentro de todos os espaços educacionais, sejam eles formais ou não. Sua prática precisa ser constante, dentro dos espaços populares e nas escolas formais, desde os anos iniciais, de maneira a proporcionar uma Educação não sexista, não androcêntrica e não machista. Enquanto nos espaços formais de Educação ainda exista muita resistência em refletir sobre e questionar seu currículo e sua pedagogia, nos espaços de Educação informal, que traz a Pedagogia Popular pulsante, é utilizada a Pedagogia Feminista como construtora de um processo educacional que preze pela equidade.

Com o uso constante da Pedagogia Feminista para construir círculos de conversas e promover trocas de experiências vivas e constantes em um espaço da Educação Popular, o CDVDH/CB atua como celeiro vivo desta pesquisa com o projeto Mulher Maravilha. ONG fundada em 18 de novembro de 1996, trabalha na prevenção e no

Figura 12. Sede do CDVDH/CB.



Fonte. Arquivo institucional do CDVDH/CB.

enfrentamento de diversas violações de Direitos Humanos. Para tanto, a abordagem teórica utilizada nesta pesquisa foi o materialismo histórico-dialético, trabalhada com a técnica de círculos de cultura, além da observação participante e pesquisa-ação.

Como instrumento de investigação e produto desta pesquisa foram construídas, em conjunto com as mulheres, as mandalas pedagógicas, a partir dos encontros e círculos de cultura, que trouxeram o pensamento e as falas das participantes ativas do projeto, e poderá servir de modelo para outros projetos. Assim, o produto final envolveu a construção de um *e-book* contendo as experiências de como montar essas mandalas educativas.

1.1 Justificativa



A escolha do tema desta dissertação partiu de um desejo e da inquietação pessoal de disseminar o potencial da Pedagogia Feminista dentro do projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB, para se tornar um exemplo vivo dos resultados alcançados nas vidas das mulheres participantes deste projeto, trazendo a reflexão de que uma Educação e uma Pedagogia, que visem a emancipação e libertação das mulheres, são extremamente importantes para a construção de uma sociedade melhor.

É importante dizer que essa inquietação pessoal surgiu a partir do meu envolvimento no trabalho dentro do projeto Mulher Maravilha, que vem sendo desenvolvido desde o ano de 2014 e se tornou tema de TCC da Graduação no Curso de Pedagogia no ano de 2021. A partir de então, vem ganhando os espaços acadêmicos de discussões e reflexões, trazendo a pauta da Pedagogia Feminista nesse espaço de Educação Popular e seus resultados, mas também a reflexão sobre como é importante trazer para os espaços formais de Educação essa Pedagogia, a fim de transformar toda uma sociedade que lucra com as inseguranças femininas e que violenta e mata as mulheres historicamente.

A dissertação traz uma reflexão constante sobre os desafios de ocupação das mulheres em diversos espaços, em especial, o educacional, refletindo sobre como o processo de Educação acontece nos espaços de Educação Popular, pautando uma abordagem não sexista (Nascimento, 2014), não patriarcal (Aguiar, 2015), não androcêntrica (Ward, 1903), enfim, uma Educação não machista.

A CF, assim como a LDBEN, trazem como um dos princípios da Educação a "igualdade de condições para acesso e permanência na escola", o que leva à compreensão de que a oferta deve se dar de forma igualitária para meninos e meninas, para homens e mulheres. No entanto, a evasão ainda é uma realidade e, no caso das mulheres, se acentua principalmente quando são negras, ou mulheres grávidas, ou lésbicas, ou transexuais, entre outras situações que configuram preconceito, perseguição e segregação, e dificultam a permanência das mulheres na escola, ou incentivam seu afastamento para cuidar de filhos/as e/ou do marido, cumprindo um papel histórico de cuidadora da família (Semíramis, 2014).

Trazer uma educação que tenha como base o empoderamento da mulher é fundamental para a construção de uma sociedade melhor, e é nesse sentido que o objeto de pesquisa aqui exposto dialoga, em um processo contínuo, orgânico e educacional de empoderamento de mulheres, pensado por mulheres e feito para mulheres, pois:

O empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (Sardenberg, 2006, p. 2).

Dessa forma, por meio do empoderamento, as mulheres podem ser libertas para se reconhecer como sujeitas de direitos, historicamente violadas e, acima de tudo, reconhecedoras de suas amarras para que, assim, possam trilhar o seu processo individual de libertação, não apenas de seus corpos, mas de tudo o que as aprisionam e fere suas/nossas existências.

É imprescindível questionar e refletir sobre como estão propostos os currículos educacionais, que contribuem significativamente com a construção social do conhecimento, por isso a importância das teorias feministas, nesses espaços, para a conscientização das mulheres, e também apontar os privilégios masculinos na sociedade.

Assim, o papel da Pedagogia Feminista como instrumento de ruptura dessa estrutura de poder machista ainda encontra muita resistência, dentro dos espaços formais de Educação, mas, em conjunto com a Educação Popular, pode ser fortalecido. Assim, nesta dissertação, coloca-se o desafio de: Como colaborar com o projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB de Açailândia (MA) e contribuir para o empoderamento, a formação sociopolítica e o engajamento das mulheres em seus diversos espaços na sociedade?

A pertinente problemática aqui exposta é um dos desafios em dialogar sobre Movimento Feminista, Pedagogia Feminista, Educação Popular e sua contribuição direta na formação de mulheres plurais e feministas, capazes de ler e transformar suas realidades, como diz Paulo Freire (2005) e, ainda, se tornarem multiplicadoras em seus ciclos sociais. Afinal, além de um conceito pedagógico vivenciado em um espaço no qual a Educação Popular tem terreno fértil, seus ambientes sociais também podem ser ressignificados, como suas famílias, as escolas formais, os templos religiosos, entre outros, que também são espaços e em que, por diversas vezes, se reproduzem inúmeras violências contra as mulheres, fazendo com que se anulem, silenciem e suportem tudo sozinhas.

Paulo Freire (2005, p.78) afirma que:

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir 'conhecimentos' e valores [...] mas um ato cognoscente de um/a sujeito/a. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do atocognoscente de um sujeito/a, é o/a mediatizador/a de sujeitos/as cognoscentes, [...] a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador/a-educandos/as [...] (grifo do original).

Dialogando com Paulo Freire, é preciso problematizar essas questões que permeiam a sociedade e, mais precisamente, as mulheres, para reconhecer esse processo e encontrar formas de encorajamento, empoderamento e, como consequência, a ocupação ou o enfrentamento dos desafios de ocupação, pelas mulheres, de diversos espaços sociais.

1.2 Pedagogia Feminista Entrelaçada nas Produções Acadêmicas



O Estado da Arte é um processo essencial e necessário na vida de quem pesquisa. Fazer um levantamento bibliográfico é importante para obter um bom embasamento teórico que corrobore com toda a pesquisa desejada e levantar vários pontos de vista e análises que possam concordar ou não com o que está sendo proposto.

É um debruçar sobre diferentes pesquisas que podem, ao mesmo tempo, se ligar com o que está sendo proposto, ou não; é o momento de nos aprofundarmos em nossas próprias pesquisas, de maneira coesa, ética e rica de conhecimentos diversos, que convergem e divergem e se entrelaçam, formando o que chamamos de Estado da Arte.

Conforme determina Ruiz (2009, p. 57): “Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer a maneira de atividade exploratória, quer para o estabelecimento de *status quaestionis*, quer para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa”.

Pensando assim, a pesquisa que realizamos no Estado da Arte permitiu trazer um apanhado de importâncias, de contextos atuais, de temporalidade, com contribuições para enriquecer nosso estudo.

O levantamento desse Estado da Arte partiu de um eixo temático que é a Pedagogia Feminista, a qual nos possibilitou aprofundar o que queríamos abordar e esse aprofundamento nos proporcionou melhor discernimento e compreensão do tema e, mais do que isso, trouxe a certeza do que ainda precisava ser explorado ou não.

O feminismo é a luta organizada das mulheres por direitos. Essa luta é histórica e atemporal e nesse contexto é que surge a Pedagogia Feminista. Porém, é preciso dizer que esse tema é relativamente novo, em especial dentro do universo educacional, embora a luta das mulheres esteja presente há muito tempo, sua organização político-social tem ganhado maior espaço e visibilidade na contemporaneidade.

Nos espaços educacionais formais, o conceito é ainda mais novo, pois é pensado, ao longo do tempo, para dar continuidade à manutenção de poder, pautada no machismo estrutural, que traz consigo violências profundas para todas as mulheres e uma base social

consolidada nas relações de gênero.

Em levantamento no *site* da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped) não foram encontrados trabalhos que tratem da Pedagogia Feminista com esse termo propriamente dito, mas, em uma página, consta menção, no ano de 2017, ao Dia Internacional da Mulher.

Data histórica de luta, vem sendo ressignificada dentro do feminismo na história. Em vez de se pensar em flores, rememora o fato de trabalhadoras que morreram carbonizadas em uma fábrica têxtil em busca de seus direitos trabalhistas. A página traz 12 artigos relacionados à questão de gênero, dentre os quais destacamos apenas os que se relacionam às temáticas aqui desenvolvidas (quadro 1).

Quadro 1. Produção de artigos - Anped

AUTORA/AUTOR	TEMÁTICA
LONGARAY, Deise Azevedo e RIBEIRO, Paula Regina Costa. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2015, vol.20, n.62, pp.723-747. ISSN 1413-2478.	Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais.
SOUZA, José Edimar de e GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2015, vol.20, n.61, pp.383-407. ISSN 1413-2478.	Memórias de uma professora ao recompor cenários do ensino público em Lomba Grande, Novo Hamburgo, RS (1931-1942).
FLORES, Maria Assunção. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2014, vol.19, n.59, pp.851-869. ISSN 1413-2478.	Discursos do profissionalismo docente paradoxos e alternativas conceituais.
SANTOS, Vívian Matias dos. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2014, vol.19, n.58, pp.585-610. ISSN 1413-2478.	Para pensar o campo científico e educacional: mulheres, educação e letrados no século XIX.
CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de, BATISTA, Antônio Augusto Gomes e ALVES, Luciana. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2014, vol.19, n.56, pp.123-139. ISSN 1413-2478.	A escola e famílias de territórios metropolitanos de alta vulnerabilidade social: práticas educativas de mães "protagonistas".
FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima e KLUMB, Márcia Cristiane Völz. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2013, vol.18, n.55, pp.899-920. ISSN 1413-2478.	As temáticas gênero e sexualidades nas reuniões da ANPED de 2000 a 2006.
KLEIN, Carin. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2012, vol.17, n.51, pp.647-660. ISSN 1413-2478.	Educação de mulheres-mães pobres para uma "infância melhor".
EPSTEIN, Debbie e JOHNSON, Richard. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2009, vol.14, n.40, pp.83-92. ISSN 1413-2478.	Jovens produzindo identidades sexuais.

ALMEIDA, Jane Soares de. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2007, vol.12, n.35, pp.327-342. ISSN 1413-2478.	Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo noséculo XIX.
DELGADO, Ana Cristina Coll. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2005, n.28, pp.151-163. ISSN 1413-2478.	Como as mães de uma creche domiciliar percebem o trabalho de tomar conta de crianças?
CRUZ, Silvia Helena Vieira. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2001, n.16, pp.48-60. ISSN 1413-2478.	A creche comunitária na visão das professoras e famílias usuárias.
SOIHET, Rachel. Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2000, n.15, pp.97-117. ISSN 1413-2478.	A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz.

Fonte: Organização da autora.

No *site* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), inicialmente, foram encontradas 13.126 dissertações e analisadas 4.363, entre os anos de 2011 e 2021, e foi possível perceber que não há uma sequência contínua entre os anos (tabela 1). Logo após, foi realizada a leitura dessas obras, a fim de encontrar convergências entre elas, além de tecer referenciais também para esta dissertação. Algumas das obras foram analisadas de forma profunda, com o objetivo de refletir sobre suas similaridades, como: metodologias, referenciais teóricos, objetos de estudos e temática.

Tabela 1. Produção por ano - Capes

ANO	2011	2012	2018	2020	2021
NÚMERO DE OBRAS	692	690	663	1.522	796

Fonte: Organização da autora.

Foi possível observar, nessa análise, que não existe uma sequência nos anos dos trabalhos, e que, a princípio, consta um número expressivo de dissertações, mas, quando se passa a analisar as páginas, é visível que o número de pesquisas realmente voltadas aos filtros aqui utilizados cai drasticamente, mostrando, assim, quanto esse tema ainda precisa avançar dentro dos espaços científicos e formais de Educação.

Também foi possível identificar que, em 13.126 dissertações, somente até a página 2 constam temáticas que envolvem a Pedagogia Feminista, e os filtros definidos nesta pesquisa, e apenas 14 trabalhos estão mais relacionados e, desses, 2 são anteriores à Plataforma Sucupira (quadro 2).

Quadro 2. Dissertações convergentes gerais

DISSERTAÇÕES
OLIVEIRA, Isabella Marques de. Por uma pedagogia feminista... até que todas sejamos livres! 20/02/2020, 209 f. Mestrado em Educação, Culturas e Identidades. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, Recife, Biblioteca Depositária: UFRPE
PASSONI, Sara Abreu. Pedagogia feminista como um caminho para o combate ao sexismo com a educação 16/12/2021, 85 f. Mestrado Profissional em ENSINO DE HUMANIDADES. Instituição de Ensino: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO, Vitória. Biblioteca Depositária: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo
ABREU, Lais Oliveira. Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil 23/10/2020, 270 f. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Jacobina. Biblioteca Depositária: Biblioteca da Uneb, <i>Campus</i> DCH - IV - Jacobina-BA
LOPES, Daniele Rehling. “Quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro” : a auto-organização das mulheres e a Educação Popular na construção da Pedagogia Feminista no curso Desafio Pré-Vestibular/RS' 10/03/2017, 227 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas. Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do <i>Campus</i> das Ciências Sociais
SANTANA, Camila de Melo. Feminismo agora! : uma experiência de pedagogia feminista autoreflexiva' 20/08/2018, 147 f. Mestrado em Educação, Culturas e Identidades. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, Recife. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
ALMEIDA, Angela Aparecida de. Artivismo e pensamento computacional encontram na mídia-educação: um experimento feminista na educação básica 10/08/2022 <i>undefined</i> f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, Uberaba. Biblioteca Depositária: BDTD/UFTM
GIL, Vanessa Nesbada da Silva. Pedagogia feminista decolonial: decolonialidade e práticas pedagógicas feministas na Marcha Mundial das Mulheres 29/03/2021, 152 f. Doutorado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo. Biblioteca Depositária: http://www.unisinos.br/biblioteca/
FIGUEIREDO, Renata Targino de. Meninas e meninos de papel: pedagogia feminista e letramento crítico na promoção da igualdade de gênero na escola 12/03/2020, 188 f. Mestrado Profissional em LETRAS. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Natal. Biblioteca Depositária: FFP/UERJ
NASCIMENTO, Soraia Maria Ceita do. Pedagogia feminista negra decolonial para um ensino de história engajado na educação básica 12/02/2021, 142 f. Mestrado Profissional em Ensino de História. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Rio de Janeiro. Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

BARBOSA, Izabel Espindola. Nossas professoras pretas: por uma pedagogia preta feminista' 23/02/2021, 123 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande. Biblioteca Depositária: Banco Digital de Teses e Dissertações – Furg			
FERRI, Isadora Lee Padilha. Secundaristas em práticas educativas feministas' 10/12/2018, 127 f. Mestrado Profissional em ENSINO DE HUMANIDADES. Instituição de Ensino: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO, Vitória. Biblioteca Depositária: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo			
SILVA, Juliana Casse da. Do corpo feminino ao corpo feminista: cinema e a educação de mulheres no clube lesbos.' 01/06/2021, 168 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis. Biblioteca Depositária: <i>undefined</i>			
MUÑOZ, Fernanda Patrícia Fuentes. Rompendo silêncios: a construção de um lócus feminista de conhecimento a partir de romancistas brasileiras' 01/12/2009, 250 f. Doutorado em SOCIOLOGIA. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UnB. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.			
EGGERT, Edla. Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcriada.' 01/10/1998, 270 f. Doutorado em TEOLOGIA. Instituição de Ensino: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, São Leopoldo. Biblioteca Depositária: Escola Superior de Teologia. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira.			

Fonte: Organização da autora.

A partir das dissertações descritas no quadro 2, realizamos o filtro levando em consideração as semelhanças entre as indicadas; dessa forma, foram analisadas as obras apresentadas no quadro 4.

Quadro 4. Filtro de pesquisa sobre Pedagogia Feminista e suas metodologias

CITAÇÕES USADAS	AUTORAS/ES /ANO	DISSERTAÇÕES	METODOLOGIAS QUE CONVERGEM COM ESTA DISSERTAÇÃO
Para Ferreira e Silva (2010) , a educação feminista passou a explicitar a manutenção da fator do aumento de vulnerabilidade, e a amplificar os aspectos contextuais que agravam, assim como acobertam a violência e a subalternização das mulheres dentro dos espaços de reprodução e produção cultural	Oliveira (2020)	Por uma pedagogia feminista... Até que todas sejamos livres!	Entrevistas que dialogam com cada sujeita, de maneira sensível e real. Metodologia feita por mulheres, para mulheres, trazendo pedagogias feministas como práticas pedagógicas, encontrando uma diversidade de práticas dentro dessa pedagogia, com diálogos horizontais através das entrevistas; Pesquisa-ação.

Sanderberg (2006) apresenta, de forma introdutória, que “[...] a Pedagogia Feminista é entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e assim, atuarem de modo a que construam equidade entre os sexos” (Ibid., p. 46)	Lopes (2017)	“Quem não pode com a formiga não ataca o formigueiro”: a auto-organização das mulheres e a feminista no curso Desafio Pré-Vestibular/RS	Construção coletiva; pesquisa-ação, observação participante; pesquisa qualitativa assimétrica; pesquisa popular; Educação popular; diários feministas
Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade de resistência. Uma frase isolada de Freire se tornou um mantra pra mim: “Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde” (Hooks, 2013, p. 66) “Se não trabalharmos para criar um movimento em massa que ofereça educação feminista a todos, mulheres e homens, a teoria e a prática feministas serão sempre prejudicadas pela informação negativa produzida na maioria dos meios de comunicação” (Hooks, 2000, p. 24, tradução livre)	Passoni (2021)	Pedagogia feminista como um caminho para o combate ao sexismo com a educação	Materialismo histórico-dialético; pesquisa qualitativa; teoria das representações sociais; questionário com questões abertas e estruturadas
“As mulheres estão sujeitas a situações diversas de opressão, dependendo do grupo social ao qual pertencem. Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas vidas e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões racial e de gênero será a base para a produção de conhecimento, logo, as desigualdades raciais, conjuntamente com as desigualdades de gênero, definem a elaboração de uma epistemologia” (Cardoso,	Abreu (2020)	Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil	Cartografias afetivas; Pedagogias feministas; abordagem qualitativa; observação; diário de campo; ateliês de pesquisa

2012, p. 72).			
É aí que se localiza a não-exclusão dos homens do debate feminista e da educação não sexista, mas buscando a necessária alteridade, e dela decorrência de sentimento e posicionamento políticos conscientes, coerentes e efetivos enquanto apoiadores da palavra de outrem, por não vivenciarem, mas por construírem, de fato, a solidariedade necessária para a mudança real” (Lopes; Silva, 2016, p. 270) Guacira Lopes Louro (1997) discute sobre pedagogias feministas nos ambientes formais de educação, como a escola e a universidade, colocando como sujeitos em foco as “mulheres em sua diversidade”. Esta pedagogia feminista construída para “subverter a posição desigual e subordinada das mulheres [...], vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais” (Louro, 1997, p. 115)	Santana (2018)	Feminismo agora! Uma experiência de pedagogia feminista	Investigação através do paradigma qualitativo, com estudo de caso; Entrevistas grupais e individuais, a vivência enquanto sujeita participante do processo de formação política; a perspectiva cartográfica realizada através de encontros com o grupo de mulheres e uma investigação feminista; Metodologia coletiva que traz dimensões lúdicas, artísticas e leves

Fonte: Organização da autora.

A partir das convergências citadas, nas dissertações, foram observadas as experiências dadas a cada objeto de estudo e como essas experiências, no contexto das mulheres, foram e são relevantes para a construção de uma sociedade pautada na não diferença e violências consequentes do machismo estrutural.

É possível convergir, dentro das pesquisas realizadas, para esta dissertação, o processo metodológico das autoras que embasa cada pesquisa analisada. Tivemos como foco, em todos os trabalhos que tratam da Pedagogia Feminista, a liberdade de explorar outros caminhos possíveis e não apenas os formais, para a Educação, mas também os informais, desde as cartografias e mandalas, elementos para o produto desta dissertação.

É importante traçarmos esses pontos que interligam os trabalhos escritos que trazem como ponto de partida também a reflexão de que as pessoas sujeitas não são objetos de pesquisas, mas sujeitas protagonistas, com histórias que atravessam as páginas aqui escritas.

Pontos que trazem análises sensíveis, dialéticas, e que se assimilam, mesmo sendo diferentes. E, aqui, convergem com a pesquisa-ação, a observação participante, a escrita de diário, o trazer coletivo, plural e democrático; esses pontos vistos na análise de cada escrita aqui demonstrada e inseridos também como subsídios para a escrita desta dissertação.

Iniciamos, então, a análise, com a obra de Oliveira (2020), que tem por objetivo a investigação e construção de estratégias pedagógicas de ensino de Língua Portuguesa referenciadas nas epistemes feministas, a fim de colaborar no combate às desigualdades e violências de gênero. Essa obra busca estimular diálogos sobre desigualdades e os riscos da essencialização dos papéis de gênero.

Tem presente a Pedagogia Popular e as Pedagogias críticas, que buscam a conscientização e o engajamento discente na luta por justiça social, a partir de Hooks (2013) e Freire (2018). Oliveira considera que as Pedagogias críticas de abordagem freireana, associadas às epistemes feministas, em perspectiva multicultural, podem contribuir para a transformação das perspectivas heteropatriarcais, ainda hegemônicas em nossa sociedade.

Essa obra faz referência a falas de Ferreira e Silva (2010):

A educação feminista passou a explicitar a manutenção da dominação dos homens, a reconhecer no racismo um fator do aumento de vulnerabilidade, ea amplificar os aspectos contextuais que agravam, assim como acobertam a violência e a subalternização das mulheres dentro dos espaços de reprodução e produção cultural (Oliveira, 2020, p.163).

O papel da educação feminista é trazido como um despertar para as desigualdades tidas na sociedade a partir das relações de gênero. Além de já entrelaçar a educação popular e a pedagogia feminista como parceiras dessa luta/despertar/conscientização.

Com Lopes (2017), o trabalho é fruto de reflexões e experiências desenvolvidas a partir da perspectiva da Educação Popular, tendo como foco a incorporação real das discussões feministas dentro dessa área da Educação. Nessas análises, que aconteceram a partir da determinação de indicadores emancipatórios, foi considerada a auto-organização das mulheres como cerne na consolidação da Pedagogia Feminista. Para tanto, buscou-se, nesta obra, a Educação Popular como mediação e princípio político, por compreender que esta só será de fato libertadora e emancipatória quando incorporar a luta, história e as vivências das mulheres numa perspectiva despatriarcalizada.

Essa também é uma obra que traz a importância da Educação Popular, com uma defesa que segue intransigente: sem as mulheres, não haverá efetivo processo emancipatório da classe trabalhadora, assim como a Educação Popular não estará radicalmente comprometida com a transformação social enquanto não incorporar, de fato, o feminismo.

Nesta obra, ressaltamos a autora Sanderberg (2006, p. 46) apresentando, de forma introdutória:

[...] a Pedagogia Feminista é entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e assim, atuarem de modo a que construam equidade entre os sexos.

Aqui trazemos o termo equidade, fundamental na luta feminista por direitos, além também de falar do despertar e da conscientização que acontece através da Pedagogia Feminista das diversas violências sofridas pelas mulheres ao longo da história. Além de falar do papel da Educação Popular nesse processo.

Na sequência, trazemos a obra de Passoni (2021), que, em sua dissertação, tem o objetivo de promover apontamentos para uma Pedagogia Libertadora/feminista, e pensar em compreensões e reflexões acerca das relações de gênero, e elaborar formas de superação das opressões e da violência de gênero por intermédio da práxis educativa.

Esta obra, é citado Hooks (2013, p. 66), falando de Paulo Freire:

Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade de resistência. Uma frase isolada de Freire se tornou um mantra pra mim: “Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde”.

Concordamos com Hooks no sentido de colocar a fundamental e essencial importância de Paulo Freire na construção de uma Pedagogia Feminista libertadora/emancipadora. Passoni (2021) também destaca Hooks (2000, p. 24, tradução livre) para falar da importância de uma Educação Feminista não apenas para as mulheres:

Se não trabalharmos para criar um movimento em massa que ofereça educação feminista a todos, mulheres e homens, a teoria e a prática feministas serão sempre prejudicadas pela informação negativa produzida na maioria dos meios de comunicação.

Também concordamos que, caso não seja para todas as pessoas, a Educação feminista se faz prejudicada e as transformações necessárias na sociedade deixam de acontecer de maneira efetiva e eficaz.

Após, trazemos Abreu (2020), com as inquietações corporificadas acerca da síndrome do silêncio, diante do fenômeno da violência sexual infantil e dos altos índices dessa

prática criminosa no contexto brasileiro. Essa obra tem por objetivo central compreender as principais contribuições da Pedagogia Feminista para o enfrentamento da violência sexual infantil no território escolar, na perspectiva da pesquisa-intervenção.

Os objetivos específicos consistiram em: caracterizar o fenômeno da violência sexual infantil e suas principais implicações nas infâncias das crianças; mapear ações pedagógicas, ancoradas na Pedagogia Feminista, que contribuam para a prevenção da violência sexual infantil no território escolar; e construir, colaborativamente, uma cartografia de afetos, visando contribuir para o enfrentamento da violência sexual infantil no território escolar.

A obra traz falas de Cardoso (2012, p. 72), quando diz:

As mulheres estão sujeitas a situações diversas de opressão, dependendo do grupo social ao qual pertencem. Para as mulheres negras, o racismo é visto como uma estrutura de dominação e exclusão que marca profundamente suas vidas e, desta forma, a experiência com a intersecção das opressões racial e de gênero será a base para a produção de conhecimento, logo, as desigualdades raciais, conjuntamente com as desigualdades de gênero, definem a elaboração de uma epistemologia.

Essa obra traz dois contextos sobre os quais também concordamos serem extremamente importantes dentro do processo de uma Educação feminista e desta Pedagogia. Primeiro, do combate a uma violência sexual que grande parte de nós mulheres, se não todas, já passaram de alguma forma, ao longo de sua história de vida, além também de relacionar o racismo estrutural, em que mulheres negras são duplamente violentadas, pelo machismo e racismo.

Por fim, trazemos Santana (2018), que faz um estudo de caso sobre uma experiência de formação feminista baseada na metodologia da autorreflexão, com o grupo FeminismoAgora! Segundo esse estudo, o método da autorreflexão surgiu na década de 1960, no âmbito dos movimentos feministas e de mulheres, e consiste no compartilhamento em grupo de reflexões elaboradas a partir das experiências de vidas participantes.

A análise dos dados debruça-se sobre a construção das identidades feministas; o entendimento político sobre questões pessoais e cotidianas; as trocas de conhecimentos sobre pautas feministas; o aprendizado da escuta e da expressão; a vivência de outras lógicas no movimento; o autoconhecimento sobre corpo e sexualidade; o contato com um feminismo maior; e das possibilidades de engajamento. No que diz respeito às relações de poder, vários fatores influenciaram a fala ou o silenciamento das integrantes, como as desigualdades de raça, classe, estudos e trajetória política.

Como referencial desta obra, destacamos três autoras, as primeiras são Lopes e

Silva (2016, p. 270), que discorrem também sobre a importância da não exclusão dos homens do debate feminista:

É aí que se localiza a não-exclusão dos homens do debate feminista e da educação não sexista, mas buscando necessária alteridade, e dela decorrência de sentimento e posicionamento políticos conscientes, coerentes e efetivos enquanto apoiadores da palavra de outrem, por não vivenciarem, mas por construírem de fato, a solidariedade necessária para a mudança.

Compartilhando, dessa forma, do pensamento de que o debate de uma Educação não machista se faz necessário entre todas as pessoas, sem exclusão. Essa obra traz também Guacira Lopes Louro (1997, p. 115), que discute as Pedagogias Feministas nos ambientes formais de Educação, como a escola e a universidade, colocando como sujeitas em foco as “mulheres em sua diversidade”.

Esta pedagogia feminista construída para “subverter a posição desigual e subordinada das mulheres [...], vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais”.

A Pedagogia Feminista é colocada, aqui, em seu papel de revolucionar, propondo caminhos para que aconteça essa evolução com o objetivo de romper essa estrutura de poder pautada numa Educação completamente sexista, machista e androcêntrica.

É importante destacar o entrelace nas obras aqui citadas em diferentes referenciais teóricos, trazendo a importância da Pedagogia Feminista como mecanismo de enfrentamento ao machismo estrutural e suas consequências, destacando que toda a sociedade esteja incluída nesse debate, bem como o enlace que existe entre a Pedagogia Feminista e a Educação Popular; consequentemente, com as teorias e os pensamentos de Paulo Freire.

A perspectiva pedagógica do Movimento Feminista tem como base os princípios pedagógicos da Educação Popular e a teoria feminista. Isso acontece a partir de sua própria organização. Primeiro, constitui-se como um movimento popular, que nasce na luta popular das mulheres por direitos, e aqui se faz uso da Educação Popular para a convergência dos ideais e da própria formação política, que tem uma construção compartilhada do conhecimento e também busca a emancipação de suas pessoas sujeitas e, a partir da teoria feminista, pensando que é uma perspectiva feita por mulheres, para mulheres, ou seja, a partir das próprias teóricas feministas que questionam as relações de poder.

A Educação Popular tem como espaços os movimentos sociais organizados, nos quais se constrói e fortalece a Pedagogia Feminista e torna-se fonte de inspiração e aprendizado

para a Educação formal.

Os movimentos sociais acabam por, assim, internalizar, de maneira orgânica, a Pedagogia Feminista, a exemplo da Marcha das Margaridas - uma ação coletiva realizada por mulheres trabalhadoras rurais que constitui uma identidade política, a partir de problemas comuns ao meio rural brasileiro, e tem o nome de Margarida Alves, grande defensora das/os trabalhadoras/es do campo, que foi assassinada em 1983 (Da Silva, 2008), e o próprio projeto Mulher Maravilha, objeto de estudo desta dissertação, também traz a organização das mulheres para uma ação coletiva que culmina em seu empoderamento, em um espaço de Educação Popular que é o CDVDH/CB.

Por fim, observamos aqui o entrelace das obras teóricas aqui tratadas como objeto de estudo proposto nesta dissertação a partir do viés de pedagogias emancipatórias, libertadoras e que envolvam toda a sociedade nesse processo de transformação e ruptura de estruturas de poder historicamente alicerçadas a manter uma sociedade que lucra e violenta, em especial, as mulheres. Trazer à tona essa estrutura, questioná-la, bem como sugerir formas de sua ruptura, são os pontos de ligação nas obras aqui exploradas com o objeto de estudo desta dissertação, mas é possível perceber a necessidade de explorar ainda mais essa temática tão potencial para a construção e evolução da sociedade.

Ressaltamos que as obras aqui abordadas convergiram profundamente entre si, trazendo a importância de a Pedagogia Feminista ser incorporada dentro dos espaços formais de Educação, bem como sua tão importante aliada nesse processo, a chamada de Educação Popular e converge, também profundamente, com toda a construção desta dissertação, desde o referencial teórico até as metodologias utilizadas.

Nesse caminhar teórico, refletimos sobre a eficácia da Pedagogia Feminista que permeia com uma metodologia libertadora e emancipatória, não apenas para as mulheres, mas para toda a sociedade, e é apontado, em todas as obras, que esse debate precisa agregar todas as pessoas, trazendo reflexão e conscientização. A Pedagogia Feminista traz a intencionalidade de transformar toda a sociedade, realizando um contraponto essencial ao machismo estrutural que violenta e mata tantas mulheres cotidianamente.

Acreditamos que esse é um caminho que precisa ser percorrido para a construção de uma sociedade melhor e que os espaços científicos e acadêmicos necessitam se abrir para essa Pedagogia ainda mais, pois, embora já existam trabalhos e obras de notoriedade sobre essa temática e sobre essa necessidade, ainda são poucas as pesquisas disponíveis.

Destacamos a importância dessa análise para o embasamento teórico desta dissertação, reafirmando quanto consideramos importante a Pedagogia Feminista e a sua contribuição para a vida das mulheres.

Dessa forma, é preciso pautar essa temática, a fim de ser construída uma nova Educação, pautada na igualdade de direitos e equidade entre os gêneros, erradicando, assim, diversas violências e revolucionando a sociedade para o caminho de uma construção justa e coletiva.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Iniciamos historicizando a Pedagogia Feminista e o Movimento Feminista, a fim de compreender os pontos que fortalecem a criação e compreensão da necessidade dessa Pedagogia na vida das mulheres. É importante ressaltar que as mulheres são cotidianamente violadas, de diferentes formas, ao longo da vida. Dados do Ministério das Mulheres revelam:

Mulheres são maioria entre as pessoas jovens que não estudam:

Entre os jovens de 15 a 29 anos que não estudavam, não estavam ocupados e que não tomaram providência para conseguir trabalho em 2023 (7,3 milhões), observa-se que 55,6% tinham entre 18 e 24 anos, 69,5% eram mulheres e 48,5% eram mulheres pretas ou pardas.

- Do total destes jovens, 31,9% gostariam de trabalhar, mas ou não havia trabalho na localidade, ou não conseguiam trabalho adequado ou tinham de cuidar dos afazeres domésticos, das(os) filhas(os) e de outros parentes, motivo este alegado praticamente só por mulheres.
- 68,1% dos jovens “nem estuda - nem trabalha - nem busca trabalho” informaram que não gostariam de trabalhar e a principal razão era o trabalho reprodutivo (afazeres domésticos e cuidado de filhas/os e parentes), seguida por problemas de saúde ou gravidez. Em números, isso significa: trabalho reprodutivo, 95,7% é mulher, problema de saúde ou gravidez, 52,5% mulher.

A maioria dos registros de violência contra mulheres são contra pretas e pardas.

- Segundo os registros do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan/MS), nos casos de violência contra mulheres adultas (20 a 59 anos), 60,4% foram contra mulheres pretas e pardas, enquanto 37,5% contra mulheres brancas.
- Esses dados evidenciam a sobreposição de vulnerabilidades para mulheres negras, resultado de desigualdades raciais e socioeconômicas.

Os homens são os principais agressores das mulheres.

- Os principais agressores das mulheres são os homens. Em 76,6% dos registros de violências doméstica, sexual e/ou outras violências contra mulheres.

O Brasil registrou mais de meio milhão de estupros entre 2015 e 2024

- Segundo os dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, mais de meio milhão de ocorrências de estupro de mulheres foram registradas entre 2015 e 2024 no Brasil. Foram 591.495 casos.
- Segundo os dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, entre os anos de 2015 e 2024, foram registradas 11.650 ocorrências de feminicídios (Raseam, Ministério das Mulheres – GOV, 2025, *on-line*).

Esses são alguns dados gerais de nosso país. O Estado do Maranhão, segundo notícia no portal do G1, em 2023, era o segundo estado com maior número de agressões e tentativas de feminicídios do Nordeste; os dados foram da Rede de Observatório de Segurança.

Os dados da região tocantina não permitiram encontrar pesquisas concretas, mas foi possível compreender, através da própria vivência no CDVDH/CB e do trabalho desenvolvido no projeto Mulher Maravilha, que é alto o índice de violência.

Todas essas perspectivas de violências aqui trazidas, mas que sabemos haver bem mais em diferentes âmbitos, tornam necessário compreender o processo histórico da luta por direitos das mulheres, a Pedagogia Feminista⁴, a Educação Popular⁵ e o Movimento Feminista⁶.

2.1 Por uma Pedagogia Feminista



Mulheres sem acesso à Educação é apenas uma das diversas violências sofridas e por muito tempo naturalizada na sociedade. Mulheres tinham por função cuidar da casa, do marido, dos(as) filhos(as) e a educação feminina precisava ser voltada à realização desses afazeres. Essa prática pode ser observada em trecho extraído da obra de August Comte (2000, p. 278):

Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe.

Dialogando com Comte, percebemos quanto esse processo está enraizado e naturalizado na forma de educar a mulher para uma postura de total submissão diante da sociedade, destinada a desenvolver papéis específicos como se compusessem seu único destino.

Esse processo de Educação baseado em tirar a liberdade das mulheres exigiu a construção e estruturação de uma Educação libertadora, que problematizasse e não apenas transferisse o que se chama de “conhecimento”. Rever essas questões que permeiam a sociedade e, mais precisamente, as mulheres, levaram a formas de encorajamento, empoderamento e, como consequência, à ocupação ou ao enfrentamento dos desafios de ocupação dos diversos espaços sociais por mulheres.

As mulheres passaram, então, a partir da reflexão, dos questionamentos e da constante tentativa de romper essa estrutura de poder, a falar de empoderamento, um termo muito usado em rodas de conversas na vertente feminista e cuja origem é a palavra inglesa *empowerment*. De acordo com Laverack e Labonte (*apud* Becker *et al.*, 2004, p. 657), o termo significa:

[...] o meio pelo qual as pessoas adquirem maior controle sobre as decisões que afetam suas vidas; ou como as mudanças em direção a uma maior igualdade nas relações sociais de poder, por exemplo, nas relações com que detém recursos, legitimidade, autoridade e/ou influência.

A partir dessa reflexão, consideramos que empoderar mulheres é uma forma de libertá-las, para tomar o controle de suas vidas e de todas as decisões, assim como conscientizar os homens

⁴Prática pedagógica que reflete sobre as relações de poder pautadas no gênero e busca uma educação não sexista, não machista e não androcêntrica e a valorização e a emancipação das mulheres em seus mais diversos espaços de ocupação e educação, sejam eles formais ou não.

⁵Prática pedagógica que busca uma transformação social, levando em consideração os saberes não formais, e que traz uma criticidade e um desejo de emancipação de suas pessoas sujeitas.

⁶Movimento social e político de luta por direitos das mulheres, que visa promover uma sociedade mais justa e equitativa.

toda a sociedade de que as mulheres não estão para servi-los e que ambos dispõem dos mesmos direitos. Se trouxermos essa reflexão para os dados da violência contra as mulheres, podemos obter um avanço, pois é preciso educar os homens para entender que as mulheres não são objetos e que são donas de si e de suas vidas. Fazer isso, é educar toda uma sociedade para entender que não há um gênero superior ao outro.

Porém, é importante dizer que empoderar as mulheres, ou trabalhar a Pedagogia Feminista, se torna cada vez mais estratégico, visto ser de extremo interesse de uma sociedade machista manter as mulheres controladas, por ser pautada nas desigualdades entre os gêneros, e dar um sentido de inferioridade ao gênero feminino e que caracteriza um fato histórico estrutural.

A luta pelo direito à Educação, ao trabalho fora do lar, tem sido constante, dentro do Movimento Feminista, a partir do qual as mulheres começaram a se organizar para pautar, falar e lutar por seus direitos, que continuam a ser negados, simplesmente com o intuito de manter um sistema que controla os corpos e as vidas das mulheres, com características machistas, androcêntricas e patriarcais.

O embate feminista é constante, histórico, e sempre atual, em busca de formas de quebrar todas as violências sofridas pelas mulheres, ao longo da sua existência. Por isso, a luta por uma Pedagogia que fortaleça esse público e faça com que se torne menos desafiadora sua ocupação nos espaços educacionais e, porque não dizer, nos espaços de poder da sociedade.

Esse desejo constante em ocupar espaços de fala dentro da Educação traz a Pedagogia Feminista (Ochoa, 2008). Com base nessa perspectiva, os processos educativos/formativos podem ser realizados por meio de diversas propostas, como oficinas, círculos de cultura, grupos de discussão, conferências, seminários, material didático, dentre outras ferramentas pedagógicas.

Essa perspectiva traz uma Pedagogia não sexista, na qual as narrativas de vida das mulheres são escutadas e sua força é alimentada, trazendo o empoderamento feminino, que nada mais é do que fazer com que as mulheres entendam que essa luta precisa ser feita por mulheres para mulheres, porque apenas quem sofre as violências em suas vidas é capaz de dimensioná-las e compreendê-las e, assim, conseguir traçar estratégias reais de enfrentamento.

O feminismo torna-se extremamente importante para refletirmos sobre as relações sociais e assim buscar formas de romper com os processos históricos de invisibilização,

silenciamento e controle das mulheres. Pensar nesse processo histórico é também refletir sobre a atualidade em que, embora a alguns direitos tenham sido conquistados, através da luta feminista, ainda persiste o machismo muito bem estruturado e institucionalizado na sociedade atual, fazendo com que as mulheres ainda precisem se organizar para conquistar seu lugar de fala nos espaços de poder.

Portanto, mesmo que as perspectivas sejam diversas e distintas, o feminismo é extremamente importante para pensarmos sobre nossas relações sociais e conhecermos o processo histórico vivido pelas mulheres, tendo em vista o rompimento com o silenciamento e a invisibilidade em que por muito tempo elas estiveram “confinadas” (Perrot, 2007).

A Educação tem um grande poder e também responsabilidade na formação da sociedade, assim, pode contribuir para libertar, ou para manter e fortalecer estruturas de poder (Arroyo, 2018) e opressões, como acontece com o machismo e o modelo de sociedade patriarcal.

A Educação formal, ao longo de sua história, não promoveu a autonomia e o empoderamento das mulheres, mas se utilizou e ainda utiliza ações que fortalecem ideologias e crenças machistas. Dessa forma, o currículo era diferenciado para meninas e meninos, dando sequência à lógica da cultura patriarcal.

De acordo com Tomaz Tadeu (2005, p. 92): “Os currículos eram desigualmente divididos por gênero. Certas matérias e disciplinas eram consideradas naturalmente masculinas, enquanto outras eram consideradas naturalmente femininas”.

Essa observação sobre os currículos permite refletir, inclusive, sobre as práticas cotidianas, nessa divisão pautada no que a sociedade define como construção dos gêneros masculino e feminino. A escola torna-se, assim, um ambiente em que se estimula e fortalece violências institucionalizadas, simbólicas e, por diversas vezes, de assédio às mulheres, legitimando o que acontece na sociedade historicamente de maneira geral (Nascimento, 2016).

Para Carreiro (*apud* Sousa; Araújo; Astigarraga, 2015) as escolas fortalecem as diferenças sexuais e suscita a lógica de naturalização do comportamento sexual segundo as normas e os padrões de gênero. Assim, é possível compreender o processo histórico de violação e luta pelos direitos das mulheres, pois a sociedade sempre pautou como as mulheres deveriam ser, e controlar o que podem ou não aprender faz com que a dominação e manutenção dessa estrutura de poder masculina se perpetuem “[...] não tinha necessidade de ler e escrever e, se

possível, não deveria falar” (Ribeiro, 2003, p. 79).

Com todas essas violações de direitos, o movimento feminista questiona e luta por uma Educação não sexista, não androcêntrica e não machista. Entender e pensar o movimento feminista pode se tornar complexo, pois é plural, tem muitas falas e vem de diversos lugares, porém é de grande importância refletir a respeito, pensando em toda a relevância e as consequências de suas lutas.

Ainda, embasando a proposta de pensar as lutas desse movimento dentro da educação, temos, no Brasil, a trajetória das pesquisas feministas com suas marcas em contextos políticos, cuja consequência é a formação de grupos de universitárias que fazem estudos sobre mulheres e sobre gênero e sexualidade, agora, de maneira científica.

Dessa forma, começou-se a criar um movimento dentro das academias que questiona o modelo de Educação pautado nas relações de gênero, que coloca a mulher como um ser inferior, historicamente, dando início, assim, à Pedagogia Feminista, voltada apenas ao campo universitário, sem relação com os demais níveis da Educação, e quando as mulheres começaram a ocupar esses espaços.

As inquietações iniciais dessas feministas, que começavam a ocupar espaço nas universidades, giravam em torno da valorização da mulher e da produção de pesquisas que promovessem ideais feministas. Suas reivindicações colocavam em pauta o acesso de mulheres aos estudos, a contratação de professoras universitárias na mesma proporção que os professores homens, um currículo que incluísse valores feministas e a promoção do feminino frente ao privilégio masculino na educação superior (Silva, 2005; Gordon, 2015).

Pensar nesse início de luta por um espaço com uma Educação não sexista é um processo, que, ainda hoje, o Movimento Feminista questiona e enfrenta, tendo como aliada a Pedagogia Feminista, mas as escolas, em seu contexto geral, ainda são espaços em que há a reprodução de ideais machistas em seu currículo.

Mesmo com todo o avanço obtido ao longo da história, a mulher ainda luta por romper essa estrutura tão bem alicerçada, em busca de ocupar os diversos espaços, dialogando e/ou gritando para que sua voz seja ouvida e respeitada. Assim, Silva e Mendes (2015, p. 92) afirmam que:

[...] as relações existentes na escola marcada pelos seus tempos determinados, espaços e símbolos dizem quais lugares estão reservados às meninas e aos meninos. Esse fato acontece de maneira tão “natural” à comunidade escolar que não nos leva à percepção da concretização das diferenças dentro da escola.

A Educação é um campo de dinamicidade, em que as diversas realidades coexistem, onde há a supremacia de um gênero e, para ser rompida essa estrutura, é necessário a busca da

consciência dessas desigualdades por toda a sociedade, além da ocupação da mulher nos espaços de poder e falas.

Assim, historicamente, as mulheres têm vivido em um sistema que nutre privilégios pautado no gênero masculino e é preciso entender que todas as conquistas de direitos e espaços ocupados pelas mulheres foram obtidas através da luta organizada pelo Movimento Feminista. Nascimento (2014) apresenta a Educação sexista como aquela que não apenas distingue homens e mulheres, como transformam essas diferenças em desigualdades, que são justificadas como algo estabelecido biologicamente.

O debate feminista sobre patriarcado coloca no centro da discussão o poder do homem sobre a mulher, existente também nas sociedades capitalistas contemporâneas. Nos sistemas patriarcais, as mulheres estão em patamar de desigualdade, com uma série de obrigações, em relação aos homens, como manter relações conjugais, mesmo contra sua vontade, além de um forte controle sobre sua sexualidade e vida reprodutiva (Aguilar, 2015).

De acordo com Silva (2010, p.11): “O feminismo é um modo de olhar o mundo que busca articular a análise das desigualdades de gênero, raça e classe no intuito de transformá-las, e que, por isso, exige coerência entre construção teórica e luta social pela transformação”.

Cláudia Korol (2007), afirma que, para se construir uma Pedagogia Feminista, é necessário desorganizar as relações de poder de forma subversiva e revolucionária, considerando o valor da subjetividade na criação histórica e o valor dos corpos inscritos nos territórios. A Pedagogia Feminista bebe da fonte da Pedagogia Popular – que parte da Educação como prática de liberdade (Freire, 1999) – e do feminismo, se constituindo ao assumir o enfrentamento às estruturas opressoras e construindo formas de resistências.

Dessa forma, se faz urgente o conhecimento da história das mulheres, valorizando suas várias vozes, trazendo o diálogo como dinâmica problematizadora, no qual todas as mulheres, através da Pedagogia Feminista, estão em processo educativo e reflexivo que incide em políticas públicas educativas, que possam possibilitar a conscientização da sua posição no mundo e assim superar seus diversos desafios. É preciso, ao longo desse processo, compreender a história do Movimento Feminista por libertação e direitos das mulheres.

A história do feminismo perpassa por ondas: a primeira onda venho com a luta central voltada ao direito ao voto; a segunda teve como foco a luta por direitos reprodutivos e a discussão sobre sexualidade; nessa onda também se inicia a problematização sobre sexo e

gênero, com o primeiro definido por uma condição biológica e o segundo por uma construção social; a terceira e última onda traz, em um de seus focos, a interseccionalidade entre os diversos mundos e tipos de opressões vividas pelas mulheres (Silva; Godinho, 2017).

Figura 13. Ondas do feminismo -
imagem da internet



Fonte: Disponível em: <https://resumos.mesalva.com/feminismo/>

Dentro dessa dinâmica, é possível entender como foi se estruturando o Movimento Feminista e suas lutas e compreender como a sociedade moldou e molda as mulheres para que se comportem da maneira ‘adequada’ a elas e, nesse contexto, a Educação que tem papel fundamental na preservação dessa estrutura de poder pautada em um gênero superior, neste caso, o masculino. “A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo” (Saffioti, 1987, p. 8).

É possível, assim, refletir sobre a frase de Simone de Beauvoir (1948-1949): “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esse “torna-se mulher” pode ser colocado dentro dessa estrutura educacional na qual se observam comportamentos considerados femininos pela sociedade e, em contraponto, temos a construção de uma Pedagogia Feminista, que rompe com esses padrões a serem seguidos.

A Pedagogia Feminista foi iniciada na chamada terceira onda do Movimento Feminista questionando as relações entre os gêneros e a interseccionalidade. Em relação ao feminismo, Ochoa (2008, p. 52) ressalta que é necessário compreender que o feminismo é um

termo que abrange: “um corpo de significados que tem variado em distintos momentos da história, com sua diversidade de reflexões e práticas”. Implicando dizer que está interligado com suas diversas dimensões: socioculturais e políticas, e perpassam por vários campos científicos e também tem caráter sócio-histórico. Para essa autora, o feminismo:

[...] é uma filosofia, uma ética, um pensamento científico, mas além de ser uma concepção do mundo e da vida, refere-se a ações, experiências e iniciativas que visam a mudança social, político, cultural e epistemológica das relações de gênero. É um movimento social e político, uma cultura, uma prática em torno da liberdade, da igualdade, da autonomia, da democracia, dos direitos humanos, transformando as pessoas e a sociedade em todas as suas dimensões, cujo o propósito é abolir a organização social patriarcal e propor novas formas e valores organizacionais centrados na prontidão e equivalência humanas. Está subjacente a uma teoria, uma forma de compreender a realidade e também de compreender as formas de transformar a sociedade e de libertar as mulheres, onde mudanças na distribuição e nas estruturas de poder são cruciais (Ochoa, 2008, p.53-54).

Dessa forma, a Pedagogia Feminista tem como aliada, no processo construtivo de uma Educação que não perpetue o machismo histórico vivenciado e naturalizado por toda a sociedade, a Educação Popular, que ganha vida dentro de espaços populares, como ONGs ou outros movimentos sociais organizados, de maneira que vem se construindo como contrapondo a essa estrutura de poder patriarcal, propondo uma metodologia de escuta das histórias das mulheres para que, assim, consigam falar e construir suas próprias narrativas.

Compreendendo a importância da Educação, nesse processo, como contribuinte e mantenedora dessa dinâmica patriarcal, constrói-se a consciência de que é preciso ocupar esses espaços para fazer o contraponto à Educação machista e sexista existente. Nesse sentido, propõe-se uma Pedagogia com uma formação feminista, que objetiva a ruptura dessa estrutura de poder e contribui com a construção de sujeitas donas de suas narrativas, histórias de vida e conscientes de todos os privilégios pautados na Educação patriarcal e machista.

Também é importante falar da necessidade das bases epistemológicas feministas no currículo educacional que considere as mais diversas práticas de opressões vividas pelas mulheres.

É necessária uma intervenção na base curricular através do diálogo interseccional, pois: “[...] uma pedagogia feminista, antirracista e atenta à diversidade sexual e que busca promover a educação cidadã necessita de um currículo construído como uma rede de conversação” (Cardoso; Silva, 2011, p. 57).

Algumas bases teóricas nos trazem a reflexão do alinhamento entre as práticas pedagógicas feministas com a construção de bases curriculares educacionais pautadas no respeito e na dignidade de suas pessoas sujeitas, entendendo que os currículos não são neutros e refletem relações de poder “[...] que influem no processo de aprendizado, na produção de

conhecimentos, na formulação de currículos e de quem determina o que conta como conhecimento ‘oficial’” (Sardenberg, 2011, p. 25/26, grifo no original).

Durante as décadas de 1960 a 1990, o currículo passou por uma crítica ao modelo tradicional adotado, trazendo teorias para refletir sobre as relações de poder e também as influências sociais na construção do saber.

Conclui-se, portanto, que os processos de seleção e organização do conteúdo e das atividades de aprendizagem são questões centrais no campo de currículo. Até os anos 60, as diferentes propostas enfrentavam tais questões partindo das orientações dominantes que privilegiavam elementos como a eficiência e a racionalidade técnica e científica em nome da minimização de custos e maximização de resultados. Predominava a idéia de que um planejamento rigoroso, baseado em teorias científicas sobre o processo ensino aprendizagem, era a forma de lidar com os problemas da área (Santos; Moreira, 1995, p.49).

Existia um modelo de currículo até essa cronologia não crítico e que desconsiderava as mais diversas pessoas sujeitas dentro do contexto escolar formal, pois visava apenas a transmissão metódica de conhecimentos técnicos.

Entre as décadas de 1980 e 1990 surgem novas maneiras de conectar Educação e relações de poder; vivências reais; novas formas de produção de conhecimento. Como apontam Santos e Moreira (1995, p. 50): “Nas escolas não se aprendem apenas conteúdos sobre o mundo natural e social; adquirem-se também consciência, disposições e sensibilidades que comandam relações e comportamentos sociais do sujeito e estruturam sua personalidade”.

E, aqui, converge-se para a Pedagogia Feminista, trazendo esse viés de um olhar crítico que questiona as estruturas de poder machistas ainda tão atuais, construindo intervenções coletivas, em todos os âmbitos e, em especial, nos currículos formais de Educação. Assim, compreende-se a necessidade de uma intervenção maior nas bases curriculares nacionais.

De acordo com Silva (2010), o feminismo, como pensamento crítico e ação política, possui uma ação pedagógica embasada na teoria sobre as relações de gênero, voltada ao empoderamento e organização política das mulheres. Partindo da confirmação de que as mulheres tem um processo histórico de invisibilidade e violências, as teorias acadêmicas feministas começaram a discutir os conceitos de gênero. Conforme Scott (1989, p. 3) afirma:

O gênero era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente.

Então, as teorias das relações de gêneros compõem os estudos das diferenças existentes no processo educacional entre mulheres e homens.

De acordo com Silva (2010), a Educação, ou Pedagogia Feminista, diz respeito à aprendizagem acerca da teoria das relações de gênero, bem como ao processo de formação de sujeitas/os autônomas/os que contribuam de maneira significativa na transformação da sociedade em prol da equidade de gênero. Assim, a construção de uma Educação pautada na autonomia das mulheres é pensada por teóricas feministas.

A reflexão a respeito das relações de gênero e Educação teve início a partir da Educação Popular, por volta do final dos anos 60 e início dos anos 70, quando, na América Latina, emergem projetos educativos para as mulheres, e é ampliada devido à participação delas nos processos de formação popular e de uma série de necessidades e demandas particulares dos grupos e/ou movimentos. Essas propostas, consideravelmente embasadas nos contributos freirianos de Educação, ultrapassaram o contexto latino-americano e tem sido retomadas e relidas por diversas/os educadoras e educadores críticas/os, instigadas/os pela concepção freiriana de Educação (Ochoa, 2008).

Entendendo: “a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (Freire, 2001, p.19), tem-se, nessa modalidade, uma aliada extremamente essencial, necessária e importante, pois tem como fonte e celeiro o próprio território popular, as comunidades, os diversos grupos e as diversas realidades. Conforme aponta Arroyo (2003, p. 30): “De alguma forma os movimentos sociais reeducam o pensamento educacional, a teoria pedagógica, a reconstrução da história da educação básica [...]”. Assim, esses movimentos passaram a influenciar e repensar a Educação formal.

A Educação Popular vem sendo realizada no âmbito dos movimentos sociais organizados, que trazem como bandeiras de lutas uma modalidade não androcêntrica, multicultural e interseccional, fazendo uso da Pedagogia Feminista como fonte de empoderamento das mulheres em seus diversos territórios e histórias de vida.

Dentro dos movimentos sociais, é possível incorporar as vivências reais das mulheres em seus próprios territórios e a partir de suas próprias narrativas, trazendo um dos aspectos da Pedagogia Feminista, a subjetividade dos/as sujeitos/as. Como afirma Silva (2010, p. 16), “A microdimensão social da esfera privada dos afetos e sexualidade é pensada num lugar onde as relações de poder estão presentes e devem ser tratadas politicamente”.

Assim, nesse contexto é que a Pedagogia Feminista e a Educação Popular ocupam o papel essencial na sociedade de transformar sujeitas e sujeitos para uma construção social

mais igualitária, refletindo sobre as diversas desigualdades e os privilégios pautados no sexo masculino existentes até a atualidade.

Para Paulo Freire, a Educação Popular é uma prática política misturada à tarefa educativa que leva em conta o fato de a sociedade se transformar passo a passo, com propostas populares de Educação, mas que acontece a partir de uma mobilização e relacionada à organização popular. Nessa direção, define-se Educação Popular como um modo de conhecimento que parte da prática política, ou seja, “[...] o conhecimento do mundo também é feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que inventamos uma educação familiar às classes populares. [...] há modos de conhecer o mundo e as classes populares têm um modo peculiar de conhecimento” (Freire, 2001, p. 20).

Com o projeto Mulher Maravilha, que acontece dentro de um espaço de Educação Popular, encontra-se esse modo de conhecimento a partir da mobilização de mulheres, ou seja, é um projeto que traz a Pedagogia Feminista como um campo educacional de troca de vivência de diversas histórias, que cobertura em sonhos, desafios e não violências.

Então, tem-se uma Pedagogia Feminista em conjunto com a Educação Popular, que se organiza a partir de movimentos, grupos reflexivos, rodas de diálogos, oficinas, debates e seminários, trazendo uma perspectiva educacional emancipatória, de incidência política e empoderamento das mulheres.

2.2 Um Histórico da Luta Feminista e Popular



A luta feminista tem caráter popular por ter nascido do anseio das mulheres, das violências vividas e compartilhadas entre inúmeros corpos que, mesmo sendo diversos e singulares, se atravessam em muitas cicatrizes e diversos desafios, medos e receios.

Nasce da indignação, da revolução, que só os corpos e as almas femininas conseguem ter e compreender. O movimento feminista atravessa a história, perpassa por ondas de movimentos, mas essas ondas se entrelaçam, pois não há determinados momentos de luta, com início, meio e fim; elas se reconectam no que a história diz serem ondas, mas que, na verdade, pode-se dizer que são marés, pois vão e voltam constantemente e assim se ressignificam a cada momento, para fazer sentido para a sociedade e, principalmente, para ter sentido para as mulheres.

As mulheres compõem a maior parte da população, entretanto, ainda são silenciadas, controladas, sexualizadas, desmoralizadas, entre tantas outras violências que

culminam, inclusive, na morte. Contraditório ser a maioria da população e não dispor de direitos básicos, por isso se faz tão necessário o Movimento Feminista, sua Pedagogia e a luta popular.

O feminismo traz os contextos vivenciados por todas as mulheres, que nos cercam desde a infância e escancaram os privilégios masculinos, como relatam Floresta e Gleyre (2021, p. 19):

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito do nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer, e satisfazer nossos amos, isto é, aos homens.

Nesse contexto, é possível compreender e refletir sobre o papel construído socialmente para as mulheres e os homens; papéis devidamente distintos; e é justamente essa construção social que nos trouxe inquietações enquanto movimento na sociedade, e nos fez repensar, questionar e revolucionar os espaços em que estamos inseridas e nos quais constantemente querem nos direcionar, para nos manipular e controlar.

Temos, assim, um movimento que nasce da inquietude dos diversos corpos de mulheres, e busca, ao mesmo tempo, uma revolução social e uma renovação pessoal de cada mulher na construção do seu ser livre, ser dona de si.

O Movimento Feminista se dá, historicamente, dentro de uma temporalidade, através das ondas que marcam as lutas em comum de um movimento pensado e feito por mulheres e que, a partir de sua organização, começa a ganhar força popular. Dentro de suas ondas, é possível ver um movimento que se molda, primeiro, em torno de um objetivo comum, mas, posteriormente, evolui, inclui rever conceitos, criar e recriar em múltiplo e não apenas único, um movimento de feminismos, como evidenciado nesta citação:

Da androgenia igualitarista da “primeira onda” cujo espírito genderlles ecoa até hoje nas demandas por cotas para mulheres ou mesmo por paridade de representação, passava-se na “segunda onda”, à cisão em dois, a bipartição, a um novo dimorfismo: *manhood* versus *womanhood*. Gênero distinguindo o feminino do masculino, ou melhor construindo o feminino diferente do masculino, logo se fixou como categoria dicotômica recriando em novo patamar o dimorfismo sexual da espécie biológica *homo sapiens*. O nome diferença de gênero naquele momento, parecia não ter outro significado se não o de descontinuidade entre os dois gêneros: *gender difference* = *difference between genders*, masculino e feminino. Não mais que dois. Logo dicotomia. E dicotomia essencialista (Pierucci *apud* Brabo, 2007, p. 38, grifos no original)

Dessa forma, é um movimento que se refaz, ao longo da história, e se coloca em um lugar de reaprender, reajustar a rota, ou de simplesmente se atualizar, de acordo com o que se faz necessário no momento atual da história, com o que se coloca como urgente.

A partir da terceira onda, esse movimento grita por diversidade, interseccionalidade, como diz Pierucci (*apud* Brabo, 2007, p. 39): a “terceira onda” começa,

portanto, onde começa a descoberta, feita na prática das lutas sociais que se multiplicam e diversificam, de que existem diferenças coletivas significativas “entre mulheres”.

Compreender as diversas faces de ser mulher surge de maneira mais forte e urgente onde diversas violências e opressões são melhor identificadas, a exemplo das mulheres negras e indígenas, das mulheres Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e todas as outras orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTQIAPN+), das mulheres periféricas, entre tantas outras questões sociais que deixam o ser mulher ainda mais complexo, porque, além de lidar com a violência machista, outras violências atravessam seus corpos e isso é extremamente importante de ser pontuado, pois a inteseccionalidade se faz cada vez mais urgente e necessária e é mais enfatizada nessa terceira onda.

Então, o Movimento Feminista começa a compreender a multiplicidade feminina e, porque não dizer, a multiplicidade desse movimento, que precisa se expandir para abarcar a diversidade de tantas mulheres e de pautas existentes na luta popular por direitos de todas.

Por esse caminho, enveredamos por diversos contextos: de raça, gênero, sexualidade, socioeconômico, como diz Pierucci (*apud* Brabo, 2007, p. 40):

No decorrer de pouco mais de uma década entendeu-se que por trás da mulher universal, estavam ocultas as “mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais”, justamente aquelas que haviam desde sempre mostrado insensíveis e indiferentes, não só aos problemas das mulheres de outras raças, culturas e religiões, mas até mesmo à sorte das mulheres brancas de outras sexualidades distintas da sua. Não dava mais para ficar isolando o gênero de outras determinações sociais, das outras variáveis independentes, das outras pertencas coletivas das mulheres. A menos que o gênero fosse qualificado no contexto da classe e da raça, seu uso puro e simples ficava suspeito (grifos no original).

O descrito acima contextualiza a importância de se compreender a diferença de gênero e de sexualidade, bem como todas as demais singularidades de diferentes grupos de mulheres, a fim de abarcar essas diferenças e lutas diversas. A importância de compreender a história desse movimento é justificada porque investigar o passado permite entender o presente e vislumbrar as perspectivas de futuro.

Esse passado traz lutas diversas, como o movimento pelo voto, o direito aos estudos, ao trabalho, dentre outros. E reverbera em um presente que incessantemente coloca o público feminino ainda nessa disputa por direitos: aos próprios corpos, a ocupar ainda mais espaço de poder e ser reconhecido por tal, e tantos outros, como, por exemplo, as mulheres trans, que lutam ainda pelo direito de simplesmente existir. E assim é que nos projetamos para o futuro.

Nosso presente indica que, para ter um futuro melhor, a Educação deve ocupar um

papel fundamental, nessa luta, não apenas uma Educação formal, mas a que esse movimento propicia a inúmeras mulheres de diferentes formas: debates, rodas, compartilhamento de vivências, através de uma Pedagogia baseada na fala e escuta das mulheres. É um movimento constante, atemporal e, acima de tudo, necessário para que, um dia, todas possam estar em espaços diversos e sendo respeitadas, ouvidas e reconhecidas.

Desejamos um futuro com uma Educação que promova igualdade, equidade e transforme a sociedade, deixando esse passado de violências distante, e assim proporcionar de fato um futuro promissor no que tange aos direitos e à vida das mulheres.

2.3 ONGs e a Pedagogia Feminista



Com a criação das ONGs, na década de 1990, os espaços para a ocupação da Pedagogia Feminista aumentaram consideravelmente, visto que, nesses espaços, era exigida a construção de estratégias educacionais que pudessem contribuir com a ação política das mulheres numa perspectiva transformadora, trazendo a ideia de Gramsci (1979) segundo a qual os movimentos sociais atuam também como educador coletivo. Dessa forma, ainda o feminismo cria uma práxis educacional que coloca as mulheres como sujeitas dentro do processo de formação, consolidando um diálogo e uma didática próprios, com uma educação não sexista, mas emancipatória e libertadora das mulheres como sujeitas políticas. São essas as ações de excelência da Pedagogia Feminista.

A perspectiva pedagógica do Movimento Feminista tem como base os princípios pedagógicos da Educação Popular e a teoria feminista. A Educação Popular, além da escolas, tem como espaço os movimentos sociais organizados, nos quais é construída e fortalecida a Pedagogia Feminista, tornando-se fonte de inspiração, formação e aprendizado para a Educação formal. Neusa Maria Dal Ri (2007, p. 54) ensina que: “[...] nós, educadoras, deveríamos tomar o movimento feminista como uma grande escola, pois a pedagogia que forma os/as novos/as sujeitos/as sociais e que educa seres humanos não cabe numa escola, no *stricto sensu*”.

Ao mesmo tempo em que pensamos ser importante incorporar à escola formal essa Pedagogia, defendemos que não se pode prendê-la a isso. Neusa Maria Dal Ri (*apud* Brabo, 2007, p. 55), também aponta que a:

Proposta como a de criar disciplinas nos currículos, como por exemplo, Movimentos Sociais e a questão de gênero, que discutam e implementam novos valores, deveriam ser defendidas e implantadas pelas educadoras como um instrumento de criação de uma contra-ideologia em favor da igualdade e da democracia.

É inegável que a Pedagogia Feminista é uma educadora coletiva, como Maria Dal Ri diz, que abraça as mulheres em seus mais diversos territórios e lutas, e a Educação popular está entranhada nesses territórios, de maneira a fortalecer essa Educação e, como colocado, esse aspecto precisa ser melhor trabalhado em todos os âmbitos educacionais, sejam formais ou não.

Segundo Giddens (2000, p. 357) “Um movimento social pode ser definido como uma tentativa coletiva para promover o interesse comum ou alcançar um objetivo comum, através da ação coletiva fora da esfera das instituições estabelecidas”. Assim, está fora do domínio de instituições como o Estado, a escola, a família, etc., que os Movimentos Sociais se fortaleçam e atuem. Tais movimentos provocam mudanças profundas na sociedade, pois questionam, reivindicam, propõem pautas e ações, assim, esses espaços se transformam em locais de aprendizagem coletiva e horizontal.

Como diz Arroyo (2012), em seu livro *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*, novos/as sujeitos/as, no âmbito formal de Educação, por diversas vezes, historicamente foram/são silenciados/as, bem como fala da construção de novas pedagogias que atravessam esses corpos marginalizados e excluídos e consideramos importante dizer que isso é feito propositalmente. Afirma o autor:

As experiências de educação mais próximas da dinâmica popular tiveram grande sensibilidade para captar a presença de novos sujeitos. A literatura sobre educação popular, a partir do seu início dos anos 1960, destaca sua centralidade na ação educativa. Sujeitos em movimento, em ações educativas. A educação como um processo de humanização de sujeitos coletivos diversos. Pedagogias em movimento (Arroyo Miguel, 2012, p. 27).

Figura 14. Logo Marcha das Margaridas - imagem da internet.



Fonte, disponível em:
<https://www.marchadasmargaridas.org.br/>

Corroborando com Arroyo sobre a existência dessas pessoas sujeitas e de novas pedagogias inimagináveis no meio formal, mas que, dentro dos espaços informais, ganham vida e força. Dentro desse corpo de outros/as sujeitos/as é que estão as mulheres, em sua diversidade e infinidade de contextos e lutas, que atravessam seus corpos e perpassam para além das questões de gênero.

Os Movimentos Sociais internalizam, de maneira orgânica, a Pedagogia Feminista, que faz parte dessas outras Pedagogias, como é exemplo a Marcha das Margaridas⁶. O projeto Mulher Maravilha também traz a organização das mulheres para uma ação coletiva, que culmina no

empoderamento desse público no espaço de Educação Popular.

Como afirma Gohn (2004, p. 5), “todos/as militantes ou não, acabam passando pelo processo de aprendizagem proporcionado pelos movimentos sociais”. Nos Movimentos Sociais, é encontrada uma prática pedagógica específica, que difere da Educação formal, incorporando pedagogias que saem fora dos padrões da instituição escolar, geralmente voltada para a transmissão conteudista de conhecimentos. São espaços que transformam a sociedade em geral e contribuem de maneira significativa com a Educação, fazendo-a repensar suas metodologias e até objetivos. Como afirma Arroyo (2012, p. 29):

A diversidade dos movimentos sociais aponta que não podemos falar de uma única pedagogia nem estática nem em movimento, mas de pedagogias antagônicas construídas nas tensas relações políticas, sociais e culturais, de dominação/subordinação e de resistência/afirmação de que eles participam. Todas as pedagogias fazem parte dessas relações políticas conflitivas de dominação/reação/libertação. Os movimentos sociais se afirmam atores nessa história pedagógica. Em sua diversidade de ações, lutas por humanização/emancipação se afirmam sujeitos centrais na afirmação/fortalecimento das pedagogias de libertação, logo sujeitos de contestação/desestabilização das pedagogias hegemônicas de desumanização/subordinação.

Arroyo aponta o que acontece com a incorporação da Pedagogia Feminista nos espaços informais de Educação. Segundo Silva (2010, p. 12), “A educação feminista deve contribuir com a formação das mulheres para ação política transformadora de si mesmas e do mundo”.

Assim, para mudar o mundo, é necessário iniciar por sua realidade, e a Educação Popular propicia essa vivência real, pois está dentro das comunidades, e realizada em espaços como ONGs, que vêm se configurando como verdadeiros lugares educativos e transformadores. Ainda de acordo com Silva (2010, p. 18):

Figura 15. Marcha das Margaridas, 2020.



Fonte. Imagem da autora

⁶Uma ação coletiva realizada por mulheres trabalhadoras rurais que constitui uma identidade política, a partir de problemas comuns ao meio rural brasileiro. Esse movimento tem o nome de Margarida Alves, grande defensora das/os trabalhadoras/es do campo, que foi assassinada em 1983 (Da Silva, 2008). A Marcha das Margaridas teve início no ano 2000 e a última aconteceu em 2023. Consolidou-se como uma ação estratégica, que junta mulheres do campo e da floresta, é organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares e Federações e Sindicatos, criando uma agenda do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de diferentes organizações parceiras, movimentos e organizações feministas e de mulheres trabalhadoras e centrais sindicais e organizações internacionais que articulam e mobilizam mulheres em torno de diferentes questões.

Na educação feminista há que se estabelecer uma relação dialética entre autoconhecimento e vida social, entre aprofundamento da reflexão pessoal sobre si mesma, construção do conhecimento sobre as mulheres e ação política transformadora.

Aqui, essa ação política transformadora é vista em organizações feministas, fóruns, conselhos de mulheres e grupos de estudos, entre outras iniciativas que objetivam transformar as diferentes realidades e a própria criação da Pedagogia Feminista como mecanismo de luta e emancipação das mulheres.

Na Educação Popular existe uma Pedagogia da Educação como prática de liberdade e emancipação humana; uma Pedagogia repleta de vozes e vivências, que traz pessoas diversas e contextos variados. Como diz Paulo Freire (1987): pedagogia da esperança, pedagogia da libertação, pedagogia dos sonhos possíveis, dentre outras definições. Ou seja, uma Educação pautada em problematizar e não em depositar conhecimentos em seres inertes; em compreender a complexidade desses seres na construção de um conhecimento dinâmico e de mão dupla. Como diz Freire (1987, p. 40): “A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens”.

Freire traz que não se pode isolar o ser humano, que vive em contextos social e cultural diversos, e nessa construção do ser como coletivo e não individual é que aponta a importância de considerar a subjetividade no universo feminino como essencial para suas lutas e a Pedagogia da Libertação.

Nesse contexto metodológico, o projeto Mulher Maravilha vem se consolidando com o tempo, com ações voltadas a entender o contexto social de cada mulher participante do projeto; compreendendo, ao mesmo tempo, sua individualidade e coletividade, com momentos de partilhas e vivências que envolvem trocas genuínas e contribuem de forma ativa em todo o projeto, instigando, assim, as mulheres em sua prática de liberdade e criticidade diante das mais diversas questões sociais/culturais/emocionais que vivenciam ao longo de suas vidas.

A subjetividade é um elemento central na construção da identidade feminista, dialogando com suas realidades para transformá-la, e essa subjetividade é manifestada dentro das ONGs. Assim, os Movimentos Sociais configuram-se como verdadeiras escolas, que formam diversas pessoas, através da Educação Popular, utilizando uma Pedagogia que dialoga com suas realidades, questiona estruturas de poder que inferiorizam pessoas e privilegiam outras, a exemplo do machismo estrutural.

As ações educativa e pedagógica empoderam sujeitos/as sociais a transformarem

sua realidade através da Pedagogia Feminista e, conseqüentemente, toda a sociedade.

2.4 Atravessamentos Pedagógicos Feministas como Caminhos para uma Educação não Machista



Até aqui contextualizamos historicamente o processo de silenciamento das mulheres em todos os ambientes: familiar, comunitário e, em especial, focamos no educacional. Seja formal, ou não, as mulheres vêm de um processo de dominação e controle de seus corpos, comportamentos, falas e locais de ocupação. Um processo cruel, que normaliza muitas violências e faz com que se olhem como rivais.

A Educação preservou e, ainda hoje, preserva aspectos machistas, sexistas e misóginos, e faz com que profissões, cores, comportamentos, locais de ocupação, são separados como coisas de homens e coisas de mulheres. Por isso a urgência em construir não apenas um currículo antimachista e sexista, mas contribuir na formação de profissionais que compreendam a importância de promover uma Educação que não diferencie nada pautado no gênero, para assim reconstruir uma sociedade melhor, e aqui repetimos, não apenas para as mulheres, mas para todas as pessoas.

Com o currículo educacional, formal ou não, é possível questionar estereótipos para desconstruir, por exemplo, o que significa “ser homem” e “ser mulher”, na sociedade, e abordar questões graves, como as mais diversas violências de gênero, sem normalizá-las, trazendo uma Educação que promova uma cultura de respeito e equidade.

Para isso, se faz necessário incluir nos currículos educacionais a temática de gênero de maneira mais incisiva, trazendo materiais didáticos, uma formação continuada para seu corpo docente, e também engajando toda a comunidade escolar, para assim incentivar e conscientizar sobre a importância da participação, assim como do corpo discente.

O processo de silenciar mulheres é histórico e proposital, afinal, uma sociedade machista teme mulheres livres, sem medo e independentes. Como diz Arthur Diogo, em sua página Realismo Poético (@realismo poético). (2018, 25, Agosto). Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/realismo.poetico16/photos/a-humanidadesempre-teve-medode-mulheresque-voamsejam-elasbruxassejam-elaslivresc/1366962196739508/?locale=pt_BR> “A Humanidade sempre teve medo de mulheres que voam. Sejam elas bruxas, sejam elas livres”.

Em alguns pontos históricos, constam narrativas de quando uma mulher poderia ter direito à fala e, ainda mais, quando poderia ser ouvida, pois nem conquistando o direito de fala era escutada. Quando isso acontecia, era dito que essa mulher não era uma mulher, porque

mulheres não falam, essa seria uma característica intrinsecamente masculina, como relata Mary Beard, em seu livro *Mulheres e Poder*:

A primeira, uma mulher chamada Mécia, conseguiu, com sucesso, defender-se nos tribunais e “por ter” na verdade, uma natureza masculina por trás de sua aparência feminina, foi chamada de ‘andrógina’. A segunda, Afrânia, costumava instaurar pessoalmente processos legais e era “insolente” a ponto de advogar por si mesma, o que fazia com que todos se cansassem de seus “latidos” ou “grunidos” (ela ainda não tinha direito a fala humana). Somos informados de que ela morreu em 48. A.C., porque, “com aberrações antinaturais como essa, é mais importante registrar quando morreram que quando nasceram” (Beard, 2018, p. 23, grifos no original).

Ao ler textos como esses, pergunta-se: Como mulheres sendo tratadas de formas tão violentas historicamente, a exemplo do relatado aqui, conseguiram/conseguem, ainda assim, resistir e seguir resistindo? Como conseguiram, mesmo sangrando, lutar, ter força surreal, acessar esse poder, que só quem é mulher consegue fazê-lo?

Rememoro aqui algumas falas compartilhadas pelas mulheres maravilhas, em momentos de partilha, que corroboram com esses questionamentos; falas de mulheres que já passaram por muitos momentos difíceis, e que saem de casa, da opressão do pai, para a opressão de um esposo; de mulheres que, para participarem do projeto Mulher Maravilha tiveram que trazer o esposo para ver que havia apenas mulheres participando; de mulheres que tinham problemas de saúde e que, por ordens médicas, precisavam praticar exercícios físicos, porém o esposo não deixava fazer em locais públicos; e de mulheres que se diziam tratadas como empregadas, mães, cuidadoras, mas nunca como uma mulher que tem o poder de escolha.

Por recomendação médica eu preciso fazer exercícios, porém meu esposo não deixa que eu faça caminhada, nem ir a academia, pois diz que vou procurar outra coisa e que mulher casada não pode ficar nesses lugares, aí eu vim aqui no projeto ver se ele deixa, porém ele quer vir aqui ver se tem apenas mulheres mesmo, para que assim eu possa participar (Mulher Maravilha, depoimento em 2023).

Essa é uma das falas marcantes desse projeto, que respondem de alguma forma a alguns dos questionamentos aqui elencados e trazem a força viva dessas mulheres que vêm ressignificando suas vidas, mesmo passando por muitas violências, e é importante dizer que muitas delas saíram dessas relações abusivas para trilhar novos caminhos.

Esses são questionamentos feitos constantemente e é importante que toda a sociedade também os faça, mesmo que, por vezes, não surja uma resposta exata. Nos momentos de trocas e/ou observações cotidianas até se consegue ver que as mulheres contêm uma chama, um poder sobrenatural, que emana da nossa ancestralidade, talvez da nossa mulher selvagem interior, como é relatado em: *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, em seu prefácio:

Todas nós temos anseios pelo o que é selvagem. Existem poucos antídotos aceitos por nossa cultura para esse desejo ardente. Ensinaram-nos a ter vergonha desse tipo de aspiração. Deixamos crescer o cabelo e o usamos para esconder nossos sentimentos. No entanto, o espectro da Mulher Selvagem ainda nos espreita de dia e de noite. Não importa onde estejamos, a sombra que corre atrás de nós tem decididamente quatro patas (Estés, 2018, p. 13).

Ou seja, mesmo que nos ensinem a nos temer, existe, em cada uma de nós, uma ardência selvagem que, ao ser acessada, nos faz continuar, apesar de tudo. Que nos faz desejar um outro mundo possível e lutar por ele, mesmo que não sejamos nós a desfrutar desse mundo de novas possibilidades.

Compreendemos que podemos lutar por uma Educação não machista e não sexista hoje e, no futuro, as novas gerações usufruírem dessa Educação. Perguntamo-nos quando isso for uma realidade: Quantas vidas de mulheres não serão salvas? Quantos novos caminhos de respeito, companheirismo não serão trilhados? Quantas mulheres acessarão o seu “eu selvagem”, sem medo de nada?

Ainda há um longo caminho pela frente, mesmo que nós e nossas ancestrais já tenham percorrido algumas partes dessa longa jornada. Sabemos que é cruel o processo em que estamos inseridas por ser um modelo de estrutura de poder construído propositalmente em nossa sociedade, como Beard (2018, p. 28) nos diz:

Há em tudo isso, entretanto, mais do que veem os olhos. Essa “mudez” não é apenas um reflexo do esvaziamento geral do poder feminino em todo o mundo clássico: nenhum direito de voto, independência legal e econômica limitada, e assim por diante. Em parte, sim. Sem dúvida, não se esperava das mulheres antigas que levantassem a voz numa esfera política em que não tinham participação formal alguma. Mas estamos lidando com uma exclusão muito mais ativa e intensa das mulheres do discurso público – e com um impacto muito maior do que em geral reconhecemos em nossas próprias tradições, convenções e suposições relacionadas à voz feminina. O quero dizer é que o discurso público e a oratória não eram apenas coisas que as mulheres antigas não faziam: eram práticas e habilidades que definiam a masculinidade como gênero (grifo no original).

Percebemos aqui a negação de tudo o que pode ter uma conotação de poder, de escolha, no que, em primeiro plano, parece ser muito sutil, à vista de alguns, mas que, na verdade, se configurou como um processo extremamente cruel, ao longo da vida de todas as mulheres, antigas ou atuais, mesmo aquelas que reproduzem o machismo e que se voltam contra seu próprio movimento, tornando real o que Paulo Freire (2005, p.66) diz: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”.

Por essa razão é que enfatizamos a importância da Pedagogia Feminista como proposta de ruptura dessa estrutura de poder que desumaniza, ainda nos dias atuais, as mulheres. Pedagogia esta vinda do Movimento Feminista que trava lutas históricas para que possamos, cada mais, acessar nosso poder, transformar e movimentar a sociedade.

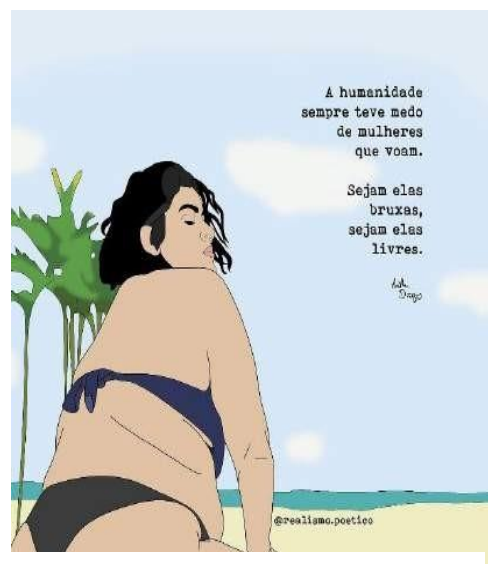
Um feminismo que atravessa diversas pautas, para além do gênero, como: pautas raciais, capitalistas, sociais, trabalhistas, dentre outros, e precisam chegar a todas as pessoas, de maneira a romper tantos padrões de violências naturalizados.

Queremos, com a Pedagogia Feminista, transformar sociedade, quebrar padrões historicamente reproduzidos, romper uma estrutura de poder cruel que desumaniza e objetifica mulheres. Educar mulheres sem medo, livres para ser tudo o que quiserem e como quiserem, ocupando os mais diversos espaços de poder, porque as mulheres são o próprio poder.

Finalizamos este momento com a poesia completa de Arthur Diogo (2018), disponibilizada em sua página na internet, Realismo

A humanidade sempre teve medo de mulheres
que voam.
Sejam elas bruxas, sejam elas, livres.
Chamam de rebeldes aquelas que
gritam contra a opressão.
Chamam de putas aquelas
que descobriam liberdade
de se amarem através de livros e da arte.
E você
é tudo isso e um pouco louca
Mas não aquela loucura banal.
Mas sim a loucura profunda de quem está lúcida
demais para esquecer
que não somos nada além de sacos de bosta
repletos de transtornos.
Eu te chamo de mistério..
E se eles soubessem quanto é gostoso voar contigo, também
te amariam..
Mas eles sentem medo de mulheres que voam.
Você Também?

Figura 16. Realismo Poético, imagem do Facebook, 2018



Fonte disponível em:
@realismopoetico

2.5 Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán



O CDVDH/CB é uma entidade sem fins lucrativos criada em 18 de novembro de 1996 por um grupo de pessoas ligadas aos Movimentos Sociais de Açailândia (MA). Com a

Figura 17. Logomarca do CDVDH/CB



Fonte. Arquivo institucional do CDVDH/CB

missão de:

“Defender a vida e a dignidade da pessoa humana, onde mais forem ameaçadas, e defender os direitos humanos, onde forem menos reconhecidos, com atenção privilegiada às pessoas mais empobrecidas, exploradas e oprimidas” (Estatuto Social CDVDH/CB, Artigo 5º, Inciso I).

O CDVDH/CB atua diretamente na cidade de Açailândia (MA) com uma sede e três Centros Comunitários situados em bairros periféricos: Vila Bom Jardim, Vila

Capelosa e Vila Ildemar, porém a ONG mantém atuações direta e indireta em diversos outros municípios de dentro e fora do Estado do Maranhão.

Tomando como prioridade a Erradicação do Trabalho Escravo, o CDVDH/CB propõe uma metodologia de ação em três eixos interligados: **Prevenção** das violações de Direitos Humanos; **Repressão** das violações de Direitos Humanos; e **Inserção** das vítimas de violações de Direitos Humanos. Dentre esses eixos, este projeto manteve o foco apenas em um, o Eixo da **Prevenção**.

A Prevenção das violações de Direitos Humanos é promovida com a oferta de atividades **socioculturais** de teatro, capoeira e dança, para propiciar a **formação cidadã, mobilizações populares**, etc.

Dentro desse eixo é que surgiu o projeto Mulher Maravilha, que abrange aulas de exercícios físicos como ferramenta de incorporação da Pedagogia Feminista para a formação dessas mulheres dentro desse espaço de Educação Popular. O lema geral das atividades socioculturais do CDVDH/CB é a Arte a serviço de uma Cultura Libertadora. Tem como objetivo contribuir na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável, onde os direitos humanos sejam respeitados, bem como o desenvolvimento e a participação social de todas as pessoas sejam garantidos, utilizando a arte como mecanismo de denúncia, resistência, formação e informação.

Nesse processo, são trabalhadas alternativas de participação social para o desenvolvimento pessoal das pessoas participantes, as quais são incentivadas a se tornarem protagonistas e atuarem como agentes de transformação social.

2.6 Projeto Mulher Maravilha



Considerada a realidade de machismo estrutural e patriarcal vigente na sociedade, que historicamente tem invisibilizado as histórias e vozes das mulheres e feito culminar na violência que muitas vezes tira a vida de inúmeras de nós, surgiu o projeto Mulher Maravilha, cujo objetivo é contribuir com o empoderamento e a emancipação das mulheres utilizando a Pedagogia Feminista no espaço de Educação Popular do

Figura 18. Primeira logomarca do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

CDVDH/CB.

Figura 19. Logomarca atual projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

histórias.

Desde o ano de 2014, o CDVDH/CB vem promovendo esse projeto com uma turma, que funciona até os dias atuais, de maneira voluntária, no Centro Comunitário que a instituição mantém no Bairro da Vila Ildemar, no município de Açailândia(MA).

A Vila Ildemar é o maior bairro da cidade, e o maior do Estado do Maranhão e, por assim ser, também é um com menos efetivação e acesso da população às políticas públicas, o que traz como consequência ter alto índice de violência no município de Açailândia(MA). O bairro registra também o maior índice de violências contra mulheres, que culminam em feminicídios, inclusive em vias públicas.

O projeto Mulher Maravilha atua nessa realidade com uma turma constante composta de 30 mulheres que se reúnem regularmente duas vezes por semana para participar das atividades físicas que contribuem notavelmente para a elevação da autoestima e a criação de laços de sororidade entre as participantes, ao mesmo tempo em que são trabalhadas diversas temáticas como: machismo estrutural e como estão construídas as relações de gênero, e outras violações, dentre elas, o racismo, criando assim mecanismo para enfrentá-lo.

São realizadas rodas de conversas, debates, encontros de estudo e formação, atos públicos, entre outras metodologias sobre feminismos – pensando que o movimento feminista

No projeto, são oferecidas aulas de exercícios físicos como atrativo para a participação de mulheres e assim promover a formação cidadã. As atividades são dirigidas especificamente para mulheres em situação de vulnerabilidade social, criando, assim, um espaço de discussão e construção coletiva que sirvam para identificar e enfrentar as diversas formas de opressões sofridas pelas mulheres e dar-lhes voz, fazendo com que se tornem protagonistas de suas

Figura 20. Atividades físicas do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

é diverso e suas lutas também; violências, bem como os diversos aspectos que refletem como o machismo está intrínseco em nossa sociedade, de forma que as próprias mulheres identifiquem onde seus direitos estão sendo vulnerados e violados e como alcançar os mecanismos de proteção e justiça, assim como criar laços de resistência, apoio e sororidade entre todas as mulheres.

Ademais, acontecem pontualmente oficinas de capacitação profissional, que contribuem diretamente com a geração de renda e independência econômica dessas mulheres. As capacitações profissionais são realizadas a partir da escuta das mulheres, para que façam sentido em suas vidas e as impulsionem ao empreendedorismo social, contribuindo com o acompanhamento de seus negócios e recurso semente para o início das atividades.

O projeto entende a importância de trabalhar conceitos feministas como forma de conscientizar e quebrar as estruturas de poder, para que os laços entre as mulheres possam se fortalecer, e criar, assim, uma rede de apoio feita por mulheres e para mulheres, como diz o conceito de sororidade – um laço de irmandade entre as mulheres.

Ainda se destaca que o CDVDH/CB tem realizado importantes mobilizações sociais ao redor da data de 8 de março – Dia Internacional dos Direitos das Mulheres – e do 25 de novembro – Dia Internacional de Enfrentamento a toda Forma de Violência contra as Mulheres –. Nessas datas, acontecem caminhadas, seminários, manifestos e concentrações, contribuindo com a visibilização e o enfrentamento da violência heteropatriarcal e machista vigente na sociedade.

Atualmente, o projeto expandiu-se para além do Centro Comunitário da Vila Ildemar, por ter sido identificado o quanto a iniciativa tem feito diferença nas vidas das mulheres participantes. Dessa forma, o projeto, que começou com mulheres de um único bairro, agora contempla mais dois bairros de Açailândia, a Vila Bom Jardim e Capelosa, além de ter chegado em outras cidades de atuação do CDVDH/CB: Santa Luzia, Pindaré-Mirim, Monção e Povoado Juçareira.

É importante ressaltar que o surgimento do projeto Mulher Maravilha no Centro Comunitário da Vila Ildemar partiu da própria inquietação das mulheres do bairro, que demandaram do CDVDH/CB uma atividade regular, para tirá-las um pouco de suas duras realidades. A partir das aulas de exercícios físicos, as outras atividades de formação político-social e fortalecimento feminista foram naturalmente introduzidas. Hoje é possível ver o empoderamento real das participantes, a evolução dos seus discursos e atitudes com as atividades propiciadas nos seus diversos espaços sociais, como por exemplo, em suas famílias.

Por esse motivo, a Pedagogia Feminista, no espaço de Educação Popular, a

exemplo das ONGs, é vista como muito eficaz na quebra/ruptura do machismo estrutural, ao trazer uma consciência de que as mulheres precisam ocupar os diversos espaços de fala e poder, além de mostrar que Educação é essencial para essa quebra e assim garantir a efetivação de seus direitos ao se verem como donas de suas próprias vidas, ou seja, protagonistas.

Figura 21. 1º círculo de cultura do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

3. METODOLOGIA



O lócus deste estudo abrangeu a cidade de Açailândia (MA), mais precisamente o CDVDH/CB, onde se desenvolveu a turma fundadora do projeto Mulher Maravilha, no bairro da Vila Ildemar, foco da investigação apresentada nesta dissertação.

Nesse espaço, foi aplicada a metodologia que deu o caminho para esta pesquisa, afinal, Metodologia é uma palavra derivada de “método”, do Latim “*methodus*”, cujo significado é o “caminho ou a via para a realização de algo”.

A metodologia utilizada para a realização deste projeto pautou-se na abordagem qualitativa de investigação, observando os fatos, comportamentos, e mudanças a partir das práticas pedagógicas, ao longo do processo educacional, mostrando o quanto a Pedagogia Feminista é eficaz, em especial, no contexto da Educação Popular.

Assim, segundo Denzin e Lincoln (2006), a abordagem qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus/suas pesquisadores/as estudam os fatos em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles/as conferem. Nesse sentido, segundo Minayo (1993, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis..

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa vem para investigar, para além de dados exatos, a subjetividade do ser humano no processo de pesquisa e todo o contexto em que está inserida.

A abordagem teórico-metodológica deste trabalho dissertativo está baseada no materialismo histórico-dialético, pois apresenta uma abordagem marxista, em que dialogamos com Karl Marx (1818 - 1883), Friedrich Hegel (1770 -1831), a partir do viés de Edward Palmer Thompson (1924 – 1993), e assim considerando o método científico: “as nossas premissas são os/as indivíduos/as reais, a sua ação e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaborada aquando do seu aparecimento quer das que ele próprio criou” (Marx; Engels, 1980, p.18). Ainda para Marx e Engels (1980, p. 35-36):

[...] o homem possui também uma consciência; mas não se trata de uma consciência que seja de antemão consciência “pura” [...]. A consciência só surge com a necessidade, as exigências dos contatos com outros homens. Onde existe uma relação, ela existe para mim. O animal não se encontra em relação com coisa alguma, não

conhece de fato qualquer relação; para o animal, as relações com os outros não existem enquanto relações. A consciência é, pois, um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens (grifo no original).

Dessa forma, o materialismo histórico-dialético considera um tempo histórico e o meio social em que os/as sujeitos/as vivem para compreender e interpretar a realidade observada e estudada. Essa relação que se cria é uma vivência humana que não pode ser experimentada pelas outras espécies animais.

A partir de Thompson, vem a reinterpretação dos conceitos fundamentais do marxismo, trazendo reflexões sobre os conceitos de classe social, sua luta, e o próprio materialismo histórico. Para Ricardo Müller (2002, p. 149-150):

Tais noções, a seu ver, sublinham a confiança de que a experiência vivida é o diálogo fundamental entre o evento e o conceito, o ser social e a consciência social; de que sujeitar a classe trabalhadora a um sistema (partido ou burocracia) é autoritário e anticomunista; de que o imperativo ontológico do socialismo está além das leis ou de postulados de teorias de autonomia relativa e de que a concepção materialista da história encontra sua melhor expressão em um humanismo socialista ativo e atuante, conforme as aspirações dos trabalhadores.

Müller indica que as noções de Thompson estão, sim, de acordo com o viés e os fundamentos do marxismo, mas a partir de um olhar mais revolucionário e atuante de toda a classe trabalhadora, colocando-a como protagonista, em um processo emancipatório. Thompson (2002, p. 121) questiona o materialismo histórico que não considera as pessoas sujeitas e reduz a história apenas a uma ciência, ou seja:

[...] a “História”, sendo a mais unitária e geral de todas as disciplinas humanas, tem de ser também a menos precisa. Seu conhecimento nunca será, não importa em quantos milhares de anos, mais do que aproximado. Quaisquer pretensões suas de ser uma ciência precisa são completamente espúrias. No entanto (como já defendi o suficiente), seu conhecimento continua a ser um conhecimento, e é alcançado através de seus próprios procedimentos rigorosos de lógica histórica, seu próprio discurso de prova (grifo no original).

Considerar a história de maneira menos exata e com total contribuição das pessoas enquanto sujeitas ativas dentro desse processo de emancipação e transformação corrobora com os princípios metodológicos desta dissertação e de todo o projeto Mulher Maravilha.

Assim como Thompson é questionado dentro das teorias marxistas, aqui também trazemos Paulo Freire, que trabalha com vários pensamentos marxistas, mas é considerado, na história, um questionador do modelo colocado. Para algumas pessoas autoras/pensadoras, Freire trazia, talvez, uma terceira linha de pensamento, dentro do marxismo, mais próxima da realidade, que considera a cultura, as formas de viver, a maneira simples de compreender a realidade de um povo.

Para Freire (1981, p. 93), o conhecimento/pensamento é fluido: “um pensamento que, em si mesmo, não pode ser ‘enjaulado’ – a tabletes que devem ser digeridos” (grifo no original), trazendo também a reflexão de quem educada também pode ser educado. Ou seja, há uma troca de saberes, seja de forma empírica ou científica, todos os seres têm algo a aprender e ensinar.

Nesse caminhar metodológico, dentro desse processo, foi utilizado o círculo de cultura, a partir das vivências e teorizações de Paulo de Freire, pensado como processo de construção coletiva de conhecimento, troca de saberes e energias, de maneiras dialética e igualitária, em um processo fundamental para a interligação das mulheres que estão dentro do projeto Mulher Maravilha. Nesses termos, para Freire (2021, p. 180), o círculo de cultura:

É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências.

Corroborando com esse autor, temos, nos círculos de cultura, um momento rico, para além de troca de reflexões, intrínsecas dentro de cada fala, de cada compartilhar de vivências que, ao mesmo tempo, se interligam e diferem, por serem únicas. Reflexões necessárias para a construção de uma Pedagogia baseada no diálogo, com o objetivo de obter a emancipação de mulheres.

A roda de conversa torna-se o próprio círculo de cultura. A forma igualitária de se posicionar e a memória afetiva que se tem da roda torna esse método extremamente participativo, como explana Bertoldo (2018, p. 18):

A Roda de Conversa passou a ser entendida e utilizada como uma metodologia participativa em que se propõe partilhar experiências e desenvolver reflexões. Muito utilizada em intervenções comunitárias, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da saúde e da educação. Seu fundamento metodológico se baseia nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo como principal objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes ponderem acerca do cotidiano, considerando sua relação com o mundo, com o trabalho e com seus projetos de vida.

Compartilhando, da forma citada acima, de maneira orgânica, as mais diversas experiências vividas nos mais diversos espaços, onde, a partir do ato de compartilhar, se tornam reflexões poderosas nesses momentos de trocas.

Além da metodologia até aqui relatada, foi utilizada a técnica de observação participante, tendo em vista que, em todo o processo metodológico desenvolvido nesse projeto, ao longo de 11 anos, a pesquisadora esteve presente, desenvolvendo as atividades. Segundo Minayo (1993), a técnica da observação participante se realiza através do contato direto do/a

pesquisador/a com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos/as atores/atrizes sociais no seu próprio contexto.

A observação participante pode assumir que variam, em um *continuum*, no qual quatro situações são teoricamente possíveis, dependendo do envolvimento do/a pesquisador/a no campo, conforme classificação composta por Gold (1958): o/a participante total; o/a participante como observador/a; o/a observador/a como participante, é técnica utilizada por autores como Hollouway e Wheeler (1996), Becker (1994), Minayo (1994), Cicourel (1990), Dezin (1989).

Nesse contexto, utilizamos a observação participante total, contendo um relato pessoal desde o início do projeto, pois proponho e realizo as atividades em conjunto com as mulheres participantes e observo, ao longo do tempo, a evolução dessas mulheres nas atividades propostas e em suas realidades.

Para analisar as práticas da Pedagogia Feminista dentro do espaço de Educação Popular, no projeto Mulher Maravilha, também foi utilizado o método de pesquisa-ação, definida como uma pesquisa com base empírica. Assim, diz Thiollent (1985, p. 14): “Realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os/as participantes representativos/as da situação ou do problema estão envolvidos/as de modo cooperativo ou participativo”.

Assim, um fazer pedagógico é realizado a partir da interação e ação conjunta com o grupo pesquisado. Para Kemmis e Mc Taggart (1988 *apud* Elia; Sampaio, 2001, p. 248), o conceito de pesquisa-ação consiste em:

[...] uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos/as participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa [...].

Para realizar esse método, foi analisado o processo de empoderamento desse grupo de mulheres, a partir da colaboração das sujeitas no projeto Mulher Maravilha e a relação do meu envolvimento em todo este projeto. Dessa forma, através da coletividade e interação, foi possível vivenciar, na prática colaborativa, como se dá o procedimento metodológico no projeto Mulher Maravilha, trazendo como técnica o círculo de cultura – espaço educativo onde transitaram diferentes subjetividades e conviveram diferentes saberes – em que se assumia a experiência do diálogo de forma coletiva e solidária, em todos os momentos do processo, de tal sorte que seu produto – o conhecimento gerado – resultasse dessas situações. (Loureiro; Franco,

2011, p.21).

A proposta desta dissertação versou sobre as condições éticas do Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas do Centro de Ciências de Imperatriz da UFM, e foi recolhido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) preenchido pelas sujeitas envolvidas com a pesquisa e respeitando os critérios de investigação e metodologia indicados na Resolução CNS 196/1996, que contém as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos.

Assim, dentre as demais colaborações, esta pesquisa contribuiu com a elaboração de um produto didático, um *e-boook*, sobre o passo a passo da construção de mandalas pedagógicas, com o trabalho desenvolvido nos círculos de cultura, como instrumento do processo da pesquisa-ação, provocando, também, uma dimensão artística e estética, em vista de todos os processos educacional e pedagógico utilizados no projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB, ficando como modelo vivo da Pedagogia Feminista da Educação Popular.

A logomarca do Centro foi pensada a partir da filosofia de que é preciso manter as mãos unidas para defender a vida digna e, conseqüentemente, os Direitos Humanos, em especial das pessoas que mais precisam, aquelas que estão empobrecidas, e são exploradas e oprimidas.

Tomando como prioridade a erradicação do trabalho escravo, no CDVDH/CB propõe-se uma metodologia de ação em três eixos interligados: Prevenção das violações de Direitos Humanos, Repressão das violações de Direitos Humanos e Inserção das vítimas de violações de Direitos Humanos. Em todos os eixos, são realizadas atividades específicas com públicos diversos, desde crianças e adolescentes, a pessoas adultas e idosas, tornando os espaços da ONG assim ocupados completamente comunitários.

Dentre os eixos de trabalho do CDVDH/CB focaremos apenas o Eixo da Prevenção, dentro do qual surgiu o **projeto Mulher Maravilha**, que trabalha com aulas de exercícios físicos como ferramenta de formação, através da Pedagogia Feminista no contexto da Educação Popular.

A realidade do machismo estrutural e patriarcal, na sociedade, historicamente, invisibiliza a história e as vozes das mulheres, o que culmina na violência que, muitas vezes, tira a vida de inúmeras delas. O projeto Mulher Maravilha tem como objetivo contribuir com o empoderamento e a emancipação das mulheres, utilizando a Pedagogia Feminista dentro da Educação Popular.

Sua logomarca surgiu da construção coletiva das mulheres, pensando que todas desempenham múltiplos papéis e são super heroínas. Sem tirar as especificidades do perfil da turma, composta na maioria por mulheres negras, foram utilizadas as cores da bandeira do Brasil, a fim de firmar a identidade das mulheres maravilhas brasileiras do projeto.

No projeto Mulher Maravilha, a Pedagogia Feminista, dentro do espaço de Educação Popular, desta ONG, é vista como muito eficaz na quebra do machismo estrutural, pois traz a consciência de que as mulheres precisam ocupar os diversos espaços para que assim possam garantir a efetivação de seus direitos e se ver donas de suas próprias vidas.

Nesse projeto, nos momentos de troca de experiências, a dialética é compartilhada de maneira a dar voz a essas mulheres, a seus sonhos, aflições, medos e conquistas. Os processos de criação e empoderamento vivenciados têm o fim de romper as estruturas de poder que tanto colocam as mulheres em papel de total submissão. Nesses momentos de troca, a Pedagogia Feminista se faz presente de maneira completa e transformadora na vida dessas mulheres.

As aulas em que são utilizados exercícios físico, trazem a dimensão de que cuidar da saúde física também é cuidar da saúde mental. Nessas aulas, as mulheres vivenciam o momento que é apenas delas, com o direito de ser apenas mulheres, em toda sua plenitude, promovendo, assim, um trabalho de autoestima, de cuidado da saúde mental e física e construindo laços de irmandade, sororidade, tão preciosos para uma sociedade que se beneficia com a rivalidade feminina, presente na vida de todas as mulheres desde o nascimento.

A metodologia desta pesquisa permitiu vivenciar as atividades em conjunto com as sujeitas, colocando-as como protagonistas em seu processo de empoderamento, pensando que é possível vivenciá-lo em qualquer fase de sua vida, e replicá-lo em seus diversos meios sociais e, principalmente, alertar para a importância de superar os desafios que as mulheres enfrentam ao longo de toda a sua vida para ocupar os diversos espaços de poder e falas, extremamente importantes para a construção de uma sociedade mais justa não apenas para as mulheres, mas para todas as pessoas.

4. PARTILHANDO VIVÊNCIAS E CONSTRUINDO AS MANDALAS PEDAGÓGICAS



Na partilha com as mulheres do projeto Mulher Maravilha foram realizados quatro círculos de cultura que culminaram na construção de quatro mandalas pedagógicas, que trouxeram uma dimensão artística. Cada círculo de cultura durou cerca de 1 hora de trocas, com 30 mulheres participantes do projeto.

Dentro dos círculos de cultura foram organizados quatro subgrupos, que se intitularam com os seguintes nomes e justificativas trazidas pelas próprias mulheres: **Girassol** – por sempre buscar a luz; **Trevo** – por representar a sorte; **Raízes** – por significar firmeza; e **Diversas** – por dizer que somos várias e únicas. Em cada círculo de cultura, uma pergunta norteadora motivou as respostas trazidas pelos grupos para formar as mandalas pedagógicas.

A idade das mulheres do projeto variavam entre 18 e 70 anos. A maioria formada de mulheres negras e todas da periferia do bairro da Vila Ildemar em Açailândia(MA). São mulheres em contexto de vulnerabilidade social e que têm tempos de vivências diferentes dentro do projeto; isto é, participantes desde a fundação e as que estão a menos tempos, variando de meses a anos.

4.1 PRIMEIRO CÍRCULO DE CULTURA



Para a construção dos dados da primeira mandala pedagógica, foram realizados dois encontros, cada um com cerca de 1h. Com a metodologia do círculo de cultura, foi organizado de maneira a primeiro colocá-las em círculo na sala de atividades e indicar o tema central. Em seguida, foram organizados pequenos subgrupos, em novos círculos de cultura, para que pudessem conversar sobre a temática colocada e trazer suas percepções.

Esse primeiro círculo teve como tema central: O próprio projeto Mulher Maravilha. Para o momento rememoramos como surgiu o projeto Mulher Maravilha, por meio da escuta da narrativa de mulheres fundadoras da turma. Refletimos sobre: a escuta da temática sobre o pedido das mulheres para a construção do projeto; como se sentiram no processo de escuta; e na contribuição da formação da primeira turma do projeto Mulher Maravilha e suas participações enquanto sujeitas protagonistas do projeto.

Após, falamos sobre o contexto social e o contato com o CDVDH/CB. Uma das falas potentes foi apresentada pelo grupo **Girassol**: “*Nós precisamos de um espaço que possamos ser apenas mulheres e que nos tire de nossas duras realidades, mas queremos isso de maneira regular, pelo menos duas vezes por semana*”. (depoimento em 2024).

A partir dessa provocação, nesse espaço popular do CDVDH/CB, é que as mulheres se consideraram escutadas e atendidas.

Trilhamos, também, o entendimento da Pedagogia Feminista e como as aulas de exercícios físicos eram importantes. Deste ponto, destacamos as falas que convergiram no sentido da importância que o projeto tem em suas vidas com essa metodologia, pois, além de trabalhar o corpo, traz momentos de reflexão e aprendizados contínuos não apenas de cidadania, mas também profissional, tudo através da escuta dessas mulheres. Como diz Silva (2010, p. 18):

Na educação feminista há que se estabelecer uma relação dialética entre autoconhecimento e vida social, entre aprofundamento da reflexão pessoal sobre si mesma, construção do conhecimento sobre as mulheres e ação política transformadora.

As mulheres do grupo **Trevo** falaram que: *“A pedagogia feminista, nos transformou completamente, e que agora somos multiplicadoras dessa pedagogia em nossos mais diversos espaços de ocupação, além de que compreendemos que a educação da escola é também extremamente importante”* (depoimento em 2024).

Representantes do grupo **Raízes** disseram que: *“Entenderam que a sociedade coloca homens e mulheres em papéis distintos e que nós agora reconhecemos esse processo”* (depoimento em 2024).

Foi possível perceber, nessas falas, a força dessas palavras, e trazer aqui novamente as palavras de Silva (2010) de que a Pedagogia Feminista contém um processo de formação de sujeitas e sujeitos como seres independentes e transformadores de suas realidades.

O grupo **Diversas** compartilhou que: *“O projeto é muito importante e aprendemos muito em cada encontro”* (depoimento em 2024).

No segundo encontro, a partir de todas essas falas obtidas no primeiro encontro sobre o projeto, as mulheres contribuíram coletivamente na construção da primeira mandala pedagógica, então, foram escolhidas as palavras e/ou frases curtas que definissem o projeto, sua trajetória e metodologia, a partir da percepção das mulheres.

As palavras/frases escolhidas foram as seguintes, a partir da justificativa definida: **Pedagogia Feminista** – pedagogia aplicada dentro do projeto; **Educação Popular** – o espaço do CDVDH/CB enquanto ONG e entrelace com a Educação Popular; **Projeto Mulher Maravilha** – protagonista desta pesquisa; **Sujeitas Mulheres** – sujeitas atuantes e protagonistas no projeto Mulher Maravilha; **Metodologia de Formação, Círculo de Cultura, Escuta, Pesquisa-ação** – processo metodológico utilizado para a pesquisa no projeto;

Empoderamento, Rede de Sororidade, Consciência sobre Feminismo e Machismo, Ação Política Transformadora, Formação Cidadã e Profissional – consequências do projeto na vida das mulheres; e **Agentes Multiplicadoras** – consequência transformadora das mulheres multiplicadoras de toda a metodologia do projeto.

Para tanto, foi compartilhado o sentido das mandalas, trazendo, para além da dimensão artística, também os sentidos espiritual/mágico e coletivo contidos nas mandalas e, a partir disso, também seus diversos formatos; nossa sugestão foi para que usassem os formatos das mandalas a partir dos nomes dados aos grupos no círculo de cultura, e, nessa troca, as mulheres concordaram e fomos construindo coletivamente nossa primeira mandala.

Primeiro Encontro

Figura 22. 1º círculo de cultura com o tema projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

Segundo Encontro

Figura 23. 2º círculo de cultura com a construção da primeira mandala sobre o projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

4.2 SEGUNDO CÍRCULO DE CULTURA



Figura 24. Construção da segunda mandala - os aprendizados no projeto Mulher



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

Para construir a segunda mandala, tivemos como base a seguinte pergunta norteadora no círculo de cultura: O que vocês aprendem/aprenderam no projeto Mulher Maravilha? É importante dizer que em cada roda é um momento de muita troca de aprendizados, afetos, construção coletiva, que vai para além do saber.

De acordo com Tomaz Tadeu (2005, p. 97):

A pedagogia feminista tentava construir um ambiente de aprendizagem que valorizasse o trabalho coletivo, comunitário e cooperativo, facilitando o desenvolvimento de uma solidariedade feminina, em oposição ao espírito de competição e individualismo predominante na sala de aula tradicional.

Nesse círculo, foi possível compreender como a Pedagogia Feminista já faz sentido, dentro da vida dessas mulheres, provocando mudanças significativas em si mesmas e ao redor, em que é possível trazer as lutas feministas e o próprio movimento em si, definido por Silva (2010, p. 11): “como

um movimento de olhar particular sobre o mundo e sobre as relações estabelecidas nele, com o intuito de refletir e lutar por melhorias e transformações que vem do interior de si para o exterior”.

Quadro 5. Sistematização das respostas das mulheres maravilhas

RESPOSTA DE APRENDIZADOS						
<i>a ser dona de mim</i>	<i>a lidar com a raiva</i>	<i>a ter respeito por nós mulheres</i>	<i>ter união</i>	<i>Entender sobre meus direitos</i>	<i>Ser empoderada e amiga de outras mulheres</i>	<i>a sonhar</i>
<i>a ser mais alegre e mais livre</i>	<i>a ter coragem de falar</i>	<i>a ser livre</i>	<i>a ter um tempo para nós</i>	<i>a me expressar sem medo</i>	<i>a ser empreendedora</i>	<i>perder a vergonha</i>
<i>a me evoluir</i>	<i>a me libertar e ter amor</i>	<i>a ter meu bem estar físico</i>	<i>liberdade</i>	<i>auto astral</i>	<i>a me expressar melhor</i>	<i>ter objetivos</i>
<i>a ter amizades</i>	<i>a ser uma mulher maravilha</i>	<i>a ser mais mulher</i>	<i>a sermos unidas a dançar sem medo e vergonha</i>	<i>conquistar meus objetivos</i>	<i>conhecer meu corpo</i>	<i>a me amar</i>

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora

Com esse olhar para o mundo e para suas vivências no projeto obtivemos as mais diversas respostas, e é importante ressaltar que, mesmo sendo diversas as falas, todas levaram para o mesmo caminho, ou seja, o objetivo principal desse projeto, desde o seu nascimento: o empoderamento feminino.

As falas dos grupos **Girassol**, **Trevo**, **Raízes** e **Diversas** para a construção da segunda mandala trouxeram as respostas descritas no quadro 5.

Figura 26. Construção da mandala coletiva - os aprendizados no projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

Figura 25. 2º círculo de cultura - os aprendizados no projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

4.3 TERCEIRO CÍRCULO DE CULTURA



Para a terceira mandala, a pergunta norteadora do círculo de cultura foi: O que mais quero aprender no projeto Mulher Maravilha?

As mulheres, então, colocaram suas perspectivas de temas para além dos que foram propostos durante suas vivências no projeto.

Por meio dessa partilha, pretendeu-se trazer suas vozes para ampliar ainda mais os conhecimentos que desejavam e, também colocá-las como sujeitas participantes ativas dentro da metodologia do projeto Mulher Maravilha, trazendo temáticas importantes para o empoderamento e a emancipação. Assim, foi possível vivenciar a Pedagogia Feminista neste projeto.

Segundo Tomaz Tadeu (2005, p. 96):

A pedagogia feminista preocupou-se, sobretudo, em desenvolver formas de ensino que refletissem os valores feministas e que pudesse formar um contraponto às práticas pedagógicas tradicionais, que eram consideradas como expressão de valores masculinos e patriarcais.

Com as partilhas, essas mulheres puderam compreender o ponto de vista do autor Tadeu (2005), ou seja, conseguiram trazer pontos de vista pedagógicos para romper com o padrão tradicional e que, por diversas vezes, ampliam os valores masculinos e patriarcais.

As participantes entenderam seu espaço, se reconheceram como mulheres diversas e, principalmente, passaram a conscientizar-se sobre seus direitos e como a sociedade está alicerçada para negá-los. E o despertar dessa consciência fez com que as mulheres deste projeto desejassem mais conhecimentos.

Dessa forma, nessa partilha, os grupos **Girassol**, **Trevo**, **Raízes** e **Diversas** construídas temáticas que mostraram muita relevância e interesse:

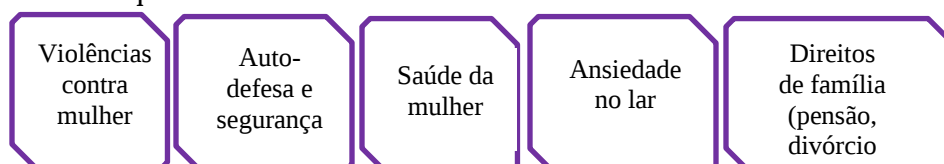


Figura 27. 3º círculo de cultura, trabalho em grupo - o que desejo aprender mais no projeto Mulher

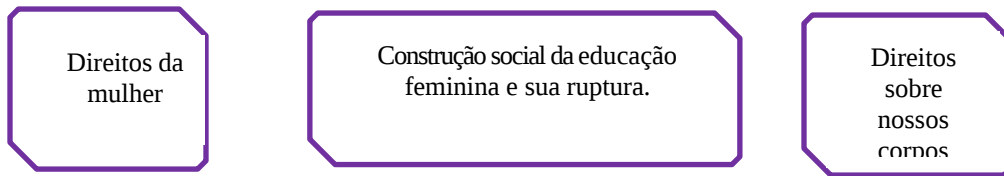


Fonte. Arquivo institucional

Figura 28. Construção da mandala coletiva - o que desejo aprender mais no projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB



Nos círculos de cultura, todo o processo de escuta das mulheres foi carregado de muito respeito a todos os corpos e vivências ali presentes, individualizadas, mas, por vezes, convergindo na coletividade das opressões vividas.

Nesse contexto, são destaque as temáticas sobre: Direitos a nossos corpos e Construção social do que é ser mulher em nossa sociedade. Extremamente importantes, e que só são construídas socialmente após um despertar profundo sobre o papel social das mulheres, de maneira a naturalizar diversas opressões, além de buscar as quebras de tabus históricos, a exemplo de quando tratamos dos corpos femininos, esbarrando em questões sociais e religiosas, que buscam controlar os corpos femininos.

Ressalta-se esse passo, dentro desse projeto, tendo em vista que são temáticas, por vezes, conflitantes, dentro do próprio ser feminino, por padrões impostos e distorcidos na sociedade, e que, a partir desse círculo de cultura, foi possível ver que esses padrões estão sendo questionados pelas mulheres do projeto Mulher Maravilha.

4.4 QUARTO CÍRCULO DE CULTURA



Para finalizar as mandalas desta dissertação, realizamos o último círculo de cultura com as mulheres participantes do projeto Mulher Maravilha, cuja pergunta norteadora foi: O que os espaços do projeto Mulher Maravilha significam para você? Para tal, foram consideradas as respostas individuais de cada mulher através de uma palavra, mas que, no momento da partilha, se enchia de muitos significados, dentre as respostas apresentadas na figura 30, saíram: “*Que este é um espaço de....*”

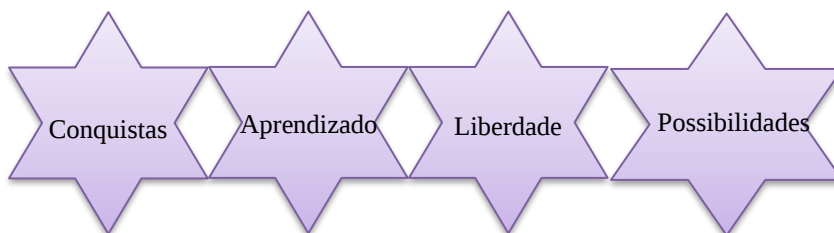
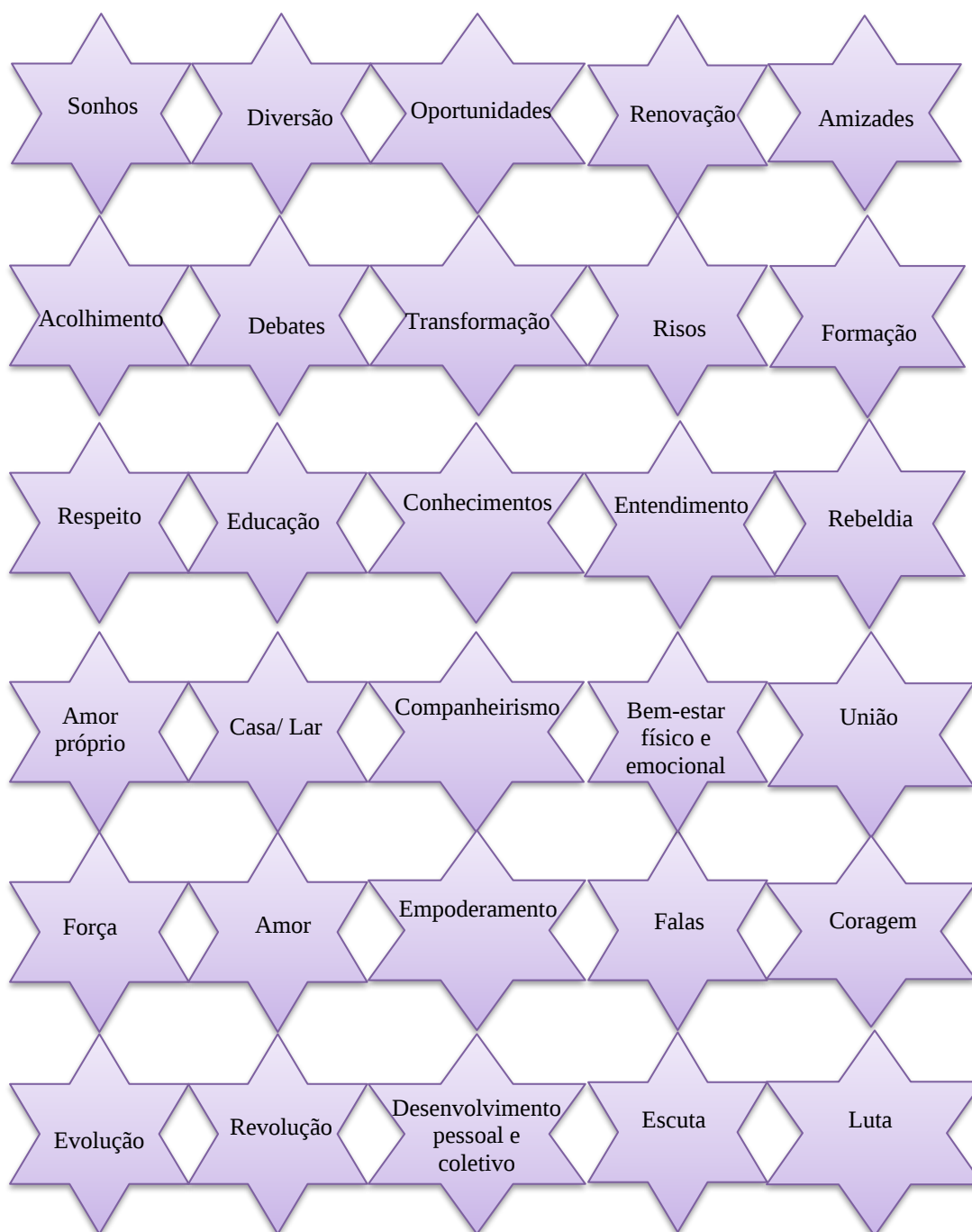


Figura 29. Quarto círculo de cultura - o que significam os espaços do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB



Essas foram as falas das mulheres, trazidas de maneira leve, porém profunda, a partir das perspectivas, nesse último círculo de cultura individualizada, em busca do significado que o projeto Mulher Maravilha tem em suas vidas e histórias.

Percebemos o uso da palavra “empoderamento” como dizem Laverack e Labonte (*apud* Becker *et al*, 2004, p. 657) que “significa passar a ter o maior controle de suas vidas e assim decidir por ela”. Nessas falas, ficou evidente quanto esse projeto se faz importante e tem feito sentido na vida dessas mulheres.

Também destacamos que os exercícios físicos, a dança e a arte mostram muito êxito

em chamar a atenção das mulheres e fazê-las entrar em um espaço para além deste, que aparentemente focaria nas questões físicas, mas que representa um espaço que propicia, como disseram: *“revolução e evolução”*.

Nessa partilha final, verificamos a entrega e o sentimento de pertencimento a esse projeto, e pudemos vislumbrar, sim, uma sociedade que pode pautar uma educação não sexista, não machista e não patriarcal.

O objetivo a que se propôs o projeto e essa pesquisa, ao trazer elementos que são palpáveis, de uma Pedagogia que coloca as sujeitas mulheres no centro da escuta, da transformação, da reflexão, eviencina uma melhoria social, a construção de uma sociedade adequada não apenas para as mulheres, mas para todas as pessoas.

Por fim, na figura 30, consta o registro de construção da última mandala.

Figura 30. Construção coletiva da última mandala - o que significa o espaço do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Arquivo institucional CDVDH/CB

Nesse registro final dos círculos de cultura, como um processo de construção metodológica das mandalas pedagógicas, realizamos conjuntamente uma perspectiva de mandala humana e humanizadora. Destacamos aqui que foi uma sugestão das próprias mulheres, a partir da vivência em construir as mandalas pedagógicas, de transformarem seus próprios corpos em parte dessa mandala circular, energética e coletiva, que forma o projeto Mulher Maravilha.

Um projeto pensado, feito e composto por mulheres para mulheres. A foto traz uma verdadeira inspiração para que possamos ter uma sociedade que respeite as mulheres em todas

as suas dimensões e que as façam compreender que são partes importantes e essenciais na construção de novos padrões de educação formal e não formal, padrões que vêm para questionar estruturas de opressão e na contramão da violência machista.

Nessa mística é que se enraiza o projeto Mulher Maravilha do CDVDH/CB, uma mística de pertencimento, união, e uma força que emana e se irradia dos corpos femininos.

5. CONSIDERAÇÕES DA DISSERTAÇÃO



A Pedagogia Feminista vem possibilitando a transformação não apenas da Educação, nos ambientes escolares formais, mas também a adoção de uma Educação global na sociedade que, historicamente, convive com o machismo estrutural em seu cotidiano, e reflete os privilégios dados ao gênero masculino, mas almeja a equidade entre os gêneros.

Ter como aliada a Educação Popular e dispor dos espaços populares, como ONGs, que trabalham com as comunidades e entendem suas realidades, são objetivos imprescindíveis para que seja construída uma sociedade melhor.

Com o projeto Mulher Maravilha, foi possível refletir sobre a mudança de comportamento das mulheres em um contexto de violência e silenciamento vivenciado desde seus nascimentos e que é naturalizado e não questionado.

Dessa forma como o objetivo geral dessa pesquisa foi contribuir com as práticas da Pedagogia Feminista no projeto Mulher Maravilha do Centro e Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia -Ma, foi possível vivenciar uma metodologia que busca o empoderamento feminino através da consciência pessoal de que cada mulher tem um universo distinto e que precisa ser ouvida, para que assim compreendamos seu processo de evolução e revolução em uma sociedade que lucra com sua total submissão.

Nesta pesquisa também foi possível historicizar o Movimento Feminista, a Pedagogia Feminista na Educação Popular como processo de luta pelos Direitos das Mulheres na sociedade, pensando que é extremamente importante compreender a importância de todo o movimento feminista na construção de uma pedagogia pensada por mulheres e para mulheres.

A Pedagogia Feminista revoluciona mulheres e consequentemente os espaços por elas ocupados e temos a importância da Educação Popular como grande parceira na luta por uma educação não sexista, não androcêntrica, não patriarcal e não machista, pois é a partir desses espaços que iniciam as vozes dessas mulheres e se perpetua em todos os outros, inclusive na educação formal.

Também foi possível exemplificar o Projeto Mulher Maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia- Ma, contribuindo com suas práticas em Pedagogia Feminista, sendo um espaço que utiliza aulas de exercícios físicos como mecanismo de atração para essas mulheres e que a partir disso desenvolve a Pedagogia

Feminista, conscientizando sobre o processo de machismo histórico vivenciado, naturalizado e reproduzido por todas as mulheres.

Escutando suas histórias de vidas diversas e, com muitas cicatrizes, revolucionando seus pensamentos e suas ações e assim empoderando e emancipando essas as mulheres participantes.

A utilização de momentos de diálogo, autoconhecimento, debates, escutas, oficinas de capacitação profissionais, formação sobre temas pertinentes como: violências machistas, feminismos, sororidade, entre outros, nos fizeram compreender os desafios de ser mulher nessa sociedade e o quanto esses desafios dificultam a ocupação dos espaços de poder por mulheres. Tornando dessa forma um projeto de referência para outros grupos, ONG's, coletivos de mulheres e também para o currículo formal de educação.

Toda a pesquisa leva a reflexão da importância da Pedagogia Feminista na vida dessas mulheres e porque não dizer de todas as mulheres, afinal pensar em uma sociedade que educa mulheres para serem livres e homens para respeitá-las tornaria tudo mais justo.

Analisando os círculos de cultura compreendemos melhor o quanto se faz necessário lutar por uma educação não sexista e, que mesmo estando no século XXI, apesar de toda luta por uma educação igualitária muito ainda se precisa avançar, a educação formal precisa ser revolucionada, questionada e levada a beber da fonte da Pedagogia Feminista, pois é através da educação que se transforma toda uma sociedade.

Assim, esta pesquisa leva o importante papel do movimento feminista na construção da Pedagogia Feminista e como os espaços de educação popular são grandes espaços educacionais de relevância para a vida dessas e de tantas outras mulheres.

Compreendemos o papel da Pedagogia Feminista em uma sociedade que tem o machismo nas suas estruturas, além do processo de desigualdade e injustiça vivido por todas as mulheres. Tudo isso nos leva a luta para que essa estrutura se rompa, e assim possamos reconstruir uma sociedade que respeite, escute e empodere não apenas mulheres, mas todas as pessoas que acreditam e compreendem que a equidade entre os gêneros e a igualdade de direitos são fundamentais para a construção de um mundo melhor.

6.2 Segunda Mandala - Os aprendizados no projeto no formato de raízes

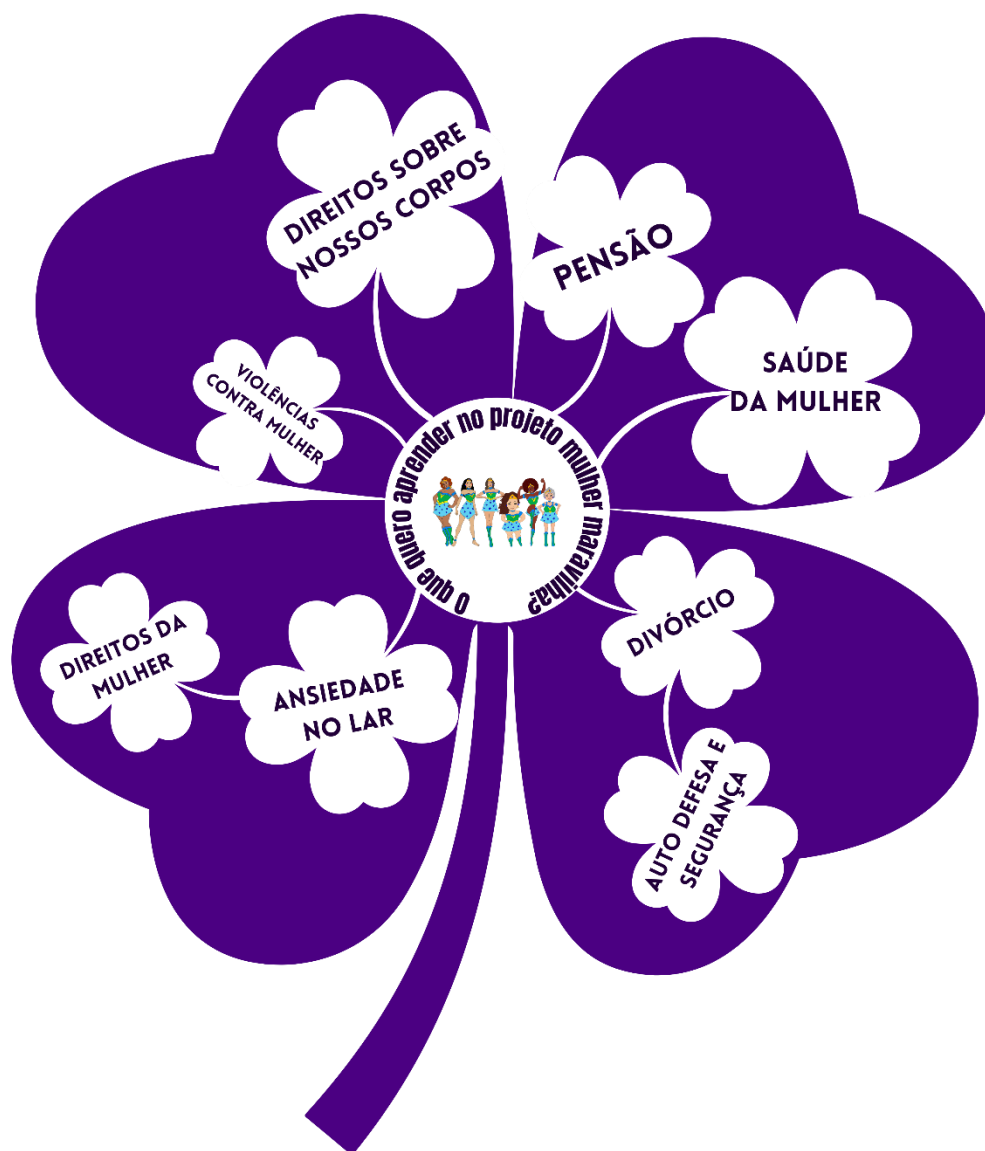
Figura 32. Segunda Mandala Pedagógica - os aprendizados no projeto mulher maravilha



Fonte. Construção da autora

6.3 Terceira Mandala - os aprendizados do futuro no formato de trevo

Figura 18. Terceira Mandala Pedagógica - os aprendizados do futuro no projeto Mulher Maravilha



Fonte. Construção da autora

6.4 Quarta Mandala – significado desse espaço no formato girassol

Figura 18. Quarta Mandala Pedagógica - o que significa o espaço do projeto Mulher Maravilha



Fonte. Construção da autora

7. CONSIDERAÇÕES DE YONÁ LUMA CAMPOS FERREIRA COMO PARTICIPANTE DO PROJETO



O projeto Mulher Maravilha foi iniciado no ano de 2014, em uma das reuniões que fazíamos com a comunidade regularmente, através de outros projetos desenvolvidos pelo CDVDH/CB, assim, duas mulheres do bairro chamado Vila Ildemar, chamaram-me em conjunto com outra pessoa da equipe do CDVDH/CB solicitando atividades específicas para as mulheres e que essas atividades fossem oferecidas de maneira regular.

A justificativa era que precisavam de algo que as tirasse de suas casas e duras realidades, que as fizessem relaxar, sentir-se bem e que também trabalhasse a saúde. Nesse período, o CDVDH/CB já mantinha diversos projetos, porém não tinha condições financeiras de cobrir mais um. Pensando em toda a logística e no pedido dessas mulheres, disponibilizei-me a realizar, então, esse trabalho, de maneira voluntária.

A vontade de realizar esse trabalho venho a partir de alguns anos antes quando comecei a estudar mais profundamente o movimento feminista, suas vertentes, lutas e metodologias, e isso me fez ter o desejo de oferecer algo que contribuísse de alguma forma na vida de outras mulheres. Tinha o anseio de contribuir na superação de tantos desafios que nos são impostos simplesmente por nascermos mulheres.

A partir disso, iniciamos a organização do projeto e a primeira responsabilidade dessas duas mulheres que nos procuraram foi formar uma turma de pelo menos 20 outras mulheres para participar, pensando então em propiciar atividades físicas, a princípio com o objetivo focado na saúde física e, dessa forma, ir inserindo momentos de encontros baseados na troca de saberes, na escuta dessas mulheres, no estudo dos desafios em ser mulher em uma sociedade estruturalmente machista, no próprio movimento feminista, nos diversos tipos de violências que todas sofremos.

Os momentos propiciados nos fortaleciam, nos conscientizavam de maneira horizontal, orgânica, leve e dialética. As aulas passaram a ser o momento dessas mulheres se sentirem livres para serem mulheres.

É importante ressaltar que, dentro desta pesquisa, já temos um núcleo de mulheres mais conscientes no que tange às violações e violências sofridas em suas vidas, mas, no início do projeto, não era assim. Eram mulheres conformadas com aquilo que a sociedade dizia que era “normal”. Já tivemos, dentro das rodas, no projeto, diversas falas que reproduziam o machismo, a exemplo: “*Tem mulher que gosta de apanhar*”. São exemplos que comprovam ter

sido através do projeto que essas mulheres atualmente têm outra concepção e percepção das questões de gênero.

Também havia mulheres que consideravam completamente normal ser humilhadas em suas relações conjugais, que não questionavam nada, que tinham medo de se expressar, e de até fazer os próprios exercícios, por medo do julgamento das outras mulheres. E, por falar em julgamento, quantas não se reconheceram julgadoras de outras mulheres, percebendo o processo de rivalidade em que estamos inseridas de maneira tão naturalizada.

São 11 anos trilhando esse caminho, de maneira coletiva, com essas mulheres, e também me percebendo e buscando responder, da melhor forma possível, aos mais diversos desafios trazidos por elas e, ao mesmo tempo, me desafiando a compreender que o processo é individualizado e que não podemos desrespeitar nenhuma no seu decorrer. Talvez esse seja um dos meus maiores desafios, neste projeto, compreender que a vida é de cada uma, e as decisões também, e é preciso respeitar esse espaço e o tempo individual, sem nenhum tipo de julgamento e toda a sororidade possível.

No projeto, já passaram e ainda estão participando ativamente mulheres de todas as idades, e unidas em um único propósito, que é seu empoderamento enquanto mulheres protagonistas de suas vidas. Mulheres em relacionamentos abusivos, mulheres reprimidas, com medo de falar o que sentiam, seus desejos, seus objetivos, tudo em segundo/terceiro/décimo plano, nas suas listas de prioridades. Mulheres que não sentiam o direito de ser apenas mulher.

O projeto trouxe e traz para essas mulheres coisas aparentemente simples, mas que, para cada uma, a partir de suas realidades, passaram a ter um significado importante de vida, como **se sentirem acolhidas, ouvidas e aceitas, e sem julgamento.**

Assim, nos tornamos uma rede de apoio múltipla, além de uma espécie de trampolim para a realização de seus sonhos, com cursos de capacitações e incentivando cada uma a buscar seus objetivos e ocupar seus mais diversos espaços de desejos e sonhos pessoais.

Com a paralisação da turma, por causa das medidas de segurança contra a epidemia do coronavírus, em 2020, percebi ainda mais a importância desse projeto na vida dessas mulheres, que regularmente demonstravam o desejo pela melhoria de tudo para que pudessem retornar aos encontros no projeto. Eram ligações, mensagens que relatavam a falta que o projeto fez em suas vidas.

Realizar esse trabalho também me faz compreender a importância de projetos em que é utilizada a Pedagogia Feminista, dentro de um espaço de Educação Popular para

empoderar mulheres que já passaram por tantas vivências de violências. Cada mulher desse projeto tem cicatrizes profundas, de diferentes formas, mas causadas por um único agressor, o machismo estrutural.

Tudo isso também me faz refletir sobre como tudo seria se as mulheres fossem criadas vivenciando a Pedagogia Feminista em todos os espaços que ocupassem, desde o nascimento? Se, pelo menos, o currículo escolar formal se preocupasse com isso, quantas mulheres existiriam nos espaços de poder sem ter que enfrentar tantos desafios?

A Pedagogia Feminista é essencial para a construção de uma sociedade melhor para todas as pessoas e, se em um espaço de educação popular tem tanta eficácia, imaginemos empregada nos espaços formais de educação.

Coloco quanto esse projeto também faz sentido na minha vida, pois, desde criança, me sentia inconformada com as diferenças educacionais pautadas no gênero. Considero um presente do universo ser parte deste projeto, por ter sido de maneira tão orgânica.

É um projeto de mão dupla: de um lado eu e minha entrega e, do outro, tantas mulheres que confiam no projeto, em sua metodologia e o defendem e compartilham dele em todos os seus espaços de ocupação.

Trago, por fim, o compromisso que o CDVDH/CB tem com suas comunidades, na escuta sensível e no trabalho com possibilidades reais, sem promessas, mas muito desejo de contribuir no que é possível. É preciso dizer que esse projeto é construído por muitas mãos, pois o divido com outras mulheres incríveis, e que vem se ramificando cada vez mais.

Hoje, 11 anos depois, vejo um projeto com frutos, um projeto se multiplicando, saindo da esfera de uma turma, para três turmas, tomando outras cidades do Maranhão e, principalmente, onde todas as mulheres participantes batem no peito dizendo que são mulheres maravilhas. Adiante, juntas, por nós, por todas nós.

(Relato de Yoná Luma Campos Ferreira)



8. CONSTRUÇÃO E SIGNIFICADOS DAS MANDALAS PEDAGÓGICAS

Construímos as mandalas pedagógicas a partir de cada círculo de cultura, e em cada mandala se propõe a dialética de um ponto específico deste projeto, desde o seu significado e como funciona, aos aprendizados vividos, e os que ainda gostaríamos de vivenciar, até chegar nesse lugar de significado que o projeto tem na vida de cada uma das mulheres participantes.

Chegamos, assim, ao resultado final desses produtos que, além de falas profundas, trazem arte, alegria e força, e a alma do projeto Mulher Maravilha, pois suas formas foram sugeridas a partir da escolha dos nomes dos grupos das mulheres.

A **primeira** forma de mandala traz a **Diversidade** de formas do projeto que levam para um único objetivo: o empoderamento das mulheres; a **segunda** mandala tem ideia de **Raiz**, que ramifica e solidifica a cada dia mais, tornando esse projeto mais múltiplo e construído com muitas mãos, além de trazer as mistificadas das mulheres que reconhecem seu poder de bruxa; a **terceira** tem o formato de **Trevo** para dizer da sorte que temos em compartilhar esse projeto com tantas mulheres e a **última**, em formato de **Girassol**, traz o sentimento de que este projeto sempre consiga se ressignificar em busca de sua luz.

No fim, percebemos que o projeto Mulher Maravilha, com toda sua metodologia, se atravessa de maneira natural e circular. Tudo acontece em cincronicidade, de maneira leve. Notamos que é possível ir construindo em coletivo formas de ruptura a essa estrutura de poder tão cruel como é o machismo, através da Educação.

Enfatizamos a força de cada mulher que, em conjunto com todas as outras, se transformam em uma grande mandala, que nos ensina a buscar mais, a ser mais, e construir pontes que interligam a diversidade feminina com a força da luta e da Pedagogia Feminista.

Para deixar a produção externalizada e eternizada, um *e-book* conterà o passo a passo de construção das mandalas, que, para nós do projeto Mulher Maravilha, tratam da nossa identidade e força a ser compartilhada por muitos outros coletivos e/ou projetos de mulheres.

Por uma, por todas nós. Adiante!

REFERÊNCIAS



ABREU, Lais Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual** infantil. 2020, 270 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) - Universidade do Estado da Bahia, 2020.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed., Petrópolis, 2014.

BEARD, Mary. Mulheres e poder: um manifesto. São Paulo, 2018. *In*: BRABO, Antônia Suely Antonelli Marcelino (org.), TRINDADE, Diamantino Fernandes (coord.). **Gênero e educação**: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras. São Paulo, 2007.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CDVDH/CB. **Estatuto do centro de defesa da vida e dos direitos humanos**. Última atualização, Brasil, 2022.

DIA INTERNACIONAL DA MULHER. *Site Anped*, sessão artigos, 2017. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/dia-internacional-da-mulher-selecao-de-artigos-da-rbe>. Acesso em: 5 fev. 2023.

DIOGO, Arthur, **Realismo Poético**, Página do Facebook @realismo poético. (2018, 25, Agosto). Disponível em: <https://www.facebook.com/realismo.poetico16/photos/a-humanidadesempre-teve-medode-mulheresque-voamsejam-elasbruxassejam-elaslivresc/1366962196739508/?locale=pt_BR> acesso em 10 de setembro de 2023

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro, 2018.

FIGUEIRA, la (org) **W.I.T.C.H conspiración terrorista internacional de las mujeres del infierno**. 6.ed. Madrid. La Figueira, 2015.

FLORESTA, Nísia; CLAYRE, Voltarine. **Feminismo**. São Paulo, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967/2021.

FREIRE, Paulo. **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire, Erasto Fortes Mendonça. 3. ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 30. ed., São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003/2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LANGNOR, Carolina; LISBOA, Sousa. **Da pedagogia feminista aos estudos de gênero: desdobramentos das teorizações feministas para a educação**. Curitiba, 2016.

LOPES, Daniele Rehling. **“Quem não pode com a formiga não atica o formigueiro”**: a auto-organização das mulheres e a educação popular na construção da pedagogia feminista no curso Desafio Pré-Vestibular/RS. 2017, 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. **A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem**. Porto Alegre, 1999.

MACIEL, Dionéia Edlyng. **O acesso da mulher à educação formal no Brasil**. Paraná, 2019.

MA é o 2º Estado do Nordeste em agressões e tentativas de feminicídio, *site* Globo, sessão G1- Rede Mirante Maranhão, disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/07/28/ma-e-o-2o-estado-do-nordeste-em-agressoes-e-tentativas-de-feminicidios.ghml>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARCHAS DAS MARGARIDAS, *site* Marchas das Margaridas, sessão O que é. Disponível em: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=oquee>. Acesso em: 28 jun. 2025

MINISTÉRIO DAS MULHERES LANÇA O RELATÓRIO ANUAL SOCIOECONÔMICO DA MULHER - Raseam 2025, *site* GOV, sessão Ministério das Mulheres. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/marco/ministerio-das-mulheres-lanca-o-relatorio-anual-socioeconomico-da-mulher-raseam-2025#:~:text=Esses%20n%C3%BAmeros%20somam%2041.309%20casos,les%C3%B5es%20corporais%20seguidas%20de%20morte>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MINUSI, Sandro Gindri; MOURA, Augusto Albuquerque; JARDIM, Mateus Lovato Gomes; RAVASIO, Marcele Homrich. Considerações sobre estado da arte, levantamento bibliográfico e pesquisa bibliográfica: relações e limites. **Revista Universitária**, categoria artigos, 29 mar. 2018. Disponível em: http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/consideracoes-sobre-estado-da-arte-levantamento-bibliografico-e-pesquisa-bibliografica-relacoes-e-limites?fb_comment_id=1703522813046703_3871251066273856. Acesso em: 4 fev. 2023.

OLIVEIRA, Isabella Marques de. **Por uma pedagogia feminista... até que todas sejamos livres!**. 2020, 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

PASSONI, Sara Abreu. **Pedagogia feminista como um caminho para o combate ao sexismo com a educação**. 2021, 85 f. Dissertação ((Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

PAULO, Fernanda dos Santos. **A influência de marxistas nas obras de Paulo Freire**. Rio Grande do Sul, 2024.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Suênia; MONTENEGRO, Sandra. **Pedagogia feminista: o caso do programa de formação sociopolítica “cidadania e direitos das mulheres”**. Recife, 2015.

POLLI, José Renato. **Humanismo marxista em Edward Thomspon e Paulo Freire: a educação vista de baixo**. Campinas, 2022.

SANTANA, Camila de Melo. **Feminismo Agora!:** uma experiência de pedagogia feminista autoreflexiva. 2018, 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Biblioteca.

SILVA, Márcia Alves da; GODINHO, Eliane. **A construção de uma pedagogia feminista latino-americana na perspectiva da educação popular**, Florianópolis, 2017.

SILVA, Rafaela Mello da. **(Des)igualdade da mulher: da educação para o lar à conquista por espaço profissional**. Disponível em: https://brasiljuridico.com.br/artigos/desigualdade-da-mulher-da-educacao-para-o-lar- conquista-por-espao-profissional#_ftn3. Acesso em: 22 nov. 2020.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



APÊNDICES

Apêndice A – DECLARAÇÃO DE LIBERAÇÃO DE LOCAL PARA COLETA DE DADOS (DLCD)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-
GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

DECLARAÇÃO DE LIBERAÇÃO DE LOCAL PARA COLETA DE DADOS

Eu, **Francisco de Assis Alencar** representante legal pelo Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán, na qualidade de secretário administrativo, autorizo a realização da pesquisa intitulada **“A PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO POPULAR ANALISANDO A EXPERIÊNCIA DO PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN DE AÇAILÂNDIA-MA.”**, a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora responsável **Yoná Luma Campos Ferreira** que conduzirá a pesquisa nas dependências desta instituição. Declaro que conheço os objetivos e procedimentos da pesquisa acima mencionada e que a instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida desde que sejam assegurados os requisitos abaixo: • Aprovação da pesquisa por Comitê de Ética em Pesquisa; • Garantia de receber esclarecimentos da pesquisadora responsável sobre qualquer questionamento, a qualquer momento, mesmo após a conclusão da pesquisa e encerramento dos trabalhos; • Ausência de despesa para esta instituição decorrente da coparticipação nessa pesquisa; • Liberdade para retirar a anuência em qualquer momento da pesquisa, sem penalização, caso não haja cumprimento dos requisitos acima.

Açailândia- MA, 05 de março de 2024.

Francisco de Assis Alencar
Secretário administrativo do CDVDH/CB

Apêndice B – TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO E MANUSEIO DE DADOS (TCUD)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Termo Compromisso para Utilização e Manuseio de Dados (TCUD)

Eu, **Yoná Luma Campos Ferreira**, da **Universidade Federal do Maranhão – UFMA**, pesquisadora do projeto de pesquisa intitulado **“A PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO POPULAR ANALISANDO A EXPERIÊNCIA DO PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN DE AÇAILÂNDIA-MA.”** declaro, para os devidos fins, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Este projeto de pesquisa apresenta Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois se trata de pesquisa com seres humanos, e usará das transcrições de gravações em áudio, vídeos da fala, escritas das mulheres, e depoimento em rodas de conversas e círculos de cultura com mulheres participantes do Projeto Mulher Maravilha, do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán.

Me comprometo com a utilização dos dados contidos nas gravações em áudio, vídeos da fala, escritas das mulheres, e depoimento em rodas de conversas e círculos de cultura com mulheres participantes do Projeto Mulher Maravilha, do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán., e somente após receber a aprovação do sistema CEP-CONEP irei realizar a pesquisa e manuseio dos dados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Me comprometo a manter a confidencialidade e sigilo dos dados contidos nas gravações, bem como a privacidade de seus conteúdos, mantendo a integridade moral e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas. Não repassarei os dados coletados em sua íntegra, ou parte dele, a pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa sem a autorização no TCLE.

Também me comprometo com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos nesta pesquisa aqui referida. Qualquer outra pesquisa, em que necessitemos coletar informações, será submetida para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados obtidos da pesquisa serão guardados de forma sigilosa, segura, confidencial e privada, por cinco anos, e depois serão destruídos.

Ao publicar os resultados da pesquisa, mantereí o anonimato das pessoas cujos dados foram pesquisados se assim desejarem, e irei utilizar os nomes reais daqueles/as que assim desejarem.

Açailândia/MA, 06 de janeiro de 2024.

Yoná Luma Campos Ferreira
Pesquisadora responsável da pesquisa
Matrícula SIGAA: 2022110245
Mestranda em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED

Apêndice C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você participar da pesquisa: **A PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO POPULAR ANALISANDO A EXPERIÊNCIA DO PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN DE AÇAILÂNDIA- MA**, que tem como pesquisadora responsável Yoná Luma Campos Ferreira.

Esta pesquisa pretende analisar as práticas da Pedagogia Feminista dentro do espaço de Educação Popular, no projeto Mulher Maravilha do Centro e Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia -Ma.

O motivo que nos leva a fazer este estudo vem a partir de um desejo pessoal de disseminar o potencial da Pedagogia Feminista dentro do projeto Mulher Maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán (CDVDH/CB) para que se torne um exemplo vivo dos resultados alcançados nas vidas das mulheres participantes deste projeto, trazendo a reflexão de que uma educação e uma pedagogia que visam a emancipação e a libertação das mulheres são extremamente importantes para a construção de uma sociedade melhor.

Caso decida participar, **você irá permitir que os diálogos estabelecidos em grupos acerca da sua trajetória de vida e os impactos deste projeto nela, posteriormente seja transcrita para análise.** Todos os dados dessa pesquisa serão trabalhados dentro do texto dissertativo da pesquisadora responsável, e publicados apenas em congressos e anais de eventos acadêmicos, sempre respeitando o anonimato quando solicitado, ou trabalhando na maior integridade e cuidado possível se for de sua preferência o uso do seu nome.

Durante a realização da pesquisa poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista; desconforto; medo; Vergonha; Estresse; Quebra de sigilo; Cansaço ao responder às perguntas; e Quebra de anonimato. No que concerne a riscos físicos: - Invasão de privacidade; - Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; - Revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar

_____(rubrica do Participante/Responsável legal)

_____(rubrica do Pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

pensamentos e sentimentos nunca revelados; - Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; - Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE). - Tomar o tempo do/a sujeito/a ao responder ao questionário/entrevista. - Considerar riscos relacionados à divulgação de imagem, quando houver filmagens ou registros fotográficos. - Estigmatização – divulgação de informações - Invasão de privacidade. - Divulgação de dados confidenciais. - Interferência na vida e na rotina das sujeitas. - Embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais. Esses riscos poderão ser minimizados por meio da assistência imediata – é aquela emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite; e assistência integral – é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa; como ressarcimento financeiro por danos eventuais, ou acompanhamento por parte da pesquisadora em qualquer processo prejudicial a você em decorrência da pesquisa. Como benefícios da pesquisa você irá contribuir com conscientização das mulheres participantes do processo de machismo que vivenciam ao longo de suas vidas; O empoderamento e emancipação das mulheres participantes; O fim de ciclos abusivos; As participantes tornarem-se multiplicadoras desse processo em seus outros espaços de ocupação; Refletir a partir dos currículos escolares a importância da Pedagogia Feminista na educação desde os anos iniciais, para que a educação saia do papel de aliada na manutenção dessa estrutura de poder.

Em caso de algum problema que você possa ter relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada por meio da pesquisadora responsável, através de acompanhamento especializado seja psicológico ou social.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para Yoná Luma Campos Ferreira, celular (99) 99145-1595, situada na Rua Goiás, nº 244-A, Vila Tancredo Neves, Açailândia – MA, ou pelo email yonna_luma@hotmail.com.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você.

Os dados que você irá nos fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

_____ (rubrica do Participante/Responsável legal) _____ (rubrica do Pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Sua participação consiste em conceder e permitir a gravação/coleta de áudio e vídeo de suas falas, observação de suas falas e posterior transcrição das narrativas orais ou quaisquer outros dados (mapas textuais, desenhos, cartas e etc) para construção das mandalas pedagógicas, produto final desta pesquisa. A participação nessa pesquisa é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Os registros ficarão guardados sob responsabilidade da pesquisadora por um período de cinco anos, após este prazo eles serão destruídos, respeitando os princípios éticos contidos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que envolve pesquisa com seres humanos. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo se assim quiser, sendo omitidas todas as informações que permitam identificá-la, mas se preferir também estará autorizando o uso de seu nome na pesquisa, ficando a seu critério escolher.

Caso você tenha algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, eles serão assumidos pelo pesquisadora e reembolsado para você.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você terá o direito de buscar indenização nas instancias legais. (Item IV - 4.c da Resolução Nº466 de 12/12/2012).

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão, no telefone (98) 2109-1250, através do e-mail cep@ufma.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h, no Hospital Universitário Presidente Dutra, Rua Barão de Itapary, nº 227, Centro, São Luís-MA. CEP: 65020-070.

Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento foi impresso em duas vias e deverá ser rubricado em todas as páginas e assinadas, na última página por você ou por seu representante legal. Uma via ficará com você e a outra com o pesquisador responsável.

_____ (rubrica do Participante/Responsável legal)

_____ (rubrica do Pesquisador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar. Diante das informações acima expostas, declaro que fui orientada quanto ao teor da pesquisa e após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado/a, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Açailândia/MA, 04 de março de 2024.

Clerilde Rosa Souza

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Lúcia da Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Suzilene Brito do Nascimento

Assinatura da participante da pesquisa

Consolidar
avanços
e vencer
desafios

_____(rubrica do Participante/Responsável legal)

_____(rubrica do Pesquisador)

Página 4 de 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Maria clud Souza de Almeida

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Dion Souza

Assinatura da participante da pesquisa

Maitani de Franca Souza

Assinatura da participante da pesquisa

Rosana da Silva Coelho

Assinatura da participante da pesquisa

Francielyna Silva Louvalcenti

Assinatura da participante da pesquisa

Antonia Lúcia Martins Silva do Nascimento

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Lucilene da Geração

Assinatura da participante da pesquisa

Ezequiel da Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Carmelia da Louçã

Assinatura da participante da pesquisa

Enir dos Santos Simplicio

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Lusineide Lima

Assinatura da participante da pesquisa

Consolidar
avancos
e vencer
desafios

(rubrica do Participante/Responsável legal)

(rubrica do Pesquisador)

Página 5 de 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Emilena da S. Laksakanti

Assinatura da participante da pesquisa

Darquiana Rodriguez da Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Hosana Meireles Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Daniela Alves

Assinatura da participante da pesquisa

Maria Sorcia Pereira de Sousa

Assinatura da participante da pesquisa

Raimunda Maria Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Daniella de Jesus da Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Rosilene Ribeiro dos Santos

Assinatura da participante da pesquisa

Alana Luísa Monteiro P. Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Lizakira Castro Lima

Assinatura da participante da pesquisa

Reskanny Rocha Ferreira

Assinatura da participante da pesquisa

Consolidar
avanços
e vencer
desafios

(rubrica do Participante/Responsável legal)

(rubrica do Pesquisador)

Página 6 de 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
 AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
 INTERNACIONALIZAÇÃO – AGEUFMA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
 EDUCATIVAS – PPGFOPRED

Arivaldeze dos Santos morão

Assinatura da participante da pesquisa



Maria de Lourdes da Luz

Assinatura da participante da pesquisa

Marcos Vinícius da Silva Borges

Assinatura da participante da pesquisa

Márcia da Silva Andrade

Assinatura da participante da pesquisa

Geilene da Conceição Silva

Assinatura da participante da pesquisa

Yoná Luma Campos Ferreira

Yoná Luma Campos Ferreira

Assinatura da pesquisadora responsável

Consolidar
avanços
e vencer
desafios

(rubrica do Participante/Responsável legal)

(rubrica do Pesquisador)

Página 7 de 2

Apêndice D – PARECER SUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANALISANDO A PEDAGOGIA FEMINISTA NA EDUCAÇÃO POPULAR ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN DE AÇAILÂNDIA-MA

Pesquisador: Yoná Luma Campos Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78537324.0.0000.5087

Instituição Proponente: Universidade Federal do Maranhão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.053.371

Apresentação do Projeto:

A dissertação origina-se para no Programa de Pós Graduação e Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de mestra. Tendo por título: ANALISANDO A PEDAGOGIA

FEMINISTA NA EDUCAÇÃO POPULAR ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DO PROJETO MULHER MARAVILHA DO CENTRO DE DEFESA DA VIDA E DOS DIREITOS HUMANOS CARMEN BASCARÁN DE AÇAILÂNDIA-MA.

O público alvo desta pesquisa são mulheres em vulnerabilidade social que moram no bairro chamado de Vila Ildemar, o maior bairro do Estado do Maranhão, onde os índices de violências são alarmantes. As mulheres participam do projeto Mulher Maravilha, que tem seu início no ano de 2014, tendo por objetivo o empoderamento e emancipação de mulheres através da pedagogia feminista e aulas de exercícios físicos no espaço de

educação popular que é uma Organização Não Governamental chamada de Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán.

CDVDH/CB da cidade de Açailândia no estado do Maranhão. O CDVDH/CB é uma organização de Direitos Humanos que tem como missão:

Defender a dignidade da vida e os direitos humanos onde mais forem ameaçados com atenção privilegiada às pessoas mais empobrecidas,

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.371

exploradas e oprimidas (Art. 3º Estatuto Social).

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa é a pesquisa ação, além de observação participativa, tendo em vista que além de ser a pesquisadora também faço parte de todo o processo de criação deste projeto realizando as atividades com essas mulheres. A abordagem teórico/metodológico está baseada no materialismo histórico dialético. No Referencial Teórico trago autoras (es) que discutem a pedagogia feminista e a educação popular como: Silva (2010) Ochoa (2008) Perrot (2007) Silva (2005) Arroyo (2003) Freire (1987).

O lócus desta dissertação se dá na cidade de Açailândia - Maranhão, mais precisamente no Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos

Carmen Bascarán - CDVDH/CB onde desenvolvemos a turma fundadora do projeto Mulher Maravilha, no bairro da Vila Ildemar foco de investigação dessa dissertação.

O processo metodológico utilizado para realização deste projeto é a abordagem qualitativa observando os fatos, comportamentos e mudanças ao longo deste processo educacional e pedagógico, a fim de mostrar o quanto a Pedagogia Feminista é eficaz, em especial no contexto da Educação Popular. A abordagem teóricametodológica desse trabalho dissertativo está baseado no materialismo histórico dialético.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as práticas da Pedagogia Feminista dentro do espaço de Educação Popular, no projeto Mulher Maravilha do Centro e Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia - Ma.

Objetivo Secundário:

- Historicizar o Movimento Feminista, a Pedagogia Feminista na Educação Popular como processo de luta pelos Direitos das Mulheres na sociedade;
- Exemplificar o Projeto Mulher Maravilha do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos Carmen Bascarán de Açailândia- Ma identificando suas práticas em Pedagogia Feminista;
- Criar através dos círculos de cultura mandalas pedagógicas que exemplifiquem através de um material concreto o projeto Mulher Maravilha, sua metodologia e seus resultados na vida das mulheres participantes.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.371

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O Machismo está na estrutura da sociedade e por si já oferece riscos não apenas as mulheres, mas a toda a sociedade. O risco que a pesquisa oferece é:- Nas relações pessoais das participantes que através do projeto tem seu empoderamento podem ter alguns atritos e/ou conflitos em suas relações a partir da conscientização que as mesmas passam a ter de seus direitos e todo o processo de machismo vivenciado ao longo de suas trajetórias.

Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa são:- A conscientização das mulheres participantes do processo de machismo que vivenciam ao longo de suas vidas;- O empoderamento e emancipação das mulheres participantes;- O fim de ciclos abusivos;- As participantes tornarem-se multiplicadoras desse processo em seus outros espaços de ocupação.- Refletir a partir dos currículos escolares a importância da Pedagogia Feminista na educação desde os anos iniciais, para que a educação saia do papel de aliada na manutenção dessa estrutura de poder.

Os riscos foram devidamente esclarecidos e os benefícios proporcionados pela pesquisa são mais significativos. Estão adequados aos propósitos do CEP.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A importância dessa pesquisa consiste em perceber o quanto a Pedagogia Feminista dentro desse espaço de educação popular é importante na vida das mulheres e, possibilita a ruptura das tantas violências estruturais causadas pelo machismo que por diversas vezes ceifa a vida de milhares de mulheres. É através dessa metodologia que vem se realizando uma transformação na consciência e na vida das mesmas, reverberando no seu empoderamento e as transformando em agentes multiplicadoras dessa metodologia em todos os seus espaços de ocupação. Além de perceber o quanto se faz importante a incorporação da Pedagogia Feminista nos espaços formais de educação desde os anos iniciais, pensando uma educação

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.371

que promova o respeito pelas mulheres e sua emancipação é possível construir uma sociedade melhor para todas as pessoas. Como produto dessa pesquisa temos a construção de mandalas pedagógicas a partir das trocas através dos círculos de cultura com essas mulheres.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE e o TCUd estão adequadamente redigidos, em sintonia com a Resolução CNS n. 466/12.

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendência

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2210939.pdf	26/03/2024 11:12:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	26/03/2024 11:06:34	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Outros	ConsentimentoLivreEsclarecidoAssinadoPelasParticipantesDaPesquisa.pdf	12/03/2024 14:52:19	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.pdf	12/03/2024 14:48:59	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Outros	DeclaracaoDeLibracaoLocal.pdf	07/03/2024 10:25:09	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/03/2024 10:24:35	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	07/03/2024 10:23:52	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	05/03/2024 14:36:47	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

Bairro: Bacanga

CEP: 65.080-805

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 7.053.371

Ausência	TCLE.pdf	05/03/2024 14:36:47	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TCUD.pdf	05/03/2024 14:35:45	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	05/03/2024 14:34:36	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	05/03/2024 14:30:59	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	05/03/2024 14:27:41	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	05/03/2024 14:27:25	Yoná Luma Campos Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 04 de Setembro de 2024

Assinado por:
Emanuel Pércles Salvador
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado
Bairro: Bacanga **CEP:** 65.080-805
UF: MA **Município:** SAO LUIS
Telefone: (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br